

Marina Alves Amorim

***Tempos dos Femininos e a
Educação das Mulheres:***

Uma microanálise das experiências de
três gerações (Belo Horizonte/MG;
1933-2003).

Belo Horizonte
Abril/2004

Marina Alves Amorim

***Tempos dos Femininos e a
Educação das Mulheres:***

Uma microanálise das experiências de
três gerações (Belo Horizonte/MG;
1933-2003).

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação da Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Minas Gerais,
como parte dos requisitos necessários
para a obtenção do título de mestre em
educação, sob orientação da Profa. Dra.
Maria Cristina Soares de Gouvêa e co-
orientação da Profa. Dra. Inês Assunção
de Castro Teixeira.

Belo Horizonte
Abril/2004

As Giselas, Ângelas e Lauras anônimas esparramadas por este mundo tão grande, que constroem, desconstroem e reconstroem, cotidianamente, as condições femininas.

Agradeço...

- a Ângela, Gisela e Laura, que me confiaram suas vidas.
- a Cristina, que me deixou aprender ... e *"deixar aprender não é um nada fazer, senão que é um fazer muito mais difícil e muito mais exigente do que ensinar o que já se sabe"*.
- a Inês, pela animação só sua, que me incentiva tanto, e pelo olhar cuidadoso.
- a Eliane Marta, Regina Helena, Nilma e Thaís, que aceitaram o convite para conversar.
- ao Programa de Pós-Graduação da FaE-UFMG, espaço de desenvolvimento dessa pesquisa.
- ao CNPq, pelos seis meses de bolsa.
- ao GEPHE, pelo suporte.
- ao pessoal da Secretaria da Pós, pela presteza.
- ao Bernardo, a Cecília, e a Natércia, pelas tardes de quarta.
- a Denice Catani, pelos trabalhos apresentados na ANPEd.
- ao pessoal da Hemeroteca do Estado, pelas gentilezas.
- a Luciana, ao Mário, a Natércia (de novo) e ao Fernando, pelo GEENE.
- a Celinha, ao Gil e a Nila, com quem dividi e discuti minhas idéias e angústias cotidianamente, nos últimos tempos; com quem tenho aprendido tanto.
- aos amigos e colegas que leram e releeram.
- a Cândida, pelas trocas.
- a "turma dos que merecem do mestrado", pelos espaços educativos não-escolares que construímos.
- a Lígia, Michel e Inês (de novo), que guiaram meus primeiros passos na pesquisa.
- a Thaís, que bem sabe aonde essa história começou.
- a Avani, as Cláudias, a Marinês e a Rita, que me apresentaram tantas coisas da área da educação.
- a mamãe e ao papai, que acompanharam de perto essa minha travessura de projeto de historiadora e todas as outras (tantas) travessuras da minha vida.
- ao Pedro, que tornou os últimos meses de mestrado mais leves e a minha vida mais feliz.
- ao Flavinho, que dividiu comigo o escritório, o computador e os 22 anos.
- aos meus amigos, queridos e fundamentais.

Resta, contudo, a dificuldade de conhecer algo além da face externa e pública da vida privada; a impossibilidade de chegar ao outro lado do espelho. Nesse âmbito, o dizível fabrica o indizível, a luz cria a sombra. O não-dito, o desconhecido, o incognoscível – e a consciência trágica que temos disso – avançam no ritmo do saber que cava sob nossos pés mistérios insondáveis. Sem dúvida, haveria necessidade de outros métodos de leitura, inspirados na semiótica ou na psicanálise. Permanece a irreduzível opacidade do objeto, desde o momento em que se pretende ir além de uma história social do privado e fazer uma história dos indivíduos, de suas representações e emoções, para além dos grupos e das famílias: história dos modos de agir, viver, sentir e amar, dos impulsos do coração e do corpo, do fantasma e do sonho; não só uma história balzaquiana das intrigas familiares, mas também uma história nervaliana do desejo, uma história proustiana e musical das intimidades.

Michelle Perrot

Resumo

Investiguei alguns aspectos dos processos educativos dos femininos, pensados a partir de cinco momentos da vida de mulheres: a menarca, o primeiro namoro, a perda da virgindade, o casamento e a maternidade. Analisei as experiências de mulheres brancas, de três gerações, de uma família belorizontina da classe média, com o objetivo de observar as rupturas e as permanências dos femininos e dos seus aprendizados.

Realizei entrevistas com as três mulheres envolvidas na pesquisa, que constituem as principais fontes históricas utilizadas, no desenvolvimento do trabalho, e as analisei à luz da micro-história.

Sumário

Introdução.....	08
Capítulo I	
História da Educação e História das Mulheres: Ponto de Encontro....	24
Capítulo II	
Gisela, Ângela e Laura: Fragmentos de Histórias das Trajetórias de Vida e de Histórias da Família.....	38
Gisela.....	38
Ângela.....	45
Laura.....	58
Capítulo III	
Tempos dos Femininos e a Educação das Mulheres	73
O Tempo da Menarca.....	73
O Tempo do Primeiro Namorado.....	79
O Tempo da Perda da Virgindade.....	88
O Tempo do Casamento.....	93
O Tempo da Maternidade.....	107
Considerações Finais.....	116
Fontes Primárias.....	122
Referências Bibliográficas.....	123

Introdução

O Colégio Santa Maria, primeiro educandário feminino, católico e particular de Belo Horizonte, um dos principais estabelecimentos de ensino freqüentados pelas moças da elite belorizontina, na primeira metade do século XX, foi fundado, em 1903. Considerado sinônimo de boa educação, funcionou, aos cuidados de freiras dominicanas, até 1968, merecendo destaque, no cenário educacional da capital mineira, seja devido a seu pioneirismo e às suas quase sete décadas de existência, seja devido ao número de mulheres que formou e ao valor que lhe foi atribuído socialmente (HADDAD & SANTOS, s.d.).

Analisei as trajetórias de vida de sete ex-alunas dessa instituição de ensino, a partir de seus respectivos relatos orais de vida,¹ na minha pesquisa para o bacharelado em história, que deu origem a monografia *Trajetoárias de vida de ex-alunas do Colégio Santa Maria* (AMORIM, 2001).²

O objetivo dessa pesquisa era desvelar a intimidade da experiência pessoal de um conjunto de ex-alunas, que estudaram, no estabelecimento mencionado, entre as décadas de 30 e 60 do século XX, no intuito de atingir o “universo” do Colégio Santa Maria, entre 1936 e 1968.³ O que foi considerado como universo, vale explicitar, ultrapassa os muros da instituição de ensino e engloba as próprias trajetórias de vida de suas alunas.

¹ O relato oral de vida, segundo Alice LANG (1996), é uma forma menos ampla e livre de entrevista que a chamada história oral de vida, já que a narração do entrevistado é mais direcionada para um tema determinado previamente, sem, entretanto, chegar ao sintetismo da chamada história oral temática.

² Tal pesquisa foi desenvolvida junto ao Departamento de História da FAFICH-UFMG e ao Programa de História Oral do Centro de Estudos Mineiros (CEM) da FAFICH-UFMG, sob a orientação das professoras Thaís Velloso Cougo Pimentel e Ligia Maria Leite Pereira, com o apoio financeiro do CNPq (PIBIC), entre os anos de 1999 e 2001.

³ O recorte temporal, que se estende de 1936 a 1968, limitou a pesquisa ao período em que o Colégio Santa Maria funcionou aos cuidados de freiras dominicanas, seguindo um programa oficial de ensino. O educandário deixou de seguir um currículo livre e passou a seguir outro equiparado ao do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, em 1936, e, a partir de 1969, passou a funcionar sob responsabilidade da Sociedade Mineira de Cultura, e não mais da ordem dominicana.

Ao longo da realização das entrevistas, a pluralidade bem maior que a esperada de leituras do Colégio Santa Maria surpreendeu-me. Os depoimentos das ex-alunas não apresentavam uma única instituição de ensino, mas várias, e, muitas vezes, completamente antagônicas, em função das trajetórias individuais das entrevistadas. Suas falas revelavam uma relação dialógica entre os vários processos educativos que elas vivenciavam, que perpassava a própria constituição e reconstituição desses processos e, conseqüentemente, definia e redefinia o trajeto de cada menina pela escola e da escola por cada menina.

Diante disso, comecei a questionar a escolha de um educandário para moças (como o Colégio Santa Maria) ou outro espaço educativo qualquer como objeto de pesquisa a ser explorado, quando se quer compreender o aprendizado dos femininos. Comecei também a repensar o lugar dos sujeitos da educação, no caso as próprias mulheres, nos questionamentos que vinha elaborando. Existia uma grande diferença entre uma história da educação centrada em um ou outro espaço educativo e uma história da educação centrada nos sujeitos, ou seja, entre focalizar um lugar da educação das mulheres e a própria educação dessas mulheres.

Surpreendeu-me, ainda, a existência de uma grande proximidade, entre determinadas falas das senhoras entrevistadas e das jovens de classe média da atualidade, no que toca a questão de gênero, sendo que a diferença de idade entre elas chegava a sessenta anos. Tal constatação sugeria que, apesar do processo de emancipação das mulheres, ocorrido ao longo do século XX, ser considerado uma verdadeira revolução social, dada a rapidez e a profundidade das transformações, perdura, nas jovens de hoje, muito do tempo de suas bisavós, avós e mães. Um fio de permanência, mais forte talvez do que se imagina, parecia unir umbilicalmente, portanto, as gerações de mulheres, assim como rupturas separavam-nas de maneira radical.

Essas duas constatações motivaram-me a escrever o projeto de pesquisa para o mestrado em educação, que deu origem a esta dissertação. Tentar construir uma história da educação feminina, pelo viés dos sujeitos da educação e não dos espaços educativos, e explorar as rupturas e

especialmente as permanências que perpassam, ao longo do século XX, os femininos e seus aprendizados, enfim, a própria história das mulheres, eram desafios tentadores.

Surgiram novas questões de pesquisa. Como mulheres brancas, belorizontinas, das camadas médias, experienciam alguns momentos específicos das suas vidas? Processos educativos dos femininos estão implicados nas experiências desses momentos? Ou seja, uma mulher se torna mulher simplesmente sendo o que é? Que aspectos do aprendizado da “complicada arte de ser mulher” podem ser analisados, a partir das experiências de certos momentos da vida? Como esses aspectos podem ser analisados?

Tais indagações delimitam o objeto de estudo desta pesquisa, que são alguns aspectos dos processos educativos dos femininos, pensados a partir da experiência de cinco momentos da vida, quais sejam: a menarca, o primeiro namoro, a perda da virgindade, o casamento e a maternidade. Esses momentos são experimentados por um número significativo de mulheres brancas das camadas médias, a partir da adolescência, e considerados marcos importantes nas trajetórias femininas, nesse grupo social.

O recorte não privilegia um lugar da educação dos femininos, mas tempos das vidas de mulheres. Os momentos selecionados podem ser também considerados eventos, nas trajetórias individuais femininas, sendo que falar em eventos, numa perspectiva histórica, é falar em acontecimentos, em fatos, que deixam um rastro único e singular, que marcam a história por suas conseqüências imutáveis e particulares (DUMOULIN, 1993).⁴ Experimentados pelos sujeitos em suas trajetórias de gênero, supõe-se que eles possuem uma capacidade de formação e de transformação, no âmbito da educação das mulheres, configurando-se como tempos educativos dos femininos.

⁴ Desde o século XIX até a chamada Era Braudel da Escola dos Annales, a denominada *Histoire Événementielle* foi sendo progressivamente abandonada, em nome de uma história sensível aos movimentos de longo prazo. É perceptível, entretanto, de pouco tempo para cá, uma retomada do evento pelos historiadores, em uma nova perspectiva, como “(...) sintoma, ponto de observação, reflexo das estruturas e agente de sua evolução (...)”. (DUMOULIN, 1993, p.215-316).

Considerando as proposições de Jorge LARROSA (2002b; 2002c), pode-se afirmar que as mulheres não apenas vivenciam, mas experimentam os momentos da vida selecionados. O autor propõe pensar a educação a partir do par experiência e sentido, da relação entre a vida humana e o conhecimento. Dentro dessa perspectiva, o que importa é a experiência, o sujeito da experiência e o saber de experiência. "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca" (LARROSA, 2002c, p.21). O sujeito da experiência, por sua vez,

se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é "*o que nos pasa*", o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é "*ce que nous arrive*", o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como "*aquilo que nos acontece, nos sucede*", ou "*happen to us*", o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos (LARROSA, 2002c, p.24).

Finalmente, o saber de experiência é

...como uma aprendizagem no e pelo padecer, no e por aquilo que nos acontece (...) o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (LARROSA, 2002c, p. 27).

Sobre os processos de educação dos femininos, vale um esclarecimento. A teorização feminista, na qual o gênero é um conceito fundamental, nega a existência de uma distinção biológica, natural, entre

homens e mulheres, e afirma o seu caráter fundamentalmente social, demonstrando

...que não são propriamente as características sexuais, mas (...) a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (LOURO, 2001, p.21).

Afirmar a existência de processos educativos dos femininos é afirmar que as pessoas não nascem mulheres, prontas para representar os papéis sociais que as sociedades tradicionalmente reservam ao sexo feminino, mas que elas precisam ser preparadas, educadas para a representação desses papéis sociais, precisam aprender as condições femininas, enfim, tornar-se mulheres. Os processos educativos dos femininos encarnam, portanto, a negação da existência de uma natureza feminina e a afirmação, em contrapartida, da existência de femininos construídos historicamente.⁵

A pesquisa está voltada, além disso, para três quadros históricos distintos, definidos por um recorte geracional. Objetiva analisar as experiências de cinco momentos da vida de mulheres brancas de três gerações de uma mesma família da classe média belorizontina – Gisela, sua filha Ângela e sua neta Laura⁶ – buscando apontar, a partir das peculiaridades de cada geração, os movimentos de ruptura e especialmente de permanência dos femininos e dos seus aprendizados.

A geração é, portanto, uma categoria de análise fundamental, no desenvolvimento do trabalho, sendo que as proposições teóricas de Karl MANNHEIM (1982) sobre o problema sociológico das gerações foram tomadas como balizas.

⁵ A discussão a respeito da categoria gênero é tratada de forma bastante sucinta, apesar da sua centralidade no desenvolvimento da pesquisa, visto que a mesma é bastante difundida no campo educacional.

⁶ Gisela, Ângela e Laura são pseudônimos que preservam as mulheres envolvidas no desenvolvimento da pesquisa.

De acordo com MANNHEIM (1982), a posição de geração, assim como a posição de classe, é um fato objetivo, quer o indivíduo em questão tenha ou não consciência dela, e quer a aceite ou não.⁷ A unidade de geração, por sua vez, é constituída, essencialmente, através da similaridade de situação de vários indivíduos, dentro do todo social.

Pertencer a mesma geração, para MANNHEIM (1982), significa, portanto, vivenciar uma situação comum no processo histórico, o que restringe a gama de experiências possíveis aos indivíduos, predispondo-os a um certo modo característico de pensamento e experiência e a um tipo característico de ação historicamente relevante. Uma situação de geração possui uma tendência, aponta em direção a certos modos definidos de comportamento, sentimento e pensamento.

MANNHEIM elenca (1982, p. 74) cinco fenômenos básicos que estão implicados no simples fato das gerações existirem:

- a) novos participantes do processo cultural estão surgindo, enquanto
- b) antigos participantes daquele processo estão continuamente desaparecendo;
- c) os membros de qualquer uma das gerações apenas podem participar de uma seção temporalmente limitada do processo histórico, e
- d) é necessário, portanto, transmitir continuamente a herança cultural acumulada;
- e) a transição de uma para outra geração é um processo contínuo.

Em função da emergência contínua de novos participantes e do contínuo desaparecimento de prévios participantes no processo cultural, e do fato dos membros de qualquer uma das gerações poderem participar somente de uma seção temporalmente limitada do processo histórico, a

⁷ Sem dúvida, o mesmo vale para a posição de gênero.

criação e a acumulação culturais nunca são realizadas pelos mesmos indivíduos. Isso significa, primeiramente, que a nossa cultura é desenvolvida por indivíduos que entram de maneira diferente em contato com a herança acumulada, sendo que um contato original sempre implica em um relacionamento também original, um distanciamento em relação ao objeto e uma nova abordagem na assimilação, uso e desenvolvimento desse objeto. Por outro lado, é possível afirmar a existência de uma capacitação para o esquecimento, tendo em vista que somente o conhecimento adquirido pessoalmente de fato permanece e possui um poder real (MANNHEIM, 1982).

A existência das gerações também impõe à sociedade a necessidade de transmissão constante da herança cultural. Entretanto, a passagem automática às novas gerações dos modos tradicionais de vida, sentimentos e atitudes é muito difícil, tendo em vista que a geração mais velha se agarra à reorientação que foi o drama da sua juventude, enquanto a mais jovem está mais próxima dos problemas atuais, está consciente de um processo de desestabilização do qual toma partido. Essa tensão soluciona-se apenas porque as gerações estão em interação constante, logo a mais velha ensina a mais jovem e vice-versa. E, como a transição de uma para outra geração ocorre continuamente, essa interação, as diferenças e atritos que ela envolve, tende a se tornar mais suave (MANNHEIM, 1982).

Esses dois pontos das proposições de MANNHEIM (1982) foram destacados justamente porque eles elucidam uma questão que esta pesquisa se propôs analisar: o que se transforma e o que permanece, em relação aos femininos e seus aprendizados, considerando as experiências de alguns momentos da vida de mulheres brancas, de três gerações de uma mesma família da classe média belorizontina? As proposições do autor pontuam a necessidade de transmissão constante da herança cultural de uma geração a outra e a tendência das novas gerações a romper, em certa medida, com essa herança, ou seja, teorizam acerca das permanências e das rupturas inter-geracionais.

No plano teórico-metodológico, este trabalho se sustenta na micro-história, proposta historiográfica de um grupo de historiadores italianos,

dentre os quais merece destaque o nome de Carlo Ginzburg, datada do final da década de 70 do século XX (REVEL, 1998a).

A princípio, é interessante localizar tal proposta historiográfica, no quadro mais geral da teoria e metodologia históricas. A Escola dos Annales "(...) *concepção da ciência histórica, de suas exigências metodológicas, de seu objetivo, de suas relações com as outras ciências do homem que Bloch, Febvre e seus discípulos desenvolveram (...)*" (BURGUIÈREa, 1993, p.49), é tradicionalmente dividida em três gerações. A primeira estende-se de 1920 a 1945; a segunda, também conhecida como Era Braudel, estende-se de 1946 a 1967; e a terceira inicia-se por volta de 1968. Diferentemente da primeira geração, centrada nas figuras de Marc Bloch e Lucien Febvre, e da segunda geração, dominada por Fernand Braudel, a terceira geração envolve um núcleo central composto por diversos nomes. Sua característica principal é a pulverização de enfoques e de temáticas, ou seja, uma profunda fragmentação, em oposição aos dois momentos iniciais (BURKE, 1997). A micro-história, tal como a história das mentalidades e a história cultural, ou ainda a história da vida privada e a história das mulheres, por exemplo, é uma proposta historiográfica que compõe essa terceira geração da Escola dos Annales (VAINFAS, 1997).

Uma certa "anarquia epistemológica" marca a micro-história. Pode-se falar da ausência de um programa unificado e articulado que lhe conceda, desde o início, o estatuto de uma proposição historiográfica alternativa e a legitimidade de uma escola histórica. Na verdade, ela é antes uma experiência de trabalho realizada por historiadores, que se aproximaram em função de suas trajetórias e sensibilidades, mas que desenvolveram projetos muitas vezes distintos, a partir de referenciais teóricos variados. As múltiplas experiências de microanálise não devem, portanto, ser confundidas, dada a diversidade e até mesmo o antagonismo de suas premissas e seus caminhos (REVEL, 1998a). Entretanto, a micro-história possui um certo número de traços característicos:

...guarda uma distância crítica em relação à abordagem macrossocial que, sob modalidades diversas e muitas vezes

tacitamente, por muito tempo dominou a pesquisa em história e em ciências sociais; (...) se esforça para dar à experiência dos atores sociais (...) uma significação e uma importância frente ao jogo das estruturas e à eficácia dos processos maciços, anônimos, inconscientes, que por muito tempo parecem ser os únicos a chamar a atenção dos pesquisadores (REVEL, 1998a, p.10).

Os micro-historiadores apostam que, mudando a escala de observação utilizada nas pesquisas de modo a aumentar o objeto de estudo, colocam-se diante de uma outra trama, de uma outra realidade social.

Fenômenos maciços, que estamos habituados a pensar em termos globais, como o crescimento do Estado, a formação da sociedade industrial, podem ser lidos em termos completamente diferentes se tentamos apreendê-los por intermédio das estratégias individuais, das trajetórias biográficas, individuais ou familiares, dos homens que foram postos diante deles (REVEL, 1998a, p.13).

Tais fenômenos não se tornam menos importantes por isso, mas ao serem reconstruídos de maneira diferente, reconsideram a experiência dos atores sociais, concedendo-lhes toda uma significação, já que deixam simplesmente de impor a sua lógica aos comportamentos dos indivíduos, de governar a vida dos homens, independentemente das trajetórias e das experiências sociais individuais. É a complexidade do social, o embaralhamento de suas lógicas, que a micro-história permite emergir (REVEL, 1998a).

Quanto às relações entre as abordagens micro e macroanalíticas, é preciso explicitar a posição adotada. O princípio da variação da escala de observação é um recurso de excepcional fecundidade, porque possibilita que se construam objetos complexos e, portanto, que se leve em consideração a estrutura folheada do social. Nenhuma escala tem privilégio *a priori* sobre a outra, já que é o seu cotejo que traz maior benefício analítico e, além disso, são os objetivos das pesquisas que apontam em uma ou outra direção. É o que Jacques REVEL (1998a) denomina de posição relativista, em contraposição a uma outra fundamentalista, que afirma que o micro

engendra o macro, na produção das formas e das relações sociais, pois é nele que operam os processos causais eficientes, logo o primeiro possui privilégio sobre o segundo.

A forma como a opção de reconsiderar a experiência dos atores sociais foi concebida, vale dizer, busca simplesmente explicar a lógica de significação dessas experiências em suas singularidades, o que não se confunde com ceder à vertigem do individual ou mesmo do excepcional, mas acreditar que essas vidas minúsculas participam à sua maneira da história, da qual elas fornecem versões distintas e complexas. O objetivo, assim, não é apreender conjuntos, caracterizar comportamentos médios e globais, a partir das experiências de três mulheres.

A seleção da família envolvida no desenvolvimento da pesquisa, finalmente, partiu da monografia para o bacharelado em história já mencionada. Os nomes das mulheres envolvidas nessa pesquisa que possuíam filha(s) e neta(s) foram levantados. Elas foram contatadas e inteiradas do projeto a ser realizado. Montou-se uma pequena lista de grupos familiares que se dispuseram a participar do seu desenvolvimento. Enfim, optou-se pelo de Gisela, Ângela e Laura, sobretudo, em função do interesse que Gisela e Ângela demonstraram, o que sem dúvida facilitaria a realização de um trabalho voltado para a esfera privada da vida privada. Gisela fazia uma avaliação muito positiva do seu envolvimento na pesquisa anterior. Ângela é pedagoga, mestre em educação, professora universitária e tem realizado pesquisas que lançam mão da metodologia da história oral. O projeto a ser desenvolvido lhe pareceu muito interessante.

Gisela é belorizontina, nascida em 1933. Seus pais vieram de Belo Vale, cidade do interior de Minas Gerais, para Belo Horizonte. Aqui, seu pai era proprietário de uma pensão, localizada na Praça da Estação. Gisela perdeu os pais, quando era muito jovem, e foi criada pelo mais velho dos seus dez irmãos, um delegado de polícia. Ela abandonou os estudos, antes mesmo de completar o primeiro grau. Trabalhou algum tempo na Secretaria Estadual de Segurança Pública, mas, por exigência do marido, deixou o emprego para se casar, dedicar-se a casa e a família. Gisela casou-se, aos vinte e oito anos, com um funcionário da Prefeitura de Belo Horizonte,

formado em engenharia civil, teve dois filhos e três netos. É católica fervorosa.

Ângela, filha de Gisela, também é de Belo Horizonte, do ano de 1962. Seu pai nasceu em Sete Lagoas, cidade relativamente próxima à capital mineira, em uma família de imigrantes libaneses. Mudou-se, para Belo Horizonte, para cursar engenharia civil. Além de trabalhar como engenheiro, construiu uma carreira, na Prefeitura de Belo Horizonte, chegando a ser Secretário Adjunto de Ações Especiais. Ângela formou-se em engenharia civil, como o seu pai. Trabalhou algum tempo nessa área e desistiu da profissão. Depois, foi funcionária pública estadual, cursou pedagogia, fez mestrado em educação e tornou-se professora universitária. Ângela se casou ainda muito jovem, quando tinha apenas dezenove anos, e logo teve dois filhos.

Laura, filha de Ângela e neta de Gisela, nasceu no ano de 1982, em Belo Horizonte, e é solteira. Formou-se em química, no CEFET-MG. Depois de iniciar os cursos de psicologia e direito, atualmente, é estudante de medicina em uma faculdade particular de Petrópolis, onde mora em função dos estudos. O pai de Laura, diferentemente da sua mãe, veio de uma família das camadas populares. Seus avós eram trabalhadores rurais, em Conceição do Mato Dentro, cidade do interior de Minas Gerais, que se mudaram para Belo Horizonte. Ele, especificamente, o caçula de onze filhos, é professor de educação física. Formou-se também em odontologia e trabalhou, nessa área, por algum tempo. Chegou ainda a ser comerciante.

Foram realizadas duas (02) sessões de entrevista com Gisela, quatro (04) com Ângela e três (03) com Laura, sendo que cada uma dessas sessões equivale a aproximadamente uma (01) hora de gravação.

A primeira das sessões de entrevista realizadas com cada uma das três mulheres abordou os cinco momentos da vida focalizados no projeto de pesquisa: a menarca, o primeiro namoro, a perda da virgindade, o casamento e a maternidade. Apenas cinco perguntas compuseram o roteiro de entrevista. O objetivo era que as mulheres descrevessem as suas experiências de cada um dos cinco momentos da vida, logo cada pergunta

se referia a um deles. Sem dúvida, trata-se da sessão de entrevista mais importante, dentre as que foram realizadas, em função do seu tema central.

A segunda sessão de entrevista realizada com Ângela e Laura preocupou-se com as suas trajetórias escolares e profissionais. Já a terceira sessão realizada com as duas trabalhou a história familiar do grupo. A escola, o trabalho, a família e os grupos de convívio que fomentam emergiram como importantes contextos de sociabilidade das vivências dos momentos focalizados pela pesquisa, na primeira sessão de entrevista realizada, o que justificou a escolha dos temas dessas outras duas sessões.

As três (03) sessões de entrevista realizadas com Gisela, ao longo do desenvolvimento da pesquisa da monografia, abordavam esses temas, logo não foi necessário tratá-los novamente. Cada uma dessas sessões também equivale a aproximadamente uma (01) hora de gravação.

Já a segunda sessão de entrevista realizada com Gisela tinha como objetivo responder um questionário, visto que ela se julgou incapaz de fazê-lo sozinha. Tal questionário, que também foi aplicado a Ângela e Laura, buscou mapear os espaços da cidade de Belo Horizonte pelos quais essas mulheres transitavam na infância e na adolescência, listar as suas fontes de saberes sobre sexualidade, casamento e maternidade, e conhecer as suas preferências, no que tange à imprensa, à literatura e ao cinema. A sessão de entrevista realizada com Gisela terminou explorando a fundo essas questões e ultrapassando os limites do mapeamento, da listagem e do conhecimento superficial. Vale ressaltar que as narrativas de Gisela, Ângela e Laura sobre os cinco momentos da vida focalizados pela pesquisa apresentaram a cidade de Belo Horizonte, a imprensa, a literatura e o cinema como contextos de sociabilidade dos processos educativos dos femininos. Além disso, destacaram variadas fontes de saberes sobre sexualidade, casamento e maternidade. O questionário também foi estruturado a partir desses dados contidos na primeira sessão de entrevista.

Os resultados da entrevista realizada com Gisela, a partir do questionário, foram tão positivos que os dados apresentados por Ângela terminaram também sendo trabalhados em uma sessão de entrevista.

Sendo assim, o roteiro da quarta sessão realizada com ela foi subdividido em duas partes e a segunda abordou os dados do questionário. Infelizmente, em se tratando de Laura, não foi possível fazer o mesmo. As três sessões de entrevista previstas já haviam sido realizadas e foi impossível para a entrevistada a realização de mais uma sessão.

Ângela autorizou a utilização do seu acervo fotográfico como fonte primária da pesquisa, desde que as fotografias não fossem incluídas no texto da dissertação, o que exporia publicamente a sua família. Como tal acervo se encontrava bastante organizado foi possível inventariá-lo e trabalhar a partir desse inventário. Os álbuns foram enumerados; as fotografias avulsas foram organizadas em conjuntos e esses conjuntos também foram enumerados. As fotografias de cada álbum e de cada conjunto foram quantificadas. Buscou-se listar os temas de cada álbum e de cada conjunto, além de identificar e quantificar as pessoas fotografadas.

A primeira parte da quarta sessão de entrevista realizada com Ângela retomou os momentos do casamento e da maternidade, através do álbum da cerimônia religiosa do casamento da entrevistada e de todas as fotografias que retratavam as suas duas gravidezes e os nascimentos dos seus filhos. O roteiro de entrevista almejava que Ângela descrevesse as fotografias e os seus sentimentos perante elas.

Não foi possível, infelizmente, realizar o mesmo procedimento, em se tratando de Gisela e Laura. No caso de Gisela, algumas impressões mais gerais, a partir de um conjunto de fotografias antigas, foram recolhidas e consideradas na heurística. Entretanto, a dispersão do acervo impossibilitou que a própria entrevistada o localizasse em sua casa, e a desordem dos conjuntos de fotografias localizados impossibilitou qualquer sistematização. Laura, por sua vez, afirmou não possuir um acervo fotográfico próprio, o que parece ser verdade, considerando que fotos de suas viagens para os Estados Unidos e a Europa, por exemplo, fazem parte do acervo fotográfico de Ângela. Na verdade, parece caber a Ângela a guarda da memória fotográfica da família.

A *Página Feminina* do *Estado de Minas* do ano de 1948 e o *Caderno Feminino* do mesmo jornal dos anos de 1977 e 1997, anos em que Gisela, Ângela e Laura respectivamente completaram quinze anos, também são fontes históricas consultadas. Por um lado, buscou-se listar todas as matérias e anúncios publicitários publicados, no intuito de conhecer o que cabia a mulher na imprensa mineira, nesses períodos, e, por outro, buscou-se selecionar as matérias e anúncios publicitários publicados que versavam sobre a menstruação, o namoro, a virgindade, o casamento e a maternidade, no intuito de criar um contraponto às falas das três mulheres.⁸

Resta apresentar a estrutura do texto desta dissertação. O primeiro capítulo, *História da Educação e História das Mulheres: Ponto de Encontro*, apresenta a produção do campo da história da educação no Brasil que aborda questões de gênero ou relativas às mulheres. Foi considerada, na análise, o conjunto da produção apresentada, no Grupo de Trabalho (GT) de História da Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), entre 1985, ano da sua fundação, e 2002. Tal apresentação aponta uma secundarização importante: a historiografia educacional brasileira sobre a educação feminina analisa principalmente os processos educativos escolares. Sendo assim, os processos educativos não-escolares⁹ ainda estão praticamente por ser explorados, pelos historiadores da educação brasileiros preocupados com os femininos e os seus aprendizados. Ao apontar essa secundarização, o balanço historiográfico demonstra a importância desta dissertação de mestrado.

O segundo capítulo, *Gisela, Ângela e Laura: Fragmentos de Histórias da Família e de Histórias das Trajetórias de Vida*, consiste na transcrição de parte das entrevistas recolhidas,¹⁰ ao longo do desenvolvimento da pesquisa. O seu objetivo é apresentar Gisela, sua filha Ângela e sua neta Laura, que são as mulheres envolvidas nesse processo, a partir das suas

⁸ Essas fontes, diferentemente dos demais documentos analisados, não foram indicados nas entrevistas de Gisela, Ângela e Laura.

⁹ A educação não-escolar, em contraposição à educação escolar, diz respeito a todo processo de ensino e aprendizagem que ocorre em outros contextos que não a escola. A expressão vem sendo utilizada pelo Grupo de Estudos sobre Educação Não-Escolar (GEENE) da FaE-UFMG, do qual faço parte.

próprias narrativas. São valorizados, nessa apresentação, fragmentos de histórias da família e fragmentos de histórias das suas trajetórias de vida, mais especificamente das suas trajetórias profissionais. Acredita-se que, dessa maneira, seja possível conhecer essas mulheres.

A utilização de fragmentos de histórias da família foi definida em função do próprio recorte da pesquisa. Trata-se de um estudo de microanálise que considera mulheres de três gerações de um único grupo familiar, sendo assim julgou-se necessário uma apresentação mais pormenorizada desse grupo familiar. Além disso, a família emergiu como uma referência muito forte, para Gisela, Ângela e Laura, inclusive, mais forte do que se esperava, o que também justifica essa escolha.

Os fragmentos de histórias das trajetórias profissionais, por sua vez, pontuam rupturas centrais, tão enfatizadas, nos trabalhos de história das mulheres no século XX, relacionadas à entrada das mulheres no mercado de trabalho. Tais rupturas associam-se a determinadas gerações de mulheres, conformando as experiências dos momentos da vida que constituem o objeto de estudo da pesquisa e servindo de contextos para eles.

São as particularidades das trajetórias de vida das mulheres envolvidas na pesquisa, vale dizer, que definiram a estruturação do segundo capítulo. A transcrição da fala de Gisela constitui um único bloco, tendo em vista que a família e a profissão, no seu caso, estão profundamente imbricadas. Já as transcrições das falas de Ângela e Laura constituem dois blocos, pois se observou a existência de uma esfera familiar e uma esfera profissional que, apesar de dialogarem, são independentes.

Enfim, o terceiro capítulo, *Tempos dos Femininos e a Educação das Mulheres*, explora as experiências de Gisela, Ângela e Laura dos cinco momentos da vida de mulheres focalizados pela pesquisa, que são a menarca, o primeiro namoro, a perda da virgindade, o casamento e a maternidade. Buscou-se pensar esses momentos enquanto tempos educativos dos femininos e contrapor as experiências das três mulheres envolvidas na pesquisa.

¹⁰ A transcrição, segundo André GATTAZ (1996), é o processo de reformulação da

Os momentos da vida analisados norteiam a estruturação desse capítulo, constituindo cinco subitens: *O tempo da menarca*, *O tempo do primeiro namoro*, *O tempo da perda da virgindade*, *O tempo do casamento* e *O tempo da maternidade*. Optou-se por estruturar cada um desses subitens em blocos constituídos pelas narrativas de Gisela, Ângela e Laura acerca de cada momento e pelas análises dessas narrativas.

Enfim, seguem as *Considerações Finais* sobre a pesquisa.

transcrição literal. Processa-se, então, uma intensa atividade sobre o texto.

Capítulo I

História da Educação e História das Mulheres: Ponto de Encontro

Os historiadores brasileiros de forma geral, nos últimos anos, têm se preocupado em analisar a sua própria produção, a partir da elaboração de balanços, que problematizam os rumos tomados pela historiografia no Brasil e indicam lacunas a serem exploradas em futuras pesquisas.¹¹

Este capítulo segue tal tendência e apresenta um balanço historiográfico. Entretanto, o seu objeto não é o campo do conhecimento histórico ou um dos seus campos temáticos em suas totalidades, e sim a produção do campo brasileiro da história da educação que aborda questões de gênero ou relativas às mulheres. É no ponto de encontro da história da educação com a história das mulheres que este trabalho de micro-história se insere.

Acreditava-se, inicialmente, que, conhecendo a historiografia educacional brasileira sobre a educação feminina, seria possível encontrar interlocutores e estabelecer diálogos. No entanto, o processo de construção deste balanço demonstrou que esse objetivo era inatingível. No Brasil, os historiadores da educação estudam, principalmente, os processos educativos escolares, conforme poderá ser observado. Em contrapartida, esta pesquisa analisa o aprendizado de gênero, a partir da experiência de alguns momentos da vida de mulheres. Ela se preocupa justamente com

¹¹ São exemplos desses balanços: *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia* (CARDOSO & VAINFAS, 1997), *Historiografia brasileira em perspectiva* (FREITAS, 1998), *Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira* (IGLÉSIAS, 2000), *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico* (MOTA, 1999), *Revisão do paraíso: os brasileiros e o Estado*

processos educativos que se dão para além da escola, temática secundária, no campo da história da educação no Brasil, o que impossibilitou a interlocução e o diálogo pretendidos.

Optou-se, mesmo assim, que o primeiro capítulo desta dissertação abordasse o balanço historiográfico elaborado. A sua apresentação serve para demarcar uma secundarização importante, na historiografia da educação brasileira. Além disso, a apresentação desse balanço localiza a pesquisa desenvolvida, no campo da história da educação, pontuando a sua originalidade.

O Grupo de Trabalho (GT) de História da Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), fundado em 1984, é um espaço dos mais importantes de socialização dos trabalhos desenvolvidos no campo da história da educação no Brasil (CATANI, 2002). É especialmente a partir do conjunto da produção apresentada no GT de História da Educação da ANPEd, entre 1985, ano da primeira reunião do grupo, e 2002, que a historiografia educacional brasileira foi analisada.

Nos termos propostos por Michelle PERROT (2001a,2001b,2001c), as mulheres foram, por muito tempo, excluídas da história, ao nível das narrativas históricas, por meio do silenciamento ou da utilização de imagens idealizadas, mitificadas e estereotipadas, e, ao nível das fontes primárias, base do trabalho do historiador, em consequência da relação diferenciada das mulheres e dos homens com o espaço público. É a partir da década de 60 do século XX, quando o movimento feminista ganha novo fôlego e começa a penetrar nas universidades, que o lado público feminino e a vida privada começam a ser registrados e problematizados, e o quadro descrito começa a se modificar (PERROT, 2001a, 2001b, 2001c; AMORIM, 2003a).

No caso do Brasil, entretanto, somente é possível falar do início da construção de uma história das mulheres, a partir da década de 80. A historiografia nacional, diante da dura realidade da ditadura militar pós 64, segundo Sandra PESAVENTO (2003), não despendia uma atenção especial

em 500 anos de história (DEL PRIORE, 2000) e *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC* (REIS, 1999).

para a questão feminina. Dominada por uma postura marxista de entendimento da história,

suas vertentes de análise preferenciais eram aquelas da história econômica, analisando a formação do capitalismo no Brasil, a transição da ordem escravocrata para a do trabalho livre e o surgimento do processo de industrialização. Por outro lado, realizava-se uma história dos movimentos sociais, em que, particularmente, eram estudados o proletariado industrial, com suas lutas de classes, bem como a formação do partido e do sindicato, todos esses estudos desembocando, nos anos 80, para uma análise das condições em que se davam a dominação e a resistência. No tocante à história política, eram privilegiados os trabalhos que discutiam a natureza do Estado e a formação dos partidos políticos no Brasil (PESAVENTO, 2003, p.10-11).

Assim sendo, o período coberto pelo GT de História da Educação da ANPEd, de 1985 a 2002, é significativo.

Prendas e antiprendas: uma história da educação feminina no Rio Grande do Sul, de autoria de Guacira Louro, foi o primeiro trabalho que aborda questões de gênero ou relativas às mulheres a ser apresentado, no GT de História da Educação da ANPEd, o que ocorreu em 1986. Trata-se da socialização de parte da tese de doutorado da autora, uma pesquisa sobre o Instituto de Educação de Porto Alegre, entre 1930 e 1971, que buscou compreender qual o seu papel na vida de suas alunas: seria um instrumento para a submissão ou a libertação? Referenciada no marxismo, a análise apresenta a escola como um instrumento para a submissão, mas que, em função de suas contradições internas, termina também sendo um instrumento para a libertação. As fontes históricas consultadas foram documentos escritos, revistas, textos, jornais e entrevistas com ex-alunas e ex-professoras.

Outro trabalho embasado na Escola Marxista, que foi apresentado, no GT de História da Educação da ANPEd, em 1993, e levantado durante a elaboração deste balanço historiográfico, é *Práticas discursivas na produção e reprodução de gênero*, de autoria de Marie Jane Carvalho. O seu tema

central é a relação entre as mudanças ocorridas na economia, a partir do final do século XIX, mais especificamente o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, e a criação e recriação das práticas discursivas sobre os gêneros. Vale dizer que tais práticas discursivas são consideradas produtoras e reprodutoras de disposições normativas, no que tange as estratégias de socialização de homens e mulheres.

Em 1994, Marie Jane Carvalho apresentou outro trabalho, no GT de História da Educação da ANPEd, relacionado as questões de gênero ou relativas às mulheres, intitulado *A história de vida e as práticas sociais de classe, raça e gênero*. São analisados, então, o discurso e as práticas sociais, em histórias de vida, articulando as categorias classe, raça e gênero, sendo que, segundo a autora, cada história de vida reflete e refrata um contexto cultural e sócio-ideológico. Dentro dessa perspectiva, o sujeito escuta, dialoga e assimila modos da existência, do trabalho, das relações, enfim, das disposições e das concepções de vida que perpassam o seu cotidiano e terminam por instituir a sua subjetividade.

A construção de uma história das instituições educacionais femininas, posta, em 1986, por Guacira Louro, foi retomada em seis momentos, no GT de História da Educação da ANPEd.

A educação feminina durante o século XIX – o Colégio Florence de Campinas (1863-1889), trabalho de autoria de Arilda Ribeiro, apresentado em 1994, conta a história do Colégio Florence de Campinas, um dos educandários femininos de maior longevidade do segundo período imperial brasileiro. As fontes históricas utilizadas na pesquisa de doutorado foram jornais de Campinas e São Paulo; cartas e diários; notas fiscais e livros de contabilidade; almanaques e o depoimento oral de uma ex-professora da instituição.

Outro trabalho também tem como objeto de análise um educandário feminino de elite. Trata-se de *Educação feminina na escola confessional: a arte de ensinar*, de autoria de Geovana Moura e Geraldo Inácio Filho, apresentado em 2002. Esse trabalho analisa o Colégio Nossa Senhora das Dores de Uberaba, entre os anos de 1940 e 1960. Foram consultados, na

pesquisa de mestrado, relatórios de inspeção permanente, fichas de classificação e depoimentos orais.

As escolas técnicas ou profissionais femininas voltadas para jovens das camadas populares, por sua vez, são focalizadas em três trabalhos. *A escolarização do doméstico: a construção de uma escola técnica feminina (1946-1970)*, trabalho de autoria de Dagmar Meyer e Guacira Louro, apresentado em 1993, estuda o processo de formação de moças, nos cursos industriais e técnicos, desenvolvidos na Escola Técnica Feminina de Porto Alegre, entre 1946 e 1970. É acentuada a imbricação entre a formação técnica e a formação para o lar, observando porque e como os saberes domésticos foram escolarizados. As fontes históricas trabalhadas foram leis e decretos de criação da escola; discursos oficiais de políticos e professores envolvidos; jornais e revistas da época; relatórios, regulamentos e indicações da estrutura organizacional da escola; e depoimentos de ex-alunas e ex-professoras.

Racionalizando a maternidade e o saber doméstico: programa de economia doméstica e puericultura da Escola Profissional Feminina de São Paulo, 1929, trabalho de autoria de Sueli Oliveira, apresentado em 1994, volta-se para o redimensionamento curricular da Escola Profissional Feminina de São Paulo, ocorrido em 1929, mais especificamente a reformulação e reintrodução da cadeira de economia doméstica e puericultura. Foram consultados, no desenvolvimento da pesquisa de mestrado: Anuario do Ensino do Estado de São Paulo de 1920/1921; Relatório de Trabalhos Escolares da Escola Profissional Carlos de Campos de São Paulo de 1929; 3ª Conferência Nacional de Educação; *Novos caminhos e novos fins*, obra de Fernando de Azevedo; e *Alma e Belleza*, obra de A. Tepedino.

Enfim, *Uma escola de formação profissional para o sexo feminino no Distrito Federal: a Escola Profissional Paulo de Frontin (1919)*, trabalho de autoria de Nailda Bonato, apresentado em 2001, reconstrói a trajetória da Escola Profissional Paulo de Frontin do Rio de Janeiro, entre 1911 e 1970.

Devem ser mencionados, ainda, no âmbito da historiografia das instituições educacionais femininas, dois trabalhos de autoria de Elizete Passos, apresentados em 1993 e 1994, a saber: *As ursulinas e a educação feminina na Bahia - o coração como meta de uma ação educativa* e *Pressupostos teóricos e morais da educação ursulina*. A autora preocupa-se com a relação entre as ursulinas e a educação feminina, a partir da obra da fundadora da ordem em questão, Ângela Merici, que data da primeira metade do século XVI. É apresentado o ideal de mulher e de educação feminina propostos, originalmente, como norte dos processos educativos ocorridos nos conventos ou colégios sob responsabilidade das ursulinas, tendo como referencial teórico a história das mentalidades.

A profissão docente é outra temática que vem despertando o interesse dos historiadores da educação brasileiros preocupados com questões de gênero ou relativas às mulheres. Seis trabalhos sobre a temática foram apresentados no GT de História da Educação da ANPEd.

Merecem destaque os estudos sobre os processos de feminização do magistério, visto que os mesmos são abordados por quatro trabalhos: *Mulher e educação – a paixão pelo possível*, de autoria de Jane de Almeida, apresentado em 1995; *O magistério e a destinação feminina no Brasil*, de autoria de Marta Lima, apresentado também em 1995; *Profissionalização, escola normal e feminização – magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX*, de autoria de Elomar Tambara, apresentado em 1997; e *Processos de feminização do magistério*, apresentado por Flávia Werle e outras cinco autoras, em 2001. Essas pesquisas buscam compreender o movimento de expansão da mão de obra feminina, nos postos de trabalho das escolas e dos sistemas educacionais, entre meados do século XIX e meados do século XX. As análises apresentadas dizem respeito aos estados da Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul.

A biografia de educadoras também tem sido explorada, no âmbito dos estudos sobre a profissão docente. *Heloísa Marinho: educadora de educadoras na educação infantil do Rio de Janeiro*, trabalho de autoria de Aristeo Leite Filho, apresentado em 2000, reconstrói a trajetória de Heloísa Marinho, profissional, formadora e pesquisadora do campo da educação

infantil carioca, entre a década de 30 e 70 do século passado, tendo como embasamento teórico a história cultural. Vale dizer que o recorte temporal da pesquisa corresponde ao da vida da educadora, indo de 1903 a 1994, e que as fontes analisadas são artigos, depoimentos orais, fotografias, jornais, livros, relatórios de pesquisa, revistas etc.

Outro trabalho, na mesma linha, é *Isabel Gondim: uma vida pela educação*, de autoria de Maria Arisnete de Moraes, também apresentado em 2000. A autora se preocupa com a trajetória de Isabel Gondim, professora e literata potiguar, e a sua produção textual, objetivando não apenas configurar uma época, mas compreender a contribuição da protagonista ao campo da educação da cidade de Natal, na passagem do século XIX para o século XX. Foram utilizadas como fontes históricas correspondências particulares, manuscritos inéditos, jornais e livros, trabalhados a partir da matriz teórica da história cultural.

Foram apresentados três trabalhos, no GT de História da Educação da ANPEd, referentes à escolarização das mulheres.

O primeiro deles é *Os caminhos da educação masculina e feminina no debate entre católicos e liberais: a questão da co-educação dos sexos, anos 30 e 40*, de autoria de Cynthia de Sousa, apresentado em 1994, que discute a questão da educação diferenciada e da co-educação dos sexos. A autora aborda o debate entre católicos, defensores da educação diferenciada, e liberais, defensores da co-educação, nos anos 30 e 40 do século XX, utilizando como fonte algumas das conferências proferidas pelo padre Leonel Franca a professoras e normalistas de um colégio feminino.

Imagens do masculino e do feminino: co-educação e profissão docente no Piauí (1874-1910), trabalho de autoria de Antônio Lopes, apresentado em 1998, também discute a questão da educação diferenciada e da co-educação dos sexos. O autor analisa, na sua pesquisa de doutorado, o processo de transição da opção pela educação diferenciada para a opção pela co-educação, no Piauí, na passagem do século XIX para o século XX, associando-a ao processo de feminização do magistério.

Já *O início da escolarização formal da mulher capixaba (1845-1850)*, trabalho de autoria de Cleomara Lucas, apresentado em 2001, aborda os resultados preliminares de uma pesquisa sobre a cultura escolar, no processo inicial da escolarização da mulher no Espírito Santo, que busca analisar a contribuição da escolarização formal para a formação das primeiras escritoras capixabas. Referenciado na história cultural, o trabalho parte das seguintes fontes: leis; regulamentos; relatórios de presidentes de província; jornais; obras de referência acerca da história do Espírito Santo; correspondência entre a professora da primeira escola pública para mulheres e as autoridades responsáveis pela instrução pública, incluindo solicitações de lista de materiais para organização e manutenção da escola e “mappa das alummas” do período de 1845 a 1850.

Foram apresentados, além disso, três trabalhos, no GT de História da Educação da ANPEd, a respeito dos impressos sobre as mulheres ou a elas destinados e das práticas de leitura femininas.

História da educação no feminino (1895-1903), trabalho de autoria de Marly Bicalho, apresentado em 1991, é um exemplo. A autora discute a representação do feminino na imprensa belorizontina, com o objetivo de compreender as correlações de tal representação com os modelos ideais de mulher propagados pelo positivismo e pela igreja católica. O recorte temporal estende-se de 1895, ano inicial da imprensa na atual capital mineira, a 1903, ano da fundação do primeiro educandário feminino na mesma localidade, tendo em mente que, nesse período, um discurso positivista convivia e/ ou divergia de um discurso católico. O embasamento teórico anunciado é a história das mentalidades. Foram consultados os jornais não-oficiais disponíveis no Arquivo Público Mineiro e na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, um total de trinta e nove (39) de quarenta e cinco (45) que surgiram no período estudado.¹²

Livros, leitoras e práticas de leitura: a imprensa católica e a modelagem da juventude (1920/1950), trabalho de autoria de Cynthia Vilhena, apresentado em 1993, também aborda os impressos e as práticas

¹² Vale dizer que essa pesquisa foi desenvolvida no âmbito do antigo Grupo de Estudos sobre a Mulher (GEM) da FaE-UFMG, coordenado pela professora Eliane Marta Teixeira Lopes.

de leitura. Trata-se de um projeto de pesquisa em fase inicial de desenvolvimento sobre o ato de ler, suas práticas e representações, no interior do laicato católico feminino, entre 1920 e 1950, tempo áureo da ação católica no Brasil. Sua intenção é explorar a literatura de formação para mulheres, prescrita e normatizada pela igreja, a partir de duas vertentes, a da imprensa e a dos colégios, espaços nos quais ocorre a produção, divulgação, circulação, prescrição e imposição de textos e leituras, com a finalidade de promover um determinado modelo de formação, a ampliação do seu campo de abrangência e o estabelecimento de formas de controle. A história social e cultural da leitura é o referencial teórico apontado.

Literatura e educação: os romances de formação e a educação feminina, trabalho de autoria de Maria Teresa Cunha, apresentado em 1996, para finalizar, aborda os conteúdos pedagógicos dos romances de formação, capazes de contribuir para a construção da sensibilidade feminina, em especial aqueles de autoria de M.Delly, campeões de vendagem, entre as décadas de 30 e 40 do século XX. Através da análise desses romances, tanto em sua materialidade (capas, títulos e formas do impresso) como em seus conteúdos (textos), seguindo os pressupostos da história cultural, a autora procura mostrar o texto literário como agente socializador que contribui para construir e reconstruir uma certa sensibilidade feminina.

É preciso mencionar ainda outros dois trabalhos levantados. O primeiro deles é *A imagem da mulher nas idéias educacionais de Pestalozzi: o aprisionamento ao âmbito privado (doméstico) e à maternidade angelical*, de autoria de Alessandra Arce, apresentado em 2001. Ele corresponde a parte da pesquisa de doutorado da autora, caminhando na direção da história das idéias pedagógicas, no intuito de compreender a visão de Pestalozzi acerca do papel da mulher na sociedade. A obra do pensador, que data de fins do século XVIII e início do século XIX, é utilizada como fonte histórica.

Enfim, *Jeito de freira: um estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina*, trabalho de autoria de Miriam Grossi, apresentado em

1990, analisa a construção da vocação religiosa feminina sob três ângulos: o das famílias camponesas, de onde provém a maioria das freiras, o das próprias freiras e o da igreja católica e sua necessidade de reprodução social. A forma como é construída a identidade da freira é investigada pelos rituais de iniciação, veiculação de valores como o trabalho, a santidade e a hierarquia. Trata-se de um estudo antropológico e não histórico.

Passando a uma análise de cunho quantitativo, de um total de duzentos e sessenta e seis (266) trabalhos que foram apresentados no GT de História da Educação da ANPEd, entre os anos de 1985 e 2002, trinta e sete (37), o que corresponde a aproximadamente quatorze por cento (14%), abordam questões de gênero ou relativas às mulheres.

Desses trinta e sete (37) trabalhos levantados, acessei os textos de trinta (30; 100%).¹³ É possível subdividir os trabalhos acessados em cinco grupos:

- um primeiro, composto por aqueles que abordam a esfera escolar da educação feminina (17 trabalhos; 56,66%);
- um segundo, por aqueles que abordam, em contraposição, a sua esfera não-escolar (07 trabalhos; 23,33%);
- um terceiro grupo marcado pelas discussões de natureza teórica (01 trabalho; 3,33%);¹⁴
- um quarto composto pelos trabalhos preocupados com a construção das masculinidades (02 trabalhos; 6,66%);¹⁵ e
- um quinto por aqueles que, apesar de anunciarem nos títulos uma abordagem sexuada de temáticas, não caminham efetivamente nessa perspectiva (03 trabalhos; 10%).¹⁶

¹³ Trabalhos não acessados: *Do feminismo*, de autoria de Jussara Bordin, apresentado em 1990; *A representação do feminino e da educação: homens e mulheres falam*, de autoria de Silvana Coser e Therezinha Ribeiro, apresentado em 1990; *Pesquisando o cotidiano de um colégio religioso feminino*, de autoria Teresa Cunha e Elisabeth Leal, apresentado em 1990; *Colégios religiosos femininos: localizar e mapear*, de autoria de Irace Portes e Marly Bicalho, apresentado em 1990; *A educação da mulher em Belo Horizonte – a contribuição das dominicanas do Colégio Santa Maria (1903/1968)*, de autoria de Maria Aparecida Santos e Maria de Lourdes Haddad, apresentado em 1990; *O ser mãe nos livros que as moças liam*, de autoria Shierley Silva, apresentado em 1990; *Um jeito diferente de olhar a mesma história: a formação da mulher/ enfermeira na perspectiva da reprodução*, de autoria de Dagmar Meyer, apresentado 1992.

¹⁴ Grupo 03: *Os estudos de gênero e a história da educação: desafios de uma proposta teórica* (LOURO, 1994).

¹⁵ Grupo 04: *Raça e gênero na pesquisa em história da educação* (FARIA FILHO & VALENTIM, 1992); *Produzindo sujeitos masculinos e cristãos* (LOURO, 1995).

Indo além, os dois primeiros desses cinco grupos, aqueles compostos pelos trabalhos discutidos ao longo do texto, podem ser subdivididos. O primeiro deles em três subgrupos, a saber:

- instituições educacionais (08 trabalhos; 26,66%);¹⁷
- profissão docente (06 trabalhos; 20%);¹⁸ e
- processos de escolarização (03 trabalhos; 10%).¹⁹

Já o segundo pode ser subdividido em outros três subgrupos:

- livros e práticas de leitura (03 trabalhos; 10%);²⁰
- “pedagogia social” (03 trabalhos; 10%);²¹ e
- idéias pedagógicas (01 trabalho; 3,33%).²²

¹⁶ Grupo 05: Escola Normal – Instituto de Educação: reconstrução da História da Educação elementar (Minas Gerais – 1906/69) (COELHO, 1991); *Mestre: profissão professor(a) – processo de profissionalização docente na Província Mineira no período imperial* (GOUVÊA, 2000); *Pavilhão Mourisco: biblioteca e educação em Cecília Meireles* (PIMENTA, 2001).

¹⁷ Sub-grupo 01 do Grupo 01: *Uma escola de formação profissional para o sexo feminino no Distrito Federal: a Escola Profissional Paulo de Frontin (1919)* (BONATO, 2001); *Prendas e antiprendas: uma história da educação feminina no Rio Grande do Sul* (LOURO, 1996); *A escolarização do doméstico: a construção de uma escola técnica feminina (1946-1970)* (MEYER & LOURO, 1993); e *Educação feminina na escola confessional: a arte de educar* (MOURA & INÁCIO FILHO, 2002); *Racionalizando a maternidade e o saber-fazer doméstico: programa de economia doméstica e puericultura da EPF de São Paulo, 1929* (OLIVEIRA, 1994); *As ursulinas e a educação feminina na Bahia: o coração como meta de uma ação educativa* (PASSOS, 1993); *Pressupostos teóricos e morais da educação ursulina* (PASSOS, 1994); *A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas (1863-1889)* (RIBEIRO, 1994).

¹⁸ Sub-grupo 02 do Grupo 01: *Mulheres na escola: reflexões sobre o magistério feminino* (ALMEIDA, 1995); *Heloísa Marinho: educadora de educadoras na educação infantil do Rio de Janeiro* (LEITE FILHO, 2000); *O magistério e a destinação feminina no Brasil* (LIMA, 1995); *Isabel Gondim: uma vida pela educação* (MORAIS, 2000); *Profissionalização, escola normal e feminização: magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX* (TAMBARA, 1997); *Processos de feminização do magistério* (WERLE et al, 2001).

¹⁹ Sub-grupo 03 do Grupo 01: *Imagens do masculino e do feminino: co-educação e profissão docente no Piauí* (LOPES, 1998); *O início da escolarização formal da mulher capixaba (1845-1850)* (LUCAS, 2001); *Os caminhos da educação masculina e feminina no debate entre católicos e liberais: a questão da co-educação dos sexos, anos 30 e 40* (SOUSA, 1994).

²⁰ Sub-grupo 01 do Grupo 02: *História da educação no feminino – 1895/1903* (BICALHO, 1991); *Literatura e educação: os romances de formação e a educação feminina* (CUNHA, 1996); *Livros, leituras e práticas de leitura: a imprensa católica e a modelagem da juventude feminina (1920-1950)* (SOUSA, 1993).

²¹ Sub-grupo 02 do Grupo 02: *Práticas discursivas na produção e reprodução de gênero* (CARVALHO, 1993); *A história de vida e as práticas sociais de classe, raça e gênero* (CARVALHO, 1994); *Jeito de freira: um estudo antropológico num convento de Santa Catarina* (GROSSI, 1990).

As Tabelas 01 e 02 permitem visualizar melhor os dados:

TABELA 01					
VALORES ABSOLUTOS E PERCENTUAIS REFERENTES AOS TRABALHOS QUE ABORDAM QUESTÕES DE GÊNERO OU RELATIVAS ÀS MULHERES APRESENTADOS NO GT DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA ANPED (1985 A 2002)					
<i>TOTAL DE TRABS. ACESSADOS QUE ABORDAM QUESTÕES DE GÊNERO OU RELATIVAS ÀS MULHERES</i>		<i>TOTAL DE TRABS. APRESENTADOS QUE ABORDAM QUESTÕES DE GÊNERO OU RELATIVAS ÀS MULHERES</i>		<i>TOTAL DE TRABALHOS APRESENTADOS</i>	
30	11,27%	37	14%	266	100%

TABELA 02																	
VALORES ABSOLUTOS E PERCENTUAIS REFERENTES AOS TRABALHOS QUE ABORDAM QUESTÕES DE GÊNERO OU RELATIVAS ÀS MULHERES APRESENTADOS NO GT DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA ANPED QUE FORAM ACESSADOS (1985-2002)																	
Grupo 01 – esfera escolar						Grupo 02 – esfera não-escolar						Grupo 03 – discussões teóricas		GRUPO 04 – masculinidades		Grupo 05 – excluídos	
<u>INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS</u>		<u>PROFISSÃO DOCENTE</u>		<u>PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO</u>		<u>LIVROS E PRÁTICAS DE LEITURA</u>		<u>PEDAGOGIA SOCIAL</u>		<u>IDÉIAS PEDAGÓGICAS</u>							
08	26,66 %	06	20 %	03	10 %	03	10 %	03	10 %	01	3,33 %	01	3,33 %	02	6,66 %	03	10 %

A maioria dos trabalhos acessados, dessa maneira, discorre sobre a esfera escolar da educação feminina, em especial sobre os educandários femininos. Parte dos trabalhos acessados escapa a essa tendência, discutindo, por exemplo, os impressos sobre ou para mulheres e as práticas de leitura femininas, e os processos de constituição das identidades de gênero, em espaços como o mundo do trabalho e os conventos femininos.

²² Sub-grupo 03 do Grupo 01: *A imagem da mulher nas idéias educacionais de Pestalozzi: o aprisionamento ao âmbito privado (doméstico) e à maternidade angelical* (ARCE, 2001).

A respeito da preponderância do escolar verificada, vale fazer um adendo. A história da educação, no Brasil, em larga medida, parece ser sinônimo de história da educação escolar, visto que é a esfera escolar que vem sendo marcadamente problematizada e analisada pelos historiadores da educação brasileiros. Percorrendo a trajetória da historiografia educacional brasileira, desde os tempos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) até a vigorosa produção atual, é possível observar que, ao longo dos anos, as rupturas dizem respeito ao embasamento teórico utilizado – da Escola Positivista para a Marxista e dessa para a Escola dos Annales, em especial a sua terceira geração.²³ Sem dúvida, esse movimento modificou o olhar histórico sobre o escolar, e mesmo promoveu um alargamento dos limites do que era considerado ou não objeto legítimo de estudo dentro do seu âmbito, sem abolir, entretanto, a fronteira demarcada pela dicotomia educação escolar e educação não-escolar. Nas reuniões anuais do GT de História da Educação da ANPEd, realizadas nos anos de 2000, 2001 e 2002, por exemplo, de um total de cinquenta e três (53; 100%) pesquisas apresentadas, quarenta e cinco (45; 84,9%) estão voltadas para a educação escolar, cinco (05; 9,43%) para a educação não-escolar, duas (02; 3,77%) discutem a historiografia da educação e uma (01; 1,88%) o ensino de história da educação (AMORIM, 2003b).²⁴

Retomando a análise, vale explorar a forma peculiar como o escolar é delineado pelos historiadores da educação, nos trabalhos acessados. A impressão é de que o *corpus* documental é recortado e costurado de uma maneira que a esfera escolar vai engrandecendo, ganhando uma forma quase visível e palpável. Os sujeitos, ao contrário, nesse mesmo exercício de recorte e costura, vão se apequenando e terminam subsumidos. É interessante tomar, a título de ilustração, os muitos trabalhos que utilizam depoimentos orais. As informações sobre o currículo de um educandário feminino, por exemplo, são, na maioria das vezes, pinçadas das narrativas e conjugadas com mais informações a esse respeito extraídas de outras

²³ Em se tratando do embasamento teórico, assim como existem as rupturas, vale dizer que existem também permanências.

²⁴ No verbete *Educação* do *Dicionário das Ciências Históricas*, Dominique JULIA (1993) conclama os historiadores a se voltarem também para o que denomina de extra-escolar, depois de discorrer sobre a produção do campo da história da educação, o que leva a crer

fontes históricas. O único dado a respeito dos entrevistados que é sempre fornecido é o seu lugar na trama da escola.

A preponderância do escolar frente ao não-escolar e dos espaços da educação frente aos sujeitos da educação parece explicitar uma escolha dos historiadores da educação brasileiros, no que tange as questões de gênero ou relativas às mulheres: o eixo central que norteia a produção do campo é o par educação escolar e gênero feminino ou mulheres, e não o par gênero feminino ou mulheres e educação em seu sentido mais amplo.

que a realidade da historiografia educacional de forma geral seja equivalente ao caso brasileiro.

Capítulo II

Gisela, Ângela e Laura:

Fragmentos de Histórias da Família e de Histórias das Trajetórias de Vida

1. Gisela

O nome do meu pai é Custódio e o da minha mãe é Joana. Meu pai não era daqui de Belo Horizonte. Ele nasceu em Queluz. Antiga Queluz, que hoje é Conselheiro Lafaiete. O meu pai era natural de lá, da antiga Queluz. Minha mãe era... Eu não sei bem, porque a minha irmã mais velha é que tem mais essas lembranças. Não sei se ela era natural de Moeda ou de Belo Vale. Moeda é muito pertinho de Belo Vale. Também não sei como o meu pai conheceu a minha mãe. Mas é certo que eles constituíram família em Belo Vale.

Conheci a minha avó mãe de minha mãe, a avó mãe de meu pai não. Conheci demais! Ela, por muitos e muitos anos, morou conosco. A minha avó ficou viúva muito cedo e queria ajudar a minha mãe com a família tão grande, dar um apoio. Era inclusive a minha madrinha de batismo. A minha avó foi a minha segunda mãe! Na verdade, todas as coisas que eu queria resolver, eu resolvia primeiro com ela. Não por falta de amor a minha mãe, mas eu queria tudo com a minha avó! Tudo! Quando ela ia sair, eu falava assim: "Oh, vó, deixa eu ir com a senhora?". Aquela coisa de muito agarramento mesmo. Eu era muito vovozuda! Também ela era muito boa, muito carinhosa, dava muito amor. Era uma pessoa que morava conosco,

uma verdadeira mãe para os filhos de minha mãe. Igual eu com a minha neta! Aliás, com os meus netos, porque são três. Dois já estão bem crescidos, adultos, e tem o pequenininho. Eu sou muito dedicada, nessa parte! Faço muito as vontades! E eu acho que é o exemplo da minha avó que me faz ser assim com eles. Porque eu tive uma avó! Ela deixou esse legado, como dizem. E eles me dão uma satisfação muito grande. Sou uma avó muito vaidosa, muito babona!

As minhas tias, irmãs de minha mãe, moravam lá em Belo Vale. Com o correr dos anos, elas casaram e depois vieram morar aqui em Belo Horizonte. Tive um contato muito grande com elas! Tive e tenho até hoje. Uma delas já é falecida, mas tem uma que é ainda viva e agora mora no Rio. O meu pai só teve um irmão, que também nasceu lá em Conselheiro Lafaiete, antiga Queluz. Meu tio era mais novo que meu pai. Meu pai perdeu o pai dele muito cedo. Ele era um bebezinho! E minha avó estava grávida desse tio. Um tio maravilhoso! Minha avó batalhou muito para criar esses dois filhos.

A família era uma família grande. Nós éramos onze irmãos. Doze, porque mamãe perdeu o quarto filho ainda muito novinho, com um mês. Por incrível que pareça, era mulher! A minha mãe sempre queria que nascesse mulher! Eram muitos homens... Toda vez que ia nascer um filhinho, o que acontecia quase todo ano, de ano e meio em ano e meio, nascia homem. A distância entre eu e minha irmã é de muita idade. A Anita, agora, está com oitenta e oito anos e eu estou com setenta. São quase vinte anos de diferença! Quando ela casou, eu ainda nem era nascida! Cresci sozinha e ela também. Então, eu fui criada assim como se fosse uma deusa, pelo fato de ser a única mulherzinha no meio de tantos irmãos! Já perdi quatro ou cinco irmãos. Agora, nós somos sete. Isso nos traz muita saudade, porque eles foram muito marcantes nas nossas vidas. A gente era muito unido! Até hoje, a gente ainda é. Em datas principalmente; aniversários, natal. Temos sempre aquela felicidade de estar junto! Dos onze irmãos, nove nasceram em Belo Vale e dois em Belo Horizonte.

O meu pai não era uma pessoa que tinha uma profissão assim certa. Ele era de tudo! Quando morava no interior, praticou de tudo. Foi escrivão

de paz, teve comércio. Também tinha muita queda para a homeopatia. Então, era uma pessoa que queria participar de muita coisa ao mesmo tempo. O meu pai continuou fazendo essas várias atividades, até que resolveu ser hoteleiro. Na época, ele já morava em Belo Horizonte. Comprou uma pensão, não era bem um hotel, e foi aí que ficou mais tempo mesmo dedicando a um trabalho. Pensão Avenida! Era na avenida Santos Dumont. Rua do Comércio, antigamente. Chamava rua do Comércio. Era localizada ao lado da Escola de Engenharia. Quando o meu pai comprou, eu acho que ele ficou assim muito animado, porque era muito próximo da Praça da Estação, então, os hóspedes chegavam. Muito bem localizada! Como quem diz: "Eu acho que é aqui que eu vou ganhar o meu dinheirinho".

Minha mãe estava sempre ali ao lado do meu pai, monitorando, assessorando, ajudando no que podia. Ela era assim como uma administradora. Recebia as pessoas, encaminhava, chamava um empregado. Nós tínhamos muitos funcionários! O meu pai deixava a minha mãe ajudar, mas de uma forma bem leve. Na última gestação, ela teve um problema de saúde, ficou diabética, e, por conta disso, ele evitava que ela fizesse um esforço muito grande, um trabalho maior. Na verdade, meu pai não queria deixar nada para minha mãe fazer. Tudo ele tomava a frente! Sempre à frente! Até dos filhos costumava cuidar, para poupar a minha mãe. Não que ele não tivesse confiança que ela ia fazer as coisas, mas para poupar. O papai era uma pessoa, que, para falar a verdade, a gente não tinha ele só como pai. Era pai e mãe dos filhos e da minha mãe! Ela se tornou uma filha! De tanto carinho que ele dava, ela se tornou uma filha. Ficava com aqueles cuidados, o dia todo, tomando conta dela e dando medicamentos.

A calma de minha mãe estava fora dos limites! Era aquele carinho mesmo, para acalmar até os ambientes, porque os irmãos tinham sempre uma brincadeira mais de mau gosto. Já o meu pai era bravo. Ele tinha muita atividade, não tinha muito tempo para ficar assim tendo paciência. O carinho dele era através das atitudes, dos cuidados. Por exemplo, quando via que um filho estava doente, ia correndo levar ao médico. Tratamento de dente? Ele fazia questão que fosse muito olhado os dentes! Muitos meses

antes do inverno, ele já providenciava os remédios. O carinho do meu pai era esse cuidado, era um cuidar. E, com o papai, a gente tinha que andar na linha, andar direito! Tinha que respeitar as pessoas mais velhas, amar o próximo. Tinha que mostrar bom caráter, boa índole. Agora, seu coração era enorme! Era uma pessoa de um carisma! O meu pai foi um grande carismático. Ele amava as pessoas sem pensar no retorno; queria doar, dar amor, dava tudo de si; perdoava momentos. Eu acho que isso que meu pai deixou para os filhos. Às vezes, até tenho vontade de fazer o contrário, mas, quando lembro dessas atitudes que ele deixou, tenho um freio. O meu freio é esse! Eu tenho essa vontade de amar, respeitar as pessoas; ser honesta, sincera; ter simpatia assim com a verdade; não me deixar levar pelo caminho errado, seguir o caminho do bom caráter. Meu pai marcou muito a minha, a nossa vida.

A prioridade para o meu pai era o estudo. A Anita foi até interna, passou a infância e a adolescência no Barão de Macaúbas, lá em Santa Luzia. Meu pai preocupou mesmo em colocar minha irmã no internato. Antigamente, usava! As famílias mandavam as filhas para colégios internos, para que elas ficassem assim mais resguardadas. Eu já venho de outra época. Não estudei em colégio interno, mas passei pelo Santa Maria. Tive irmãos que estudaram no Arnaldo, no Santo Agostinho. Meu pai se preocupava em escolher bons colégios, que dessem uma formação religiosa e também uma cultura, colégios com bases. Queria que meus irmãos estudassem, formassem e tivessem uma carreira bonita, como advocacia ou medicina.

A lembrança que eu tenho é que minha mãe tinha que saber e seguir as normas de meu pai. Então, tudo que o meu pai queria, a minha mãe queria também! Isso era usado naquela época. Os pais eram uma autoridade muito grande, mas o pai principalmente. A escolha do pai era a escolha a ser seguida. Era ele escolher, desejar e pronto. Naquele tempo, a mulher tinha que acatar as ordens de seu pai e de seu marido. Era muito difícil discordar! Muito difícil. E até hoje, eu trago isso! Nós, porque acredito que os outros filhos também.

Perdi os meus pais cedo. Eu tinha dez anos, quando o meu pai morreu, e quinze, quando minha mãe morreu. Morreram muito jovens! Meu pai com cinquenta e dois anos, minha mãe com cinquenta.

A gente já não estava na pensão, quando meu pai faleceu. Tinha poucos meses que a gente tinha mudado de lá. Meu pai estava tão esgotado de estar nessa luta de pensão, há muitos anos! Para quem tem uma pensão, que é um tipo de comércio, é muito cansativo! Além disso, as crianças foram crescendo, as preocupações foram chegando, já havia outros problemas. Então, o quê que aconteceu? Meu pai começou a se sentir muito cansado, muito esgotado, viu que precisava tirar umas férias, um tempo para descansar. Só que, quando ele resolveu fazer isso, ele já tinha ultrapassado um pouco a má saúde. Ele teve um derrame. Quer dizer, não foi exatamente um derrame, foi angina. Então, uma coisa tão súbita! Isso mudou tudo demais para nós, principalmente para minha mãe. Era uma família muito grande, ainda com vários filhos menores. Não foi fácil para poder seguir em frente! E com uma educação a altura que o meu pai fazia questão?!

Digo sempre que infelizmente o meu pai morreu cedo, porque eu lembro que, com a falta dele, sem aquele acompanhamento, a gente foi ficando muito à vontade, muito perdido. Meus irmãos ainda eram jovens. Eles eram muito jovens! O mais velho de todos era muito ocupado com a carreira dele. As próprias crianças mesmo foram se rebelando. Então, nós relaxamos muito, cada um seguiu a sua própria cabeça.

Ninguém, por exemplo, construiu uma carreira, a não ser o mais velho. Ele fez direito, era da polícia. Primeiro esse meu irmão fez CPOR, o que foi muito bom, porque contou como tempo de serviço na hora da aposentadoria. Depois de soldado raso, ele chegou a ser segundo tenente. Aí, depois fez direito, só que nunca advogou. A paixão dele era a polícia! Foi ser delegado. A minha única irmã se casou muito nova. Ela nem pensou em continuar os estudos. Aliás, a preparação do internato era para casar. Os outros irmãos trabalharam em comércios e bancos. O acima de mim teve em vários comércios, chegou a ser gerente. Outros também chegaram quase a gerência de casas comerciais e de bancos. Não chegaram a ser

gerentes mesmo não, mas tinham capacidade para isso. Também essa história de carreira não importava tanto quanto hoje. Antigamente, o que importava mesmo era que eles se tornassem pessoas de bom caráter, pais de família dignos. Eu acho que era mais olhado por esse lado.

Quando a minha mãe faleceu, eu fui morar com meu irmão mais velho, que estava casado de pouco. Morei na casa dele por muitos e muitos anos, até que eu me casei, até que eu pude ser mesmo uma pessoa independente. Eu era a única moça e muito nova! Ele tinha muito receio de que eu ficasse muito só, porque os irmãos todos saíam para trabalhar, e não queria me deixar em casa sozinha com a empregada, então, achou por bem me acolher, me levou para morar com ele mais a esposa. Sem dizer que, além de continuar a me educar, meu irmão gostaria que eu fizesse companhia para a mulher dele. E fico pensando que aquilo foi muito bom para mim, porque eu, praticamente, ganhei uma nova mãe. Tinha uma cunhada e ganhei uma mãe! Sei que mãe não é nunca substituível, que mãe é mãe, mas, de qualquer maneira, me senti muito feliz de ir morar com essa cunhada. A gente se dava muito bem! Combinávamos muito! Nós éramos muito amigas, e gostávamos assim de discutir vários assuntos. Ela era uma pessoa muito atenciosa comigo, boa orientadora. Então, eu perdi a minha mãe aos quinze anos, e foi uma tristeza porque a companhia dela me fez muita falta, apagou muita coisa para mim, porém tive a cobertura dessa cunhada, que me deu muita força, muito companheirismo e muita orientação, que foi uma pessoa assim sempre presente na minha vida.

Eu estudei, no Colégio Santa Maria, durante três anos, entre 1940 e 1943. Esse Colégio era visto com bons olhos pela sociedade. Ele criou até uma certa fama, vamos dizer assim. As famílias tinham vontade que as filhas estudassem lá, pela tradição do Colégio. Era uma tradição familiar! Uma tradição religiosa! A formação que era dada lá, era dada pelas irmãs dominicanas vindas da França. Então, era uma educação assim bem aprimorada. O Santa Maria dava muita segurança para as famílias. Elas sentiam que os filhos, ali, iam ter uma boa educação, iam ser bem orientados, tanto moral quanto culturalmente. Porque era uma educação com muitas exigências! Lá, as irmãs exigiam muito! Você tinha que andar com muita disciplina, com muito respeito, com muita obediência.

Depois, eu passei para o Batista, muito a contragosto! O meu pai era muito exigente. Ele queria que, naturalmente, um filho, que ia ficando maiorzinho, fizesse companhia para o outro. Então, como meu irmão foi matriculado no Batista, ele calculou que seria interessante. Já que lá era misto, eu poderia ficar na companhia dele. Nós dois poderíamos ir juntos, sem precisar dele se preocupar.

Agora, eu sempre tive um berço muito religioso. Então, aquilo, para mim, era como se eu estivesse pecando! Como se eu estivesse indo contra a vontade de Deus! Porque eu não estava na minha religião, porque eu estava com os batistas. Quando o meu pai me comunicou, a minha reação foi muito ruim. Foi péssima! Eu chorava dia e noite! Porque eu achava que eu estava pecando, que não era certo eu sair de um colégio católico e passar para um evangélico. Aquilo me aborrecia muito. Eu ficava chorando, não querendo.

Então, o meu pai disse para mim: "Não tem nada disso. Você pode continuar com a sua religião, com a sua fé católica, porque isso não vai te atrapalhar". Depois, eu fui vendo que isso não tinha nada a ver! Porque eles eram pessoas muito humanas, pessoas muito maravilhosas. E o meu pai se informou, olhou as exigências do colégio, sabia que eles não exigiam que as pessoas participassem do culto, que não era obrigatório ser da religião. Não foi difícil que eu ficasse lá por isso. Não havia razão para preocupação, já que eles não exigiam a religião deles. E, de fato, não era só eu que vivia aquele problema. Vários colegas eram católicos.

Não lembro quando eu sai do Batista e passei para o Instituto de Educação. Fiquei lá também pouco tempo e não cheguei a completar nem o primeiro grau. Eu perdi o meu pai, perdi a minha mãe, fui morar com o meu irmão mais velho, e, por aí, eu parei. Foi até uma questão de desinteresse. E eu olho isso com pesar, porque é sempre bom a gente poder concluir um curso. Mas, como eu fazia parte de um tempo que via a mulher mais como dona de casa, como mãe, a gente também ponderava que não era muito importante, achava que não ia fazer falta.

E veio aquele fogo! O meu negócio era trabalhar e tudo. Mas eu morava com o meu irmão e esse irmão não abria mão, não concordava que eu trabalhasse. Ele achava que eu era de menor, que isso poderia trazer conseqüências para ele. Quando eu fiquei de maior, eu disse que eu queria trabalhar, que eu queria um emprego, então, o meu irmão conseguiu uma vaga para mim, no Estado. Na época, ele já estava para aposentar. Ele não queria pedir, pois não gostava de pedir favor, mas, como ele ia aposentar, resolveu mexer os pauzinhos.

Eu fui para a Secretaria de Segurança, para o Departamento de Estatística Policial e Criminal, trabalhar como escrituraria. A estatística era justamente um apanhado da soma dos crimes. Furto, tentativa de homicídio e outros mais, como de falsificadores. A gente tratava de colher os dados para o processo. O material era entregue no nosso departamento. A gente, então, fazia aquela soma, para, depois, ver quantos naquele ano, quantos naquele mês. Não era muito pesado não! Porque nós éramos muitos funcionários e era fácil apanhar os dados.

Foram cinco anos trabalhando. Eu sai para casar. Foi uma exigência do Alberto. E, olha, eu me sinto uma pessoa realizada! Porque a coisa que eu mais queria era isso mesmo! Era me tornar uma dona de casa, como eu sou.

2. Ângela

Parte I

A mamãe, que se chama Gisela, nasceu, em Belo Horizonte, no mesmo ano do papai, em 1933. Então, eles têm a mesma idade. Mas a vivência dos dois é bem diferente. A mamãe estudou pouco. Parece que ela

fez só até a terceira série, que não terminou nem o primário. Então, a gente vê que tem uma diferença, uma distância muito grande, entre o papai e a mamãe, nessa questão da instrução.

Quando casou com o meu pai, a mamãe viveu um impasse muito grande, porque ela trabalhava fora. Meu tio tinha arrumado um emprego para ela. E a mamãe teve que fazer a opção pelo casamento, porque papai também não permitiu que ela trabalhasse. Então, quando ela ficou noiva, ele já colocou a decisão: ou o trabalho ou o casamento. Então, por bem, ela optou pelo casamento e por criar os filhos.

Acho que o casamento foi o momento em que a mamãe construiu o seu lugar, o seu ponto de referência. E os irmãos dela foram muito importantes na construção dessa nova etapa de vida. Eles eram muito unidos. No total, eram onze irmãos. Era uma família grande. Os pais do papai também foram muito importantes nesse processo, porque acabou que tomaram o espaço de pais também. Pais entre aspas. De sogros, mas também de pais. E isso tem a ver com a questão da influência direta deles na nossa vida, dos palpites que eles davam e do certo controle que tinham.

A mamãe foi uma pessoa que aceitou muita coisa. Foi muito submissa. Tanto que ela fez a opção por não trabalhar, para criar os filhos. Ela sempre foi mãe em tempo integral. Então, na relação com a gente, ela era uma mãe que olhava tudo, desde o cabelo, se estava arrumado, até o caderno da escola, se estava com a letra bonita. De levar a gente na escola, de se preocupar se tinha comido direito, de estar ali na mesa adoçando o leite da gente na xícara. E chamando o elevador, e cobrando a gente das coisas, e acordando a gente de manhã, e cuidando da gente nas doenças. Então, assim, até determinada faixa etária, a gente teve uma mãe ali mesmo, altamente participante. E que acabou substituindo o papai, em vários momentos, por ele estar ausente.

Eu não conheci os meus avós maternos. Parece que eles morreram muito cedo. A mamãe tinha dez anos, quando o pai morreu, e quinze anos, quando a mãe morreu. Então, o relacionamento dela com os irmãos era

bem diferente, tinha outra dimensão. Ela morou com alguns irmãos, quando solteira.

Parece que os meus avós paternos eram daquela região ali de Moeda, Belo Vale. Quer dizer, acho que a minha avó é que era, e o meu avô era daquela região ali perto de Lafaiete. Não posso assim falar muita coisa deles, porque o que a gente conhece é de história.

Na época do meu avô, acho que existia muito esse acúmulo de funções. Então, ele não tinha estudo, mas era juiz de paz. Ele fazia casamento. O meu avô também tocava numa banda. Há pouco tempo atrás, visitando Belo Vale, eu descobri muitas coisas dele. Foi interessante, porque eu não busquei, foi uma coincidência eu descobrir, em alguns exemplares de um jornal, no Museu do Escravo, que o meu avô foi um dos fundadores do jornal de Belo Vale. Então, dá a impressão assim de que ele foi muito atuante, dentro do pouco tempo de vida que ele teve. Se ele morreu com cinquenta anos, então morreu muito jovem.

Dizem que o meu avô foi assim um pai, um marido exemplar. Mamãe fala que ele criou onze filhos. E a minha avó era muito doente. Ela era diabética, desde nova. Então, teve onze filhos e não dava muita ciência do que estava acontecendo em casa. O meu avô é que cuidava de tudo.

Depois, os meus avós vieram para Belo Horizonte. E, aqui, o meu avô era dono de hotel. Eu não me lembro aonde que era o hotel dele. Se era perto da rodoviária, ou no Barro Preto, ou perto daquelas avenidas que ficam lá em baixo. Não sei, uma coisa assim. Então, falam que ele era dono de hotel. De pensão, porque, naquele tempo, usava falar pensão. Era uma pessoa assim muito dinâmica, muito ativa. E a minha avó sempre passiva. Eu tenho muita vontade de ter conhecido os dois, muita curiosidade.

O papai nasceu em Sete Lagoas, também em 1933. Com dezoito anos, ele veio para Belo Horizonte, para fazer engenharia, que é o curso dele.

O meu pai não passou no vestibular, logo de início. Pelo menos a mamãe fala muito que ele é um exemplo para muitas pessoas, porque

tentou várias vezes até conseguir. E, para se manter aqui, mesmo tendo a família lá em Sete Lagoas e os meus avós dando uma certa ajuda, ele também teve que trabalhar. Entrou para a Prefeitura acho que com dezoito anos, como escriturário, o cargo mais baixo que tinha lá. E meu pai fez carreira na Prefeitura.

Além de que casou também estudando. Não sei se ele estava no primeiro ano de engenharia, quando casou. Então, foi levando o curso assim com muita dificuldade, porque era um curso muito difícil, principalmente na época dele. Eu sei que, quando o papai formou, eu já tinha cinco anos. E interessante, porque, quando ele formou em engenharia, eu tinha cinco anos, e, quando eu formei em engenharia, a Laura tinha cinco anos. Olha só que coincidência interessante. Porque foi no mesmo curso, casada também e com todas as dificuldades. É uma tendência da gente repetir as coisas, as histórias. A gente repete as histórias.

O meu pai sempre foi uma pessoa que trabalhou muito. Ele, mesmo trabalhando na Prefeitura, ainda fazia serviço de topógrafo, nos fins de semana. Então, media esses matos aí, para questão de loteamento. Eu acompanhei o papai desde pequena, mas o papai sempre foi muito ausente. Sempre trabalhando.

E, em relação à carreira que ele fez, foi uma carreira muito bonita, dentro da Prefeitura, porque ele saiu do cargo lá mais baixo, que era o de escriturário. Depois, quando formou, passou a trabalhar na área de engenharia da Prefeitura. Trabalhou na Secretaria de Obras, foi Secretário Adjunto de Ações Especiais. O meu pai fala que fez muitos concursos internos. E chegou até a ser diretor. Foi Diretor do Tesouro, na época. Então, foram vários momentos diferentes da nossa vida. Épocas em que a gente tinha uma certa abertura, por exemplo, no lado financeiro.

Mas sempre foi uma pessoa muito ausente. E eu sempre fiquei mesmo muito próxima da minha mãe. A minha mãe, como dona de casa, queixava muito também dessa ausência dele. A gente saía cedo, papai estava dormindo, porque tinha chegado tarde. Na hora do almoço, quase

nunca ele vinha almoçar. De noite, ele chegava tarde, a gente já estava dormindo. Então, era um relacionamento em que a gente encontrava mais era nos finais de semana. E, nos finais de semana, o meu pai também era um pai em tempo integral. No final de semana, quando ele não tinha os trabalhos para fazer.

A gente saía muito para próximo de Belo Horizonte para passear. O papai gostava muito de mato. Então, a gente ia muito para cachoeira, nos finais de semana. Para Sabará, para Santa Luzia, para outras cidadezinhas aqui próximas. Ia muito com a família da minha mãe. Ele sempre se relacionou muito bem com os irmãos da minha mãe. Então, conseqüentemente, os primos sempre estavam em contato.

Do lado dele, era mais difícil, porque moravam em Sete Lagoas. A minha avó mora lá até hoje. Meu avô faleceu há uns cinco anos. Mas o relacionamento dele com a família lá também foi de muito apoio, de apoio mútuo. Eles sempre deram muita assistência para o meu pai aqui em Belo Horizonte, quando solteiro, mesmo quando casado. Então, meus avós sempre participaram muito da nossa vida familiar. Todas as datas, estavam aqui presentes. Eles eram meus padrinhos.

Os meus avós ajudavam financeiramente, quando precisava. Às vezes, ajudavam até mais do que deviam. Porque o fato de ajudar fazia com que eles entrassem muito na vida da gente pessoal. Isso trazia um problema sério. Porque, como meus avós eram do interior, meu pai deu a chave do apartamento para eles. Então, eles podiam chegar, eles tinham livre trânsito. O apartamento foi o meu avô que deu. Isso tudo estava aí muito misturado. Como foi o vovô que deu o apartamento, então, o meu pai se sentiu obrigado a dar a chave para ele, para ele poder vir e não bater com a cara na porta. Vinha do interior e não precisava avisar. Então, isso aí eu acho que causou uma série de problemas. Ao longo do tempo, as coisas foram se resolvendo, a gente foi crescendo.

Mas, no final das contas, era um relacionamento muito familiar, de presença. Sempre em janeiro, desde um ano, que a gente ia para a praia. Porque o vovô tinha um apartamento num sistema de cotas lá em Cabo

Frio. Sempre a segunda quinzena de janeiro era dele. Desde um ano de idade, que ia a família toda do meu pai para lá. Então, tinha assim esse lado de estar convivendo com a família da minha mãe, com os irmãos, com os sobrinhos, com os tios, e, ao mesmo tempo, o lado do papai ficava garantido nas férias de janeiro. Então, sempre assim um relacionamento muito bom com a família.

Eu sempre enumero várias vezes a importância que os meus avós paternos tiveram na nossa criação, minha e do meu irmão. Os meus avós eram comerciantes lá em Sete Lagoas. O meu avô era libanês. Ele nasceu no Líbano. Veio para o Brasil com três anos de idade. E parece que ele foi, inicialmente, para o Maranhão. Aí, morou lá até os dezessete anos. Depois disso, o meu avô veio para Belo Horizonte. Parece que ele tinha uns primos aqui em Belo Horizonte. Veio trabalhar para os primos. Eles tinham lojas, um comércio até grande.

O meu avô abriu a sua própria loja em Sete Lagoas. Ele pegou um trem para poder fazer o mapeamento das cidades, para ver em qual delas começaria a vida. E o meu avô acabou encontrando com a minha avó, numa brincadeira do destino, exatamente numa dessas viagens. A minha avó estava vindo de Lafaiete, porque ela estudava num colégio interno lá. Então, ela estava com a mãe dela no trem. E o meu avô estava nesse trem, viu a minha avó, e se apaixonou por ela, a primeira vista. Ela tinha acho que treze, quatorze anos, na época. Ele tinha os seus dezessete, dezoito anos. Como minha avó desceu na estação de Sete Lagoas, meu avô falou: "Ah, é aqui! É aqui que eu vou montar a minha loja e eu vou casar é com aquela menina". E, aí, eles namoraram, casaram e tiveram dois filhos, que foram o meu pai e a minha tia. O meu pai é o mais novo e a minha tia é a mais velha, com a diferença de um ano. Então, a família é bem pequena.

O meu avô abriu uma loja em Sete Lagoas e foi um comerciante de grande sucesso. Um modelo também de pai, de avô, de marido, de profissional, dentro do pouco estudo que ele tinha. Não sei se ele fez só até o segundo grau ou nem chegou a concluir o segundo grau. E a minha avó também estudou pouco. Então, o meu avô foi um comerciante de grande sucesso. Ele investiu, reinvestiu o dinheiro que ele ganhou, como

comerciante. Adquiriu um patrimônio grande e pode deixar para a minha avó uma vida tranqüila. Para os filhos, ele conseguiu dar muita coisa. Construiu um patrimônio não só para ele, mas para os filhos também.

Então, eu acho que só tenho a enumerar as qualidades do meu avô. Uma pessoa muito rígida, muito brava, mas com um coração que eu nunca vi em ninguém até hoje. E uma marca dele para mim são os princípios, os valores, que ele conseguiu transmitir para a família e principalmente para mim.

Conheci a minha bisavó, por parte da vovó mãe do papai. Lembro muito bem dela. Quando ela morreu, eu tinha oito anos. Não posso falar que a minha bisavó era carinhosa. Eu tinha medo dela. Aliás, eu e os meus primos. Porque ela era uma figura assim marcante. Era libanesa também.

A minha avó conta a história de que a minha bisavó era de família de sangue azul, porque tinha um brasão desenhado no braço. Ela foi banida pela família dela, porque casou com o pai da minha avó, que era plebeu. Vem da história aí que a família dela era de sheik, uma família muito importante lá no Líbano, e que a minha bisavó foi banida da família por ter se apaixonado. Parece que o meu bisavô era empregado da família, uma coisa assim. E veio parar no Brasil, talvez acompanhando o marido.

Eu falo que eu tinha um certo medo, por causa da figura dela. A minha bisavó tinha uma corcunda. Ela já era muito velhinha. Eu só lembro assim que a minha bisavó queria aproximar da gente, mas falava uma língua muito enrolada. Porque a pessoa mais velha parece que tem mais resistência a perder o sotaque. Ela não veio novinha para o Brasil. Então, a minha bisavó dava muito dinheirinho para a gente. Assim, chamava a gente e tirava uns dinheirinhos. A gente olhava desconfiado, aproximava dela porque ela chamava para dar o dinheiro, porque senão saía correndo de medo. A gente achava que ela era assim meio bruxa. Era uma figura assim meio parecida com a bruxa que a gente via nos livros. Aquele nariz grande. O nariz árabe, quando é grande, é grande mesmo. Ela era corcunda. Parecia aquela bruxa da Branca de Neve. A gente tinha uma distância.

Parte II

Eu fiz o terceiro ano integrado, no Pitágoras, e optei por tentar o vestibular para arquitetura.

Primeiramente, a minha vontade era de fazer o curso de letras, porque eu gostava muito de português e inglês. E cheguei para o meu pai, contei e meu pai falou assim: "Ah, mas você vai fazer letras, minha filha? Mas você vai ser apenas uma professora!" Então, isso eu nunca esqueci. Ele falava comigo: "Não. Não vai mexer com educação não, porque educação é muito desvalorizado. Você vai ser apenas uma professora! Você vai começar professora e vai morrer professora!" E eu acatei. Era aquela fase que você está realmente imatura para estar decidindo a sua vida, o que é importante para a sua vida profissional, para a sua vida adulta. Depois, eu cheguei para ele: "Ah, pai, então, quem sabe economia?" Ele: "Ah, é um bom curso." Mas eu não sentia receptividade, e eu queria sentir! Queria que ele falasse assim para mim: "Poxa, que legal!" E ele não falou, até que eu falei com ele: "Ah, pai, quem sabe arquitetura?" Ele: "Ah! É um ótimo curso! Pode fazer que você vai estar satisfeita."

E eu lembro que eu fiz terceiro ano integrado, estudei, me preparei. Arquitetura era um curso, na época, muito procurado. Estava numa faixa de dezoito por vaga. Era um curso bem valorizado. E eu não consegui passar nem na primeira etapa. Fiquei arrasada! Porque eu sempre tinha sido uma boa aluna e não tinha dado conta. Eu me sentia uma pessoa que tinha fracassado.

E comecei a fazer o cursinho, no Pitágoras mesmo. Fiz vestibular, novamente, no meio do ano. Mas, no meio do ano, não tinha vestibular na Federal, aí, não tinha o curso de arquitetura para eu tentar. Então, eu tentei um curso próximo. Eu lembro que eu cheguei para o meu pai e falei: "Uai, pai, o mais próximo de arquitetura é o curso de engenharia!" Ele achou ótimo, porque era engenheiro. E fiz vestibular para engenharia civil, na PUC, passei e comecei o curso. Isso foi em 1980.

Fiz o primeiro semestre. Era um curso muito pesado! Muito árido. Tinha muito cálculo, muita matemática, muita física e química. E eu já comecei mal. Fui reprovada em química. Esse, para mim, também foi um momento difícil, porque eu acho que ser reprovado na faculdade é como ser reprovado na vida. Acho que você repensa toda a sua vida, nesse momento. Ainda mais que eu era uma aluna que nunca tinha tido problemas com reprovação, com recuperação, com notas baixas. Fui reprovada em química e tive que repetir a disciplina.

No segundo período, eu já bati de frente com a mecânica, que era uma disciplina também muito difícil. Essa disciplina, inclusive, foi uma das responsáveis por eu ter abandonado o curso de engenharia, no terceiro ano. Abandonei e fiz a opção pela pedagogia, dentro da PUC mesmo.

Eu acho que eu já gostava da educação. Além disso, eu me sentia incompetente naquele curso. Eu acho também que eu fui me descobrindo, enquanto pessoa. No segundo período, eu conheci o meu marido, que já era professor. Isso foi em 81. Ficamos muito próximos, acabamos casando, no final desse mesmo ano. Então, quando eu casei, eu estava no terceiro período de engenharia. Com certeza, isso mexeu muito comigo, mudou radicalmente a minha vida. Eu tinha dezenove anos, não estava preparada para o casamento. E ainda juntou que eu engravidei. Meus filhos nasceram em abril, meados de semestre. O Caio nasceu um ano depois da Laura. Acho que foram muitas coisas novas, que me fizeram repensar a minha escolha profissional, em função da própria mecânica. Porque eu fui reprovada em química, fiz a química de novo e passei. Mas, aí, depois, eu fiquei em mecânica. Como estava grávida ou tinha filhos pequenos, eu só podia fazer poucas matérias. Eu fui perdendo o contato com a minha turma de origem, fiquei muito irregular no curso. Depois, eu ainda perdi mecânica umas duas ou três vezes, para chegar a conclusão, em 84, que eu queria abandonar o curso de engenharia. Eu lembro que eu conversei muito com o meu marido. Ele me perguntou se eu tinha certeza sobre o que estava fazendo. Eu falei: "Tenho. É isso que eu quero. Eu quero é pedagogia. Eu quero realizar meu sonho. Eu queria mesmo era fazer magistério."

Fiz três períodos de pedagogia. Na época, fiquei maravilhada com o curso! Era aquilo que eu queria, me descobri lá dentro. Voltei a ser, talvez, uma boa aluna, no sentido de me encontrar nas ciências humanas, nas leituras, nas boas notas. E cheguei a conclusão mesmo de que curso de engenharia não era para mim.

Mas, dentro do curso de pedagogia, eu encontrava pessoas e até professores que desvalorizavam o próprio curso. E falavam! Na hora da apresentação, todo semestre, quando eu ia me apresentar, falava das minhas experiências, que tinha feito três anos de civil, eles achavam que eu era louca de sair da engenharia para ir para a pedagogia. As pessoas ficavam falando na minha cabeça, até que eu repensei muito aquilo que eu estava fazendo e concluí que eu não podia abandonar um curso sem saber se eu daria certo como profissional. Então, resolvi voltar para a engenharia e terminar o curso.

Voltei para a engenharia e formei, com todas as dificuldades. Os meus meninos eram pequenos, a minha mãe me ajudava muito com eles. Eu tinha aula de manhã e de noite, para conseguir regularizar a minha situação. Eu dei tudo de mim, para fazer um período normal, no curso de engenharia. Foi o sacrifício maior que eu fiz! Então, fui pagando todas as matérias, fiz curso de férias, regularizei, comecei a fazer o estágio no último período. A Laura, minha menina, tinha cinco anos, quando eu formei, em 88. O meu menino tinha quatro.

Exerci a profissão um tempo. A mesma empresa onde eu fiz estágio me contratou como engenheira orçamentista. Mas as mulheres ainda eram muito minoria. Ainda tinha um machismo muito grande, na área de engenharia. E eu queria viver a construção! Eu queria ir para o campo. Eu não fui feita para me encerrar dentro de uma sala, ficar ali mexendo com projetos, calculando volume de madeira, metragem e o que seja. Não era essa a opção que eu tinha feito. Não era isso que eu sonhava na engenharia. Vivia falando com a chefia, lá com os meus diretores, que eu queria ir para a obra, e eles falavam: "A obra não é lugar de mulher. Os peões de obra vão ficar mexendo com você, você não vai se impor." Porque eu tentei.

E eu mexia com concorrência. Ainda tinha que fazer hora extra. Então, eu ficava o dia inteiro lá na construtora e não tinha hora para ir embora. Chegava em casa muito tarde. Às vezes, tinha que virar a noite trabalhando, porque tinha uma concorrência importante. Eu me distanciei muito, nessa época, da minha família, porque eu não tinha horário para conviver. Às vezes, ficava muito tempo sem ver os meus filhos. Tinha a questão da dor na consciência de deixá-los. Eu sentia uma dor na consciência muito grande, porque já tinha sacrificado o estar com eles o curso todo. Aí, estava sacrificando por causa da profissão.

Eu fui repensando a minha escolha profissional, se era isso mesmo que eu queria, se eu estava feliz. Eu acho que ainda tinha a questão da comparação que eu fazia com o meu pai o tempo todo. O meu pai sempre teve uma personalidade forte. Então, às vezes, ele me cobrava determinadas coisas. "Ah, mas você não sabe isso? Não é possível! Você não é engenheira?" E tinha a história de ser a filha dele, dentro daquela empresa. Porque foi ele que me arrumou o estágio. Eu era a filha do Alberto! Na verdade, eu não era eu mesma. E aquilo tudo foi me saturando. Eu era engenheira, tinha status social, mas não estava feliz. Então, repensei, mais uma vez, se não valia a pena deixar aquilo tudo, dar um basta. Eu já tinha certeza que não tinha sido feita para a engenharia. Ali, eu já era engenheira, já tinha tido a experiência. Até que me saturou geral e eu falei: "Olha, quer saber de uma coisa? Eu vou é pedir demissão. Eu não quero mexer com engenharia. Engenharia para mim zerou. Eu dei tudo que eu tinha, tentei tudo que eu podia." Eu fiquei lá dois anos inteiros. E fui para casa feliz, naquele dia, porque tinha pedido demissão e, ao mesmo tempo, eu ia ficar seis meses em casa, como dona de casa. Aquilo era o meu sonho! Nunca tinha vivido isso, e eu já tinha dez, onze anos de casada ou mais. Acabou que eu fui para casa feliz, porque eu ia me tornar mãe, dona de casa e ia realizar meu sonho.

Só que eu tinha feito um concurso, um tempo antes, do Estado. Era da Secretaria da Fazenda, para agente fazendário. Não é que, daí a pouco, eles me chamaram para tomar posse? E lá fui eu assumir a Secretaria. Sai totalmente da minha função. A vantagem é que era meio horário. Então, talvez, esse primeiro ano de trabalho, tenha sido o ano mais feliz da minha

vida. Porque eu trabalhava meio período, então, podia dar conta dos meninos, de manhã. A gente saía. Eu fazia caminhada, eles andavam de bicicleta. Eu podia levar os dois na escola, já que pegava serviço só meio dia e meio.

Mas, logo, houve uma mudança de governo. O Newton Cardoso assumiu e passou a nossa jornada para horário integral. Aí, já começou a não valer a pena. Eu tinha que ficar o dia inteiro lá, cá naquela mesma situação de ficar enfiada dentro de um lugar oito horas por dia, sacrificando os meus filhos do mesmo jeito, para não estar acrescentando nada à minha profissão. Depois, ainda me transferiram, sem me perguntar se eu queria, para o Setor de Pagamentos. E essa novela durou um ano. Quando eu consegui voltar para o meu lugar de origem, as coisas todas lá tinham mudado. Porque, antes d'eu ser transferida, a gente fazia um sistema de rodízio: um dia, eu ia; um dia, minha chefe ia. Isso aí facilitava muito para a gente. Ela tinha uma compreensão muito grande com a gente que tinha filhos. Já depois, quando eu retornei, tinha mudado a chefia geral. E essa chefia geral era de criar briga com todo mundo, era uma pessoa muito radical, batia de frente com a gente, e, além disso, gostava de trabalhar com situações de corrupção, protegia pessoas do conhecimento político dela. Um belo dia, aconteceu uma situação muito chata que me envolveu diretamente. Aí, eu lembro que eu fui para o banheiro e fiquei lá, chorando, chateada. Na época, o meu marido estava ganhando muito bem. Ele já tinha aberto a sorveteria. Então, eu não precisava do meu salário. Aí, eu saí de lá, pedi exoneração. Falei: "Oh, eu não preciso disso não. Quer saber de uma coisa? Vou largar essa bobagem aqui. Agora, eu vou retomar a minha vida do ponto que eu devia ter começado, que é fazer o curso de pedagogia. Vou terminar meu curso de pedagogia. Eu quero é estudar. Saturei da engenharia, saturei da Secretaria da Fazenda. Vou retomar o ponto de onde eu devia ter começado." Só que, ao invés de voltar para a PUC, eu voltei para a Federal.

Logo que eu retornei ao curso de pedagogia, eu consegui uma bolsa de iniciação científica. Tinha três meses que eu estava lá. Então, fui bolsista de iniciação. Foi aí que eu entrei para a vida acadêmica, talvez até sem planejamento. Não foi uma busca minha, foi um acontecimento. Eu estava

sem trabalho, só estudando. Então, eu lembro que eu achava que eu não tinha condição, porque eu já era uma pessoa mais velha, em relação a minha turma. Isso foi em 93. Eu tinha trinta e um anos. Concorri com meu colegas de dezoito, dezenove, vinte anos, no máximo. Tinham duas vagas e vinte pessoas concorrendo. E a professora achou interessante exatamente isso: eu já ser formada em outro curso, em engenharia. Além disso, ela gostou da minha produção de texto, da entrevista.

Fiquei três anos e meio como bolsista. Porque acabou um projeto, depois, veio outro, e eu continuei. A minha orientadora falava que eu tinha nascido para a pesquisa, porque eu era uma pessoa muito disciplinada, porque eu tinha um bom discurso e organizava bem as minhas idéias no papel.

Formei em 96. A minha orientadora já tinha até me indicado para uma bolsa de aperfeiçoamento, mas eu sentia necessidade de ir para a prática. Eu fui trabalhar na Secretaria de Educação, assumi o cargo de analista de educação. E fiquei trabalhando lá na Secretaria uns dois meses. Só que era aquele sistema de oito horas, tinham as cobranças em cima do funcionário. Eu acho que eu não fui feita para ser funcionária pública.

Aí, surgiu uma vaga em uma escola. A mesma coisa que me instigava na engenharia, me instigava na pedagogia. E eu achava que o campo era a escola, que ali que a vida acontecia. As coisas da escola, do ensino, da pedagogia, aconteciam na escola. Aí, eu fui com a cara e a coragem para a entrevista. E eles gostaram muito do meu currículo. Então, fiquei como supervisora do turno da noite. Isso para mim foi muito interessante, porque eu podia ficar o dia inteiro em casa e trabalhar a noite. Em algumas épocas, eu consegui conciliar perfeitamente, em outras, eu não via nem o dia passar de tanta atribulação. Mas foram poucos os momentos de tranquilidade. No segundo semestre, eu passei para o turno da tarde, fiquei trabalhando com a quarta série. Trabalhei o ano inteiro como supervisora. Um trabalho muito gostoso de fazer. Eu gostava demais da escola.

Foi quando eu descobri o Programa de Aceleração de Aprendizagem, que chegou como política pública implantada pelo Estado. E me apaixonei

pelo Programa! Ele se tornou o meu objeto de estudo, no mestrado. Terminei até voltando para a Secretaria, para trabalhar como coordenadora desse Programa.

Eu estava trabalhando na Secretaria, quando fiz a seleção, na PUC, e passei. Fiquei um tempo trabalhando e estudando. Eles me liberavam, na parte da tarde, para eu freqüentar as aulas. Mas, depois, eu acabei fazendo a opção de me dedicar somente ao mestrado, porque o mestrado é um curso que exige muito da gente. Fiquei por conta do mestrado, um semestre.

Depois, comecei a dar aula na Federal, como professora substituta. Fiquei dois anos lá. Foi importante a experiência na Federal, porque me abriu as portas de outras instituições. E, a partir daí, eu assumi a profissão, a realidade de uma professora universitária. Isso foi em 99. Então, já estou com quase quatro anos de magistério superior. E me encontrei. É o que eu gosto de fazer.

3. Laura

Parte I

A minha mãe, Ângela, nasceu aqui em Belo Horizonte mesmo. Ela queria arquitetura, quando tentou vestibular. Acabou que ela foi fazer engenharia, na PUC, muito influenciada pelo meu avô, que era engenheiro. Fez o curso todo, mas teve muita dificuldade. Às vezes, a minha mãe não passava nas matérias. No meio do curso, ela mudou para pedagogia. Começou a fazer pedagogia, cursou um ano, e voltou para a engenharia. Formou em engenharia, foi trabalhar em uma construtora. Sempre assim impulsionada pelo meu avô, que já trabalhava há muitos anos na área.

Depois, a minha mãe largou tudo e voltou para a pedagogia. Fez pedagogia na Federal, o mestrado em seguida.

Agora, sempre foi assim complicado. A mamãe nunca foi uma pessoa muito acostumada a trabalhar muito. Quando ela começou a trabalhar na escola da Prefeitura, começou a ter depressão. Então, ela tem uma trajetória de vida que não tem um embasamento para o trabalho, como é o caso do meu pai. A minha mãe sempre foi acostumada a ter as coisas. Ela sempre teve tudo. Os meus avós tinham uma boa condição. E isso sem falar na imagem que ela tem dos meus avós. Porque a minha avó não trabalha. O meu avô sempre sustentou a casa. E, hoje, a minha mãe já fez o mestrado. Trabalha, mas trabalha muito, mas a gente vê as dificuldades que ela passa. É uma pessoa extremamente estressada com a vida dela. Por mais que ela tente falar que está feliz, a gente vê que não está. Porque ela não está acostumada, não é o sonho da vida dela o que ela passa, ela queria outro tipo de coisa. Mas, apesar dela ser uma pessoa muito complicada para trabalhar, eu acho que a minha mãe tenta. Ela sempre quer dar conta.

Eu acho que a minha mãe foi muito a base dessa família. Porque o meu pai era aquela coisa: saía, não voltava, ia jogar buraco. Trabalhava vinte e quatro horas, e, quando tinha um tempinho, ele ia jogar buraco. A minha mãe que manteve o casamento. E, aliás, ela fala isso com todas as letras. Segurou bastante a barra. Meu pai brincando, meu pai fazendo hora, e ela com rédea firme. A minha mãe acompanhou muito mais a gente.

Ela é muito nervosa. Então, gritava, berrava, batia. Eu e meu irmão não queríamos parecer com ela. Quando alguém falava assim: "Vocês estão parecendo com o seu pai", a gente achava que era um elogio, porque a gente tinha a imagem de um pai que cuida de tudo. A minha mãe era a mãe que puxa a orelha, que xinga, que bate, que briga.

Muita coisa eu e a minha mãe aprendemos juntas. Eu acho que a gente sempre foi mãe uma da outra. Mamãe me teve muito novinha. Ela estava fazendo engenharia ainda. Acho que no terceiro, quarto período, não sei. Eu, às vezes, chorava, ia para o quarto dela, mas ela tinha prova no dia

seguinte e me xingava, mandava eu voltar para a cama. O meu nascimento foi aquela coisa muito fora de hora, digamos. Porque eu nasci e a minha mãe estava entre aspas muito ocupada.

A minha avó, Gisela, veio de uma família mais pobre. Ela foi criada praticamente pelos irmãos, porque perdeu os pais muito jovem. E viveu aquela coisa assim mais antiga, porque não podia sair. Só saía para uma matinê, uma coisa assim, porque os irmãos eram muito severos.

Quando era mais nova, tinha uns vinte e poucos anos, a minha avó trabalhou, mas trabalhou muito pouco tempo. Conheceu o meu avô assim repentinamente em uma praça. Ele chamou para conversar e assim foi. Depois que casou, com vinte e oito anos, quando já estava ficando para titia, como ela mesmo brinca, a minha avó também viveu assim para o meu avô. Meu avô era engenheiro civil, tinha que ir para uma cidade, depois para outra, depois para outra. Ele ia fazer essas grandes obras e a minha avó ia junto. Então, a vovó não pode construir nada. Ela não podia trabalhar, tinha que cuidar dos meninos.

E a minha avó sempre foi muito rígida, daquelas mães que não deixa um fio de cabelo dos filhos fora do lugar. Mimou muito tanto a minha mãe quanto o meu tio. Eu acho até que grande parte do gênio que a mamãe tem hoje, porque ela é bastante dependente, carente, é coisa dela. A minha avó até conseguiu estragar o meu tio, digamos assim. Porque ela e o meu avô sempre deram tudo para ele e isso impediu que ele criasse um espírito de correr atrás das coisas que quer, de trabalhar mesmo.

A minha avó também se dedica muito à igreja. Ela sempre gostou. Tem a ver com a história de vida dela. A criação que ela teve foi muito religiosa.

É uma pessoa marcante na vida da gente. Ela sempre fazia tudo para mim e meu irmão. Sempre que podia, cuidava da gente. A mamãe estudava, largava a gente com ela. Então, a minha avó é mais que uma segunda mãe. Sempre com carinho demais. Fazia tudo para a gente. Ela dançava comigo, me empolgava. Realmente cuidou da gente como uma mãe.

O meu avô materno é de Sete Lagoas. Ele morou lá até terminar o segundo grau, depois, veio para Belo Horizonte. Meu bisavô tinha um comércio e o sonho da vida dele era que o meu avô ficasse em Sete Lagoas, entrasse para o comércio também. Mas o meu avô queria vir para cá para estudar. Então, ele se indispôs com os meus bisavós, brigou muito.

Em Belo Horizonte, o meu avô passou dificuldade para conseguir fazer engenharia, porque ele tinha que trabalhar para se sustentar. Então, foi uma pessoa que trabalhou muito. Sempre trabalhou muito. Trabalhava no escritório, trabalhava nas prefeituras, na SUDECAP.

O meu avô era o provedor, porque a minha avó não trabalhava. Então, ele sempre forçou entre aspas ela a fazer tudo que ele queria, por causa disso, porque ela dependia dele. O meu avô carregava a minha avó para cima e para baixo e ela não tinha voz. Até hoje, ela não tem voz. Mas ele dava tudo para ela, quando tinha mais condição. A minha avó era daquelas madames que vão ao salão todo final de semana, fazem unha, compram roupa. Eles tinham tudo. Sempre foram acostumados a ter muita coisa boa.

Acho que os meus avós educaram muito bem os filhos, apesar de terem estragado os dois em um sentido. Eles sempre procuraram dar tudo. Hoje, o meu avô paga um pouco por isso. O meu tio já é casado, tem um filho e mora no bairro de Lourdes, que é um dos bairros mais caros de Belo Horizonte em termos de metro quadrado e IPTU. E meus avós é que sustentam. O meu tio fez direito e administração, mas tem uma carreira muito conturbada. Apesar dele ter um escritório e dar aula numa faculdade, ele age como se ele não ganhasse nada. Então, gasta o que ganha com coisas supérfluas e o meu avô pagando as contas dele. É ele que paga condomínio, tudo. Então, eu acho que, hoje, os meus avós sentem o que fizeram. Não tanto por causa da minha mãe, porque o meu pai sustenta. E, na cabeça do meu avô, é o marido que tem que sustentar mesmo. Aqui em casa, ele não tem que ajudar, porque é o meu pai que tem essa função, essa responsabilidade. Agora, como o meu tio não consegue sustentar a esposa e o filho, é ele que tem que sustentar.

O meu avô é uma pessoa extremamente triste e feliz, ao mesmo tempo. É feliz com a vida que ele teve e com algumas coisas que ele tem hoje, mas triste porque tem que sustentar as pessoas. Ele sabe que está no final da vida e não pode aproveitar, não pode pegar o que ganha e viajar com a minha avó, porque tem que sustentar. O meu avô não pode pegar o carro e ir para a praia, porque tem que alugar a casa para manter as despesas. Ele passa essa imagem de que está triste.

Eu convivi com os meus bisavós, pais do meu avô materno. Eu sempre fui muito para a casa deles, em Sete Lagoas. Todas as datas comemorativas a gente ia para lá. Nos aniversários, no dia das mães, no dia dos pais, no natal.

O meu bisavô e a minha bisavó eram umas gracinhas, faziam tudo para mim, cuidavam de mim como se eu fosse filha deles. Eu fui a primeira bisneta. Eles sempre me incentivaram, tinham muito orgulho de tudo que eu fazia. Eu dançava, fazia apresentação de dança em shoppings, os meus bisavós iam. Eu tocava piano, eles iam na apresentação. Eu tinha notas boas, eles sempre me ligavam, me davam parabéns. Nas formaturas, eles iam. Então, sempre acompanharam muito as coisas da gente.

O meu bisavô faleceu, quando eu tinha de treze para quatorze anos, em dezembro, no dia do natal. Quando ele faleceu, eu assustei muito. Foi muito repentinamente. Porque, apesar da gente saber que o meu bisavô era velhinho, ele tinha tudo para viver muito mais tempo. Tanto que ele faleceu dormindo, sentado numa cadeira, do nada. Acho que o meu bisavô morreu com oitenta e nove anos. Foi o meu primeiro grande susto. Foi a primeira pessoa querida que eu perdi.

Todo mundo ficou muito preocupado com a minha bisavó, quando o meu bisavô morreu. Foi muito difícil. Ela passou assim por momentos super difíceis. Eles já tinham feito até bodas de diamante, eu acho. Iam fazer, alguma coisa parecida. Mas, graças a deus, eu acho que a minha bisavó sente a presença do meu bisavô e tem vontade de viver. Ela gosta de viver. E espero que ela esteja do lado da gente mais muitos anos.

A minha bisavó era filha de libaneses. Falam que a minha tataravó era princesa no Líbano, aí, ela casou com um plebeu e eles vieram para o Brasil. Quando a minha tataravó se apaixonou pelo meu tataravô, ela perdeu todo o patrimônio que ela tinha. Aí, eles vieram para o Brasil e começaram a trabalhar também com alguma coisa de comércio. Eu não tenho certeza.

O meu bisavô nasceu lá no Líbano e veio para cá com três anos. Ele sempre foi uma pessoa muito humilde e muito correta. Queria crescer por conta própria e cresceu. O meu bisavô construiu um patrimônio que, para quem saiu do zero, é muito grande. Ele teve uma grande casa comercial, comprou um cinema, construiu um prédio, teve lojas. Sempre trabalhou como comerciante.

O meu bisavô trabalhou muito, mas ele gostava de viver. Os meus bisavós fizeram várias viagens para a Europa. Adorava viajar. O meu bisavô levava a minha bisavó para cima e para baixo. Ele sempre deu tudo para ela. Muitas jóias, porque libanês gosta muito dessas coisas. Tiveram dois filhos, o meu avô e a minha tia-avó. Então, o meu bisavô gostava das coisas boas e trabalhava para isso. A minha bisavó não trabalhava, mas sempre ajudava o meu bisavô no comércio. A loja era muita grande.

Meu pai nasceu em Conceição do Mato Dentro, interior de Minas, e veio para cá, para Belo Horizonte, com uns três anos. Sua família era muito pobre. Morava ele, seus onze irmãos e os meus avós numa casa de dois cômodos. Passava fome. Lá em Conceição, a família trabalhava com coisa de fazenda, de gado, de horta, muita coisa. O papai conta que começou a trabalhar com dois anos, catando latinha, catando coisas, porque era bem precário.

Alguns irmãos e irmãs do meu pai estudaram, outros não. Alguns conseguiram estudar até a quarta série. O meu pai foi um dos poucos da família que formou. Ele conta que, quando fez vestibular, se a pessoa fosse aprovada no curso de educação física da Federal, era contratado pela Prefeitura direto. Então, o meu pai e duas de tias fizeram vestibular para

educação física. Esse foi o primeiro curso que ele fez. Trabalha com isso, desde que formou, há vinte e cinco anos.

O papai começou vários outros cursos e abandonou. Fez o curso de odontologia todo também. Trabalhou com odonto. Agora, continuou sempre com a educação física, que era o que sustentava.

Trabalhou uns dez anos com odonto e largou para mexer com comércio, incentivado pelo cunhado, que, na época, tinha uma sorveteria em Lafaiete e mexia com isso há muito tempo. Largou odonto, mas continuou com a educação física. Sempre professor, funcionário público.

Mexeu mais de dez anos com sorveteria. Chegou a abrir duas. Essa foi a época que a gente progrediu mais na vida, que o meu pai conseguiu comprar imóvel, que a gente conseguia viajar sempre nas férias. O comércio foi, realmente, o que ajudou o papai a construir alguma coisa. Porque a educação física sempre manteve, a gente sempre tinha o que comer, mas o salário não é grandes coisas.

Depois de uns dez, doze anos, o meu pai largou a sorveteria. Na época do Fernando Henrique, as coisas começaram a ficar ruins. Ele foi diretor na escola também, durante oito anos, então, começou a deixar um pouco a sorveteria de lado, para se dedicar somente à escola. Aí, a sorveteria desandou, acabou que fechou.

Eu acho que, desde cedo, o meu pai me influenciou como modelo de trabalho. Ele sempre trabalhou muito. Ficava vinte e quatro horas fora e a gente não tinha quase contato nenhum com ele. Então, a gente tinha aquela figura assim do pai trabalhador, que sustenta tudo.

Agora, como pai, sempre corrigiu a gente muito, sempre foi muito severo. Assim, ele é muito conservador. Eu sempre brinquei muito, falava que o meu pai era liberal com os filhos dos outros, mas conservador com os dele. Porque é aquela coisa: nunca me deixou sair; sempre tive horário para chegar, mesmo depois de fazer dezoito anos.

Os meus avós paternos sempre foram muito diferentes dos meus avós maternos, porque eles eram mais pobres. A gente até ficava muito

com eles, mas meu avô paterno sempre foi muito rígido. Era aquela coisa assim de roça mesmo. Mamãe conta que ele já correu atrás dela para bater com a vassoura na mão. Eu amava demais o meu avô. Sempre gostei. Chegava lá, ele sempre me oferecia um pedaço de queijo. Mas era uma coisa diferente, porque não era aquele contato que a gente tinha. O meu avô nunca me tratou mal, mas tem vários tios que tem muita mágoa dele, porque ele batia, sempre foi muito severo.

Às vezes, o meu avô trazia as coisas para a gente, fruta. Ia, aparecia lá em casa. Era uma gracinha assim com a gente. Tinha o maior carinho. Sempre, de repente assim, aparecia do nada lá em casa, para visitar a gente. E a gente sempre ia aos sábados ou aos domingos na casa deles.

A minha avó era a mesma coisa. Uma figura adorável. Só que os dois sempre brigavam muito. Que eu me lembre, eles nunca dormiram juntos. O meu avô sempre brigou muito com a minha avó, sempre foi severo. A minha avó era índia. Eles contam que ela casou, porque tinha que ser assim, porque o meu avô obrigou. Ele era filho de português. Aquela coisa bem da roça: é o homem é que escolhe e a mulher tem que aceitar. Tanto que a vovó sempre brigava com ele, falava que tinha que separar, que queria morar em outro lugar, que era para construir outra casa para ela.

Ao mesmo tempo, a minha avó era uma figura adorável, tinha um coração maior impossível. Ela sempre cuidava da gente. Quando ela podia, no aniversário, trazia um embrulhinho para mim, me dava cinco reais. Ou, então, me dava de presente uma camisola, uma bonequinha. Assim, a dimensão financeira era o oposto da outra. As duas famílias sempre foram muito opostas. Era como se fosse a princesa e o plebeu.

Os meus avós viviam de aposentadoria rural. Era muito pouco. Todo mundo da família sempre ajudou, porque era muito pouquinho mesmo. Os filhos ajudavam, mas alguns, porque uns se indispuseram muito com eles. Assim, tem um tio meu que brigou com o meu avô e falava que queria matar ele. Umas coisas assim sem pé e nem cabeça.

Minha avó faleceu no dia 10 de julho de 99, e meu avô faleceu quarenta e três dias depois. A gente até fala assim que ele morreu de amor,

porque o meu avô sempre foi uma pessoa apaixonada pela minha avó. E a minha avó detestava o meu avô. Ela não queria nem olhar para ele de manhã. Tinha pânico. Eles dormiam em quartos separados. Ela tinha ódio dele. Mas eram outras épocas. A minha avó não podia nunca largar o meu avô. Era aquela coisa: ela que cozinhava, que cuidava dele. E ele apaixonado. Não adiantava.

Quando a gente chegava na casa dos meus avós, a avó falava: "Senta aqui que eu vou catar piolho em vocês". Aí, ficava, passava a mão no cabelo, chocava muito a gente. Quando ela morreu, eu sofri muito. Acho que eu nunca chorei tanto na minha vida.

Eu lembro que a minha avó sempre falou muito que queria ter um filho médico. Várias vezes, eu falei assim para ela: "Vó, eu vou ser médica". E a minha avó ficava toda feliz, toda orgulhosa. Era uma coisa que eu sabia que ela queria. Apesar dela não ter um filho médico, de ter uma neta médica ela também ia gostar. Era um sonho.

Só lembro de coisa boa da minha avó. Não lembro dela brigando, dela batendo. Ela sempre foi daquelas que chocavam os filhos também. Nesse ponto, entre aspas, até estragou alguns. Porque o meu avô queria bater e a minha avó queria segurar para ele não bater. Então, ficava aquela coisa assim. E alguns filhos deram certo e outros não. Eu tenho tia e tio que quer depender de todo mundo. Não faz nada, não quer trabalhar, detesta trabalhar e acha que todo mundo tem que ter piedade, pena e ajudar, dar comida, dar dinheiro, sustentar.

Então, de um lado, do lado da família do meu avô materno, a figura da família sempre esteve em primeiro lugar. E isso é uma coisa bonita, que eu sempre admirei. Eu aprendi isso. Do outro lado, do lado da família do meu pai, a gente já não teve isso. Eu tinha muito apego com os meus avós, só que a família, por ser muito grande também, era muito diferente. Um irmão tinha raiva, inveja do outro. Muitos dos meus tios invejam o patrimônio que o meu pai teve. Muitos acham que ele tinha que ajudar, simplesmente sustentar. Então, sempre foi muita inveja, muito ciúme das coisas. Um lado é o oposto do outro. Minha mãe sempre viveu naquela

estrutura familiar certinha. Os meus bisavós passaram isso para o meu avô, e meu avô passou para a minha mãe e a minha mãe aprendeu. Então, os meus pais entraram um pouco em choque. O choque foi muito grande, em termos de tradição, em termos financeiros. Mas eu espero ter aprendido as coisas boas dos dois lados.

Parte II

Quando eu cheguei na oitava série, eu tinha que fazer cursinho para entrar no CEFET. No CEFET ou no COLTEC. Na verdade, eu não escolhi isso. Quem escolhia eram os meus pais. Na época, eu não tinha muito interesse, eu não sabia muito. Eu não sabia nem onde que era o CEFET. Não sabia o que era, muito menos que era uma escola técnica, o que era bom e o que não era. A única coisa que eu sabia é que eu queria fazer medicina. Meu pai me dizia que o CEFET era uma coisa boa. Primeiro, lógico, porque não pagava. E, se eu fizesse CEFET, se eu fizesse química, depois, eu ia precisar só da biologia, para passar no vestibular de medicina. Eu não sabia nem o que eu ia estudar, mas fui e fiz a prova.

Eu fiz prova no SEBRAE também. Era a paixão da minha mãe! Na época, ela estava fazendo um estágio lá, uma coisa assim, e queria que eu fosse para lá. No SEBRAE, o curso era de técnico em administração de empresas. Só que eu tinha horror daquele lugar! Eu não queria fazer aquilo de jeito nenhum! E, quando eu fiz a prova, eu cheguei até a fazer a prova chutada, porque eu não queria. E eu sabia que, se eu passasse lá, eu iria para lá, porque era o sonho da minha mãe.

Foi uma época em que eu tive que largar a dança, que eu amava, em julho, para fazer cursinho, no segundo semestre. Eu lembro que eu estudava muito, que eu ficava super nervosa, na hora das provas. Graças a deus, eu passei, tanto no CEFET quanto no COLTEC. Passei muito bem no CEFET! Em terceiro lugar.

Então, eu fiquei sem saber para onde ir. Eu não tinha conhecimento do local, eu não tinha conhecimento das pessoas e eu tinha que escolher. Acabou que eu fui um dia no COLTEC, fiz matrícula e escolhi ir para lá. Mas, ao mesmo tempo que eu falei que eu queria ir para o COLTEC, eu ficava indo nas aulas no Padre Eustáquio, que foi aonde eu estudei até a oitava série, por causa dos meus amigos. Eu adorava, porque eu conhecia todo mundo! Fazia pouco tempo que a gente tinha feito um trabalho sobre Cuba, o que foi muito bom, porque eu passei a conhecer mais as pessoas, os garotos, pouco tempo depois, eu tinha que sair do Colégio. Eu fiquei naquele medo. Falava assim: "Ai, pai, eu quero ficar no Padre Eustáquio. Mesmo eu tendo passado no CEFET e no COLTEC, eu quero ficar". Ele falava comigo que era para eu escolher, mas eu sabia que ele não ia deixar eu ficar. Escolhi o COLTEC. Mas os meus pais resolveram que eu ficar no CEFET, porque era mais perto. Senão, eu ia ter que viajar, que ficar uma hora, uma hora e meia, no ônibus. Então, eu fui para o CEFET.

O CEFET foi a melhor época da minha vida! Eu só tenho recordações boas daquele lugar! Eu acho que foi o lugar aonde, realmente, eu cresci. Eu tinha contato com tudo, eu tinha aula o dia inteiro. Foi uma época que eu fiz coisas, que eu conheci pessoas, e que, mais do que nunca, eu formei um nível de consciência. Eu me formei, eu me transformei. Porque eu era muito quieta, eu me achava um patinho feio, era sempre do "grupo das nerds". No CEFET, eu estudava, estudava, mas eu estudava e vivia. Então, eu comecei a sair um pouco com o pessoal. Já no segundo ano, eu era representante de turma. Eu preparei a comissão de formatura, fui presidente da comissão. Muita gente da escola me conhecia! Foi um lugar que, em questão de estudo, me fez aprender muito. Por ser escola técnica, é verdade, eu não tive o que realmente eu ia precisar para o vestibular. Mas eu adorava!

Agora, eu não tinha muita noção do lado profissionalizante do CEFET. De certa forma, eu percebia que eu destoava do pessoal de lá. Porque a minha realidade e a realidade dos meus pais era que eu ia fazer aquele curso e tentar vestibular e pronto. Eu não tinha que trabalhar. E a maioria das minhas amigas não. Elas iam trabalhar, iam fazer um curso de noite. Então, eu comecei a entrar em conflito. Eu estava fazendo química no CEFET, não podia tentar medicina. Todo mundo ia tentar na área. Estava

fazendo química, ia tentar farmácia, química, no máximo, engenharia química. Então, eu fui ficando em dúvida se realmente eu queria medicina, se eu não queria. No terceiro ano, eu fiquei muito em conflito sobre o que eu tentava no vestibular, porque eu fiquei com medo de tentar medicina. Não sabia se eu tentava química, porque eu sempre fui boa aluna em química, gostava.

Fiz vestibular para medicina, na Federal, e para psicologia, na PUC. Na época do CEFET, todo mundo vinha me contar as coisas, eu gostava de saber, todo mundo gostava de me contar. Eu era meio que solucionadora de problemas. E era mística, gostava de botar cartas. Às vezes, as pessoas me tiravam de sala para isso! Então, a psicologia surgiu mais pelo incentivo das pessoas. Como não passei na Federal, fui para a PUC. Mesmo assim, eu tinha um sentimento de fracasso, porque, como eu sempre fui uma boa aluna e me cobrei muito, eu achava, acreditava que eu ia passar em medicina. Na época que eu comecei a faculdade de psicologia, eu comecei também a trabalhar no IML. Era um estágio sem remuneração, mas era o que eu tinha conseguido.

Eu adorava psicologia! Só que o meu pai não gostava. Ele chegou a começar a faculdade de psicologia e achava que aquele curso não ia me levar a lugar nenhum. Ele falava que, profissionalmente e economicamente, a psicologia não ia me dar resultado, que o curso não valia nada. Isso me influenciou muito, porque eu sempre preoquei com o que os meus pais pensam. Independente deles, eu chegava na sala, era estranho, porque a metade da turma estava lá porque não tinha passado em medicina e trinta por cento porque não tinha passado em direito. Eu não me sentia bem! Assim, parecia que eu não estava no meu lugar. Aí, juntou isso com o fato do meu pai e a minha mãe não quererem que eu fizesse aquele curso.

Meu pai falava assim: "Ah, você vai fazer uma viagem. Ao invés d'eu pagar seis meses para você, na PUC, você faz uma viagem. No segundo semestre, você faz cursinho de novo. Eu vou te dar a viagem de presente e você vai viajar". Eu terminei fazendo o que ele falou: larguei a PUC, depois larguei o estágio e viajei. Minhas tias estavam na Europa e eu fui para lá.

Voltei da Europa e comecei a estudar para o vestibular, fazer cursinho, para tentar medicina de novo. Morri de estudar! Foi na época em que eu terminei com o meu primeiro namorado, principalmente porque os meus pais não gostavam dele. Aquilo me abalou muito. Eu ficava só estudando! Parei de sair no final de semana, não ia nem em shopping. No final do ano, eu tentei de novo medicina na Federal e direito na PUC. O direito me apareceu como uma segunda opção. Além d'eu gostar de história, eu tive contato, no IML, com advogados e com a elaboração de laudos, e aquilo me chamou muito à atenção. Eu gostava! Eu achava também que eu era muito incisiva, muito racional, então, podia ser uma boa opção.

Como eu não passei na Federal, fui fazer direito. Eu coloquei na balança o seguinte: eu tinha feito escola técnica, não ia conseguir passar, na Federal, para medicina, se eu não fizesse extensivo, que era o ano inteiro estudando; mas, ao mesmo tempo, era a segunda vez que eu tentava medicina e não conseguia passar, eu estava muito machucada. O fato de não ter passado, para mim, era um fracasso! Eu tinha vergonha disso! Eu me achava boa o suficiente e não entendia porque é que eu não tinha passado. Resolvi, então, a fazer os dois juntos. Eu fazia cursinho de tarde e direito à noite. Foi assim o primeiro semestre inteiro. No meio do ano, eu tranquei a faculdade e continuei fazendo o cursinho.

Amava o direito! Adorei os meus colegas! Adorava todas as matérias! Eu senti muita falta, quando eu larguei. Porque o cursinho era uma coisa muito tensa. Eu detestava aquele lugar! Eu tinha pânico! Eu detesto vestibular! E aquilo me lembrava que eu não tinha passado, que eu estava tentando reaver o processo. Quando eu chegava na PUC, eu sentia um alívio, porque eu lembrava que tinha outra vida também. Não tinha só aquele martírio. No segundo semestre, foi pior, porque eu tive que ficar só estudando para o vestibular.

Estudei muito! Eu passei em todos os vestibulares, praticamente, que eu fiz. Só que só passei em faculdade particular. Em Universidade Federal, eu só tentei em Belo Horizonte e em Juiz de Fora. Em Juiz de Fora, eu até passei na primeira etapa, mas não passei na segunda.

Mais uma vez, eu tinha que escolher. Pensava: "Para onde que eu vou?" Depois de muito tempo, eu resolvi que eu queria ir para Barbacena. Só que a faculdade de lá, na época, era mais cara que a de Petrópolis e a de Volta Redonda, apesar de ser mais perto de Belo Horizonte. Foi uma briga. De um lado, eu querendo ir para Barbacena, de outro, meus pais querendo que eu fosse para Petrópolis. No final das contas, mais uma vez, eles ganharam. Eu vim para Petrópolis, porque, além de ser uma faculdade melhor que a de Barbacena, de ser a melhor faculdade particular do Rio, tem mais chance d'eu conseguir crédito educativo.

E eu estou gostando do curso. Não tenho dúvida de que eu quero é medicina mesmo. Não sei, talvez, quando eu era pequenininha, eu já sabia por intuição. Eu amo todas as matérias! Se eu pudesse, eu seria monitora de todas as matérias do ano passado. Tenho um carinho muito grande com a faculdade, conheço muita gente. Estou gostando e acho que vou continuar gostando. Só acho que tem que estudar muito. Eu preferiria que tivesse que estudar menos.

No começo, eu não queria mudar de Belo Horizonte, para fazer faculdade, porque sempre fui muito apegada aos meus pais, e aos meus avós mais ainda. Eu sentia que eu ia ficar desamparada. Mas eu sinto um certo alívio de estar morando fora. No começo do ano passado, eu fiquei dois meses sem ir para casa. Sentia falta do meu namorado, mas, como a minha mãe e o meu pai sempre pegaram muito no meu pé, eu sentia um certo alívio. Aqui, eu posso ser dona do meu nariz. Apesar do dinheiro ser deles, eu posso fazer o que eu quiser. E, lá em Belo Horizonte, eu não tinha isso. Eles não me deixavam. Meus pais sempre me regularam muito. Eu acho que eu precisava viver essa experiência de sair de casa.

Sei que eu não passei, na Federal de Juiz de Fora, por causa de nervosismo. Porque a minha pontuação foi boa e eu poderia ter passado. Não passei porque eu não consegui fazer a prova inteira. Eu nunca consegui. Todos os vestibulares que eu fiz foi assim. Eu ficava muito nervosa, eu ficava muito lerda. Eu não conseguia fazer as questões à caneta direto, eu tinha que fazer a lápis e depois passar à caneta. Só que questão a lápis, eles não corrigem e metade de duas provas minhas ficaram

a lápis. Então, ficou, para mim, a certeza de que eu poderia ter passado. Eu não fico tão triste, dessa forma.

E, esqueci, eu fiz vestibular também na UFRJ. Foi mais como experiência, mas fiz. Só que lá tinha reclassificação. Eu nem sabia. Não passei em medicina, mas passei em educação física. Foi uma coisa boa para mim, para a minha auto-estima. Porque eu sempre me senti fracassada por não ter passado na Federal. Todas as minhas amigas estudam na Federal. Eu fiquei em dúvida até, na época, se ia ou não para lá, porque era Federal. Minha mãe ficou tentando fazer eu entender que Universidade Federal não é a melhor coisa do mundo, mas eu queria estar lá. Depois, eu fui acostumando. Realmente, eu não tinha que ir para lá, porque isso não ia me acrescentar nada, a maior parte das experiências que ia viver lá, eu já vivi no CEFET. Se eu estava aqui fazendo o curso que eu queria, não tinha porque eu mudar. E acostumei a viver aonde vivo. Aprendi a gostar daqui.

Capítulo III

Tempos dos Femininos e a Educação das Mulheres

1. O Tempo da Menarca

“Olha, sinceramente, eu lembro muito. Porque a gente não deixa de fazer assim certos comentários com as colegas, com as amiguinhas, né? ‘Como é que seria? Como é que vai ser? E dizem que a gente tem que ter muito cuidado.’ Então, a gente ficava naquela expectativa, naquela espera.

Mas, quando isso aconteceu, a primeira pessoa a quem eu quis dar a notícia foi para a minha avó. Eu tinha um relacionamento com a minha avó muito grande! Mas tão grande que todas as coisas que eu queria resolver, eu resolvia com a minha avó primeiro do que com a minha mãe, porque eu tinha assim um relacionamento muito chegado na minha avó. Minha avó era muito carinhosa também, era uma pessoa que morava conosco. Com a minha mãe, né? Era uma pessoa muito carinhosa, que dava muito amor. E eu tinha muita amizade à minha avó! Então, a minha menstruação, quando chegou, quem ficou ciente mesmo, a primeira mão, foi a minha avó.

Então, foi muito interessante, porque ela me fez assim uns conselhos de como eu devia agora me manter atenta. Com higiene, com os modos, e também assim na maneira de cuidados. Uma maneira toda cuidadosa. E que aquilo não era um bicho de sete cabeças, mas simplesmente um acontecimento na vida de todo mundo, de toda mocinha. Acontecia isso. Então, a gente foi preparada dessa forma. Fiquei assim bem cuidadosa. [risos] Bem cuidadosa.

Então, foi com a minha mãe, aliás, com a minha avó. Mas não deixei também de participar a minha mãe, né? E a minha mãe era uma pessoa assim muito preocupada, também muito terna, muito amorosa, e não deixou também de dar grande apoio. Mas, a

primeira mão, foi com a minha avó. Eu era muito vovozuda! [risos]" (Gisela).

"Oh, eu fiquei menstruada com onze anos. E não tive assim nenhum problema de ordem traumática, no momento. Passei muito bem, né? Vivenciei muito bem esse momento. Eu lembro que, lá em casa, a criação que a minha mãe me deu foi uma criação assim mais aberta. Nunca tinha que fechar o quarto, o banheiro, para trocar de roupa. Então, lógico que teve um momento que eu me senti um pouco assustada, porque eu não sabia assim, especificamente naquele momento, o quê que estava acontecendo. Mas, logo logo, eu comentei com a mamãe. E ela pegou e falou comigo que não, que era normal, que era aquilo que a gente já tinha conversado. De vez em quando, eu lembro que eu entrava no banheiro, ela estava menstruada e eu perguntava para ela assim: 'O quê que é isso?' Aí, a mamãe falava assim: 'Ah, isso aqui é um modess'. Porque, naquele tempo, só existia a marca modess. Então, ela me explicava direitinho e eu não tive assim problema nenhum não.

Mas eu lembro que teve um fato até para mim marcante pelo lado positivo. Porque foi como se a gente estivesse se tornando... A gente está se tornando mulher, né? Então, você deixa de ser criança e se torna mulher. E a minha avó... Sempre teve uma convivência muito grande com a gente, a mãe do meu pai. E ela, assim que a mamãe ligou para ela... Porque foi um acontecimento na família, né?! Então, esse acontecimento foi interessante, porque a mamãe ligou para a minha avó, falou com ela. E tinha até um pouco assim de disputa. Porque a outra prima minha não tinha ficado menstruada. E a minha mãe ligou... Aliás, ela tinha ficado menstruada antes de mim, mas não foi para a frente. Então, a minha mãe ligava para a minha tia e falava assim: 'Oh, a Ângela ficou menstruada!' 'Oh, pois é. A Rita não. A Rita acho que foi rebate falso.' Então, ficava aquela comparação: 'A minha filha já é mocinha, a sua não é'. E a vovó teve um papel importante aí, porque a mamãe ligou para a vovó, a vovó morando em Sete Lagoas, e ela veio, no mesmo dia! Deixou tudo lá, para vim ver a neta dela que tinha ficado menstruada! E trouxe para mim uma calcinha. Tinha umas calcinhas... Naquele tempo, usava assim cinta, né? Porque não tinha auto-adesivo. Hoje, é tudo mais prático! Mas a vovó... Eu lembro assim como se fosse hoje: uma calcinha preta, e que tinha umas presilhas, e que amarrava a parte da frente e detrás do modess. Era uma calcinha super moderna! Porque a vovó sempre trazia coisas da Europa! Essas coisas todas! Estava sempre mais na frente. E uma cinta também.

Porque a gente podia colocar a cinta por cima da calça. Então, foi aquela festa!” (Ângela)

“Eu lembro de pouca coisa, entendeu? Assim, dias, essas coisas, eu não lembro, porque eu não fiz muita questão de guardar. Mas eu estava por volta de quase treze anos. Ainda estava com doze. Foi em janeiro. Eu estava na praia. Então, eu tomei um susto bem estrondoso, né? Mas é lógico que a primeira providência que eu tomei foi chamar a minha mãe e a minha avó que estavam junto. Foi logo depois que eu acordei. Graças a deus não foi na praia, não foi uma coisa assim.

Mas, assim, eu acho que eu já estava um pouco preparada, porque pelo menos a maioria das minhas amigas já tinha ficado. Então, acho que, se tivesse alguma idéia na época, era assim: ‘Mas, gente!’ Eu já estava preocupada porque é que não tinha chegado e eu queria que chegasse. Porque eu sempre preocupei muito em desenvolver. Nessa idade, eu era muito menininha, muito menorzinha, então, às vezes, eu achava que, dessa forma, se chegasse, eu ia ter um desenvolvimento mais rápido. E foi o que ocorreu, né? (...)

Depois, sim, eu assustei um pouco, achei que era uma coisa ruim e desagradável, com a qual eu não sabia lidar muito. Mas eu fui acostumando. Hoje, eu até penso que, se tivesse vindo depois, tinha sido melhor. (...) Não foi nem um bicho de sete cabeças. Eu acho assim que, se eu vi isso como um bicho de sete cabeças, foi o menor de todos.” (Laura)

Os contextos da experiência da menarca de Gisela são conversas sobre a chegada da primeira menstruação e a nova realidade que ela instaura: as conversas de Gisela com as suas colegas ou amigas, com a sua avó materna e com a sua mãe. As reações de Gisela e das outras mulheres, que constituem os sujeitos envolvidos nessa experiência da menarca, bem

como os seus sentimentos, diante da chegada da primeira menstruação, emergem em meio às conversas.

Gisela e suas amigas, ao mesmo tempo, dividiam e cultivavam a ansiedade, em relação à menstruação, conversando. Quando menstruou pela primeira vez, a reação imediata de Gisela foi contar a novidade para a sua avó materna, em função do relacionamento das duas. A avó de Gisela, ao saber, teceu alguns conselhos valiosos à neta. Depois, Gisela contou também para a mãe que tinha ficado menstruada e ela lhe deu grande apoio.

É no contexto da família que Ângela experimenta a chegada da sua primeira menstruação, aos onze anos. Estão envolvidas, nesse processo, além da própria Ângela, Gisela, sua avó paterna e algumas outras mulheres da família, como uma de suas tias e sua prima Rita.

Quando menstruou pela primeira vez, inicialmente, Ângela se assustou. A sua primeira reação foi contar para a sua mãe o que tinha acontecido. Ela, quando soube, tratou de tranquilizar a filha, confirmando que se tratava do que já haviam conversado. Além disso, Gisela dividiu a novidade com algumas mulheres da família. Existia uma disputa entre elas, em relação à menarca das filhas. Já a avó paterna de Ângela veio imediatamente do interior para visitar a neta, ao saber da notícia, e lhe trouxe um presente apropriado para a ocasião: uma calcinha preta com presilhas para prender o absorvente e uma cinta para fixá-lo bem. Essa visita fez do momento uma festa. Os sentimentos de susto e tranquilidade da parte de Ângela, e de orgulho da parte de Gisela e da avó paterna de Ângela, destacam-se no relato.

A experiência da menarca de Laura possui, a começar, um lugar no tempo e no espaço. Laura menstruou pela primeira vez, em janeiro, quando tinha de doze para treze anos e passava férias na praia. O relacionamento de Laura com Ângela, com Gisela, com as suas amigas e consigo mesma também servem de contextos, nesse caso. Participam dessa experiência da menarca, além de Laura, sua mãe, sua avó e suas amigas.

A primeira reação de Laura, diante da chegada da primeira menstruação, foi recorrer à sua mãe e a sua avó, que estavam junto dela no momento. Laura, apesar do susto inicial, sentia-se preparada para viver a menarca, a partir das experiências das suas amigas, que já haviam menstruado. Ela, na verdade, ansiava pela menarca, porque assim o seu corpo de menina se transformaria em um corpo de mulher. Entretanto, depois de menstruar, Laura constatou que não estava preparada como imaginava, e teve que ir se acostumando aos poucos com a nova realidade.

Permanece, nas falas de Gisela, Ângela e Laura acerca da experiência da menarca, a dimensão de um rito de passagem. A menarca sinalizou, para as três mulheres envolvidas no desenvolvimento da pesquisa, o encerramento de uma fase da vida e inauguração de outra.

Para Gisela, menstruar pela primeira vez significou deixar de ser menina e se tornar mocinha. "(...) *aquilo (...) era (...) simplesmente um acontecimento na vida (...) de toda **mocinha** (...).*" O seu relato organiza a vida das mulheres em três fases: menina, mocinha e mulher. A mocinha, dentro dessa perspectiva, é o divisor de águas, entre a menina e a mulher. Uma mulher, então, é mocinha, antes de ser mulher de fato. Mais que isso, uma mulher se prepara para ser mulher, sendo mocinha. E o ser mulher de que fala Gisela é algo que praticamente se resume a ser esposa, mãe e dona de casa. É por isso que a menarca, ao instaurar a mocinha em uma mulher, impunha uma nova rotina, uma série de cuidados. Aliás, ser mocinha era justamente viver o tempo do cuidado. Nas conversas de Gisela com as amigas ou colegas, essa associação entre menstruação e cuidado já é perceptível. As conversas com a avó também seguem a mesma lógica. "(...) *E dizem que a gente tem que ter **muito cuidado**.*" "(...) *ela me fez assim uns conselhos de como eu devia agora me manter atenta. Com higiene, com os modos, e também assim na **maneira de cuidados**. Uma maneira toda **cuidadosa**. (...) Fiquei assim bem **cuidadosa**. [risos] Bem **cuidadosa**.*"

Já em se tratando de Ângela, a primeira menstruação marcou a passagem entre a infância e a fase adulta, entre a criança e a mulher. "A gente está se tornando **mulher**, né? Então, você deixa de ser **criança** e se

*torna **mulher**.*” Ângela não definiu cada uma dessas fases, mas a segunda parece ser mais interessante que a primeira, em função da disputa existente entre as mulheres da sua família e da atitude da sua avó. Na verdade, ser criança (tal como o ser menina e o ser mocinha de que fala Gisela) significa, nesse caso, ser um projeto de mulher. Ser mulher, por sua vez, significa o cumprimento desse projeto. Isso hierarquiza as fases da vida das mulheres, sobrepõe a fase adulta, que possui um fim em si mesma, à infância (e a mocidade), que, ao contrário, não possui.

Laura também apresentou a menarca como um divisor de águas entre a infância e a fase adulta, entre a criança e a mulher. Entretanto, para ela, é o corpo que marca e encarna esses estágios. Ficar menstruada pela primeira vez significa detonar um processo de transformação corporal, que leva as mulheres a deixar de ter corpo de menina e a passar a ter corpo de mulher. Aliás, justamente em função dessa transformação, Laura esperou ansiosamente pela menarca. Ela queria muito se mostrar mulher. “(...) *eu queria que chegasse. Porque eu sempre preoquepei muito em desenvolver. Nessa idade, eu era muito **menininha**, muito **menorzinha**, então, às vezes, eu achava que dessa forma, se chegasse, eu ia ter um **desenvolvimento mais rápido**. E foi o que ocorreu, né?”*

É interessante notar que a menarca, um acontecimento biológico a princípio, não pode ser compreendido fora da sua constituição social. Trata-se do primeiro fluxo menstrual, do sinalizador do início da vida reprodutiva, ou seja, algo que se processa, nos corpos das mulheres, sempre da mesma maneira. Entretanto, as experiências da menarca dessas três mulheres são singulares do ponto de vista social, apesar de equivalentes do ponto de vista biológico; são “filhas de seu tempo”, carregadas de historicidade. Elas configuram ritos de passagem, que, embora inscritos no biológico, são significados historicamente.

Indo além, vale ressaltar que a menarca, enquanto uma experiência de caráter social, inscreve-se e é significada, por Gisela, Ângela e Laura, a partir da sua partilha com um grupo de mulheres, isto é, com um grupo definido por um pertencimento de gênero. São as reações, os sentimentos, as escolhas dessas três mulheres e das outras que se encontram envolvidas

nas experiências da menarca analisadas, que lhes concedem um significado, no âmbito de uma sociabilidade feminina.

2. O Tempo do Primeiro Namoro

“Olha, o primeiro namorado é uma coisa assim interessante (...), né? Porque eu acho que a gente começa muito cedo. A gente começa em sala de aula. Até mais nova, né? (...) são os namoricos aqueles de sala de aula.

Eu tive bastante namoricos! [risos] Assim de sala de aula, de colégio. E eu lembro até que ele era mais novo que eu. Ele estava no segundo ano primário e eu estava no quarto. [risos] Eu sou muito para frente! Desde pequena.

Acontece que dali vai surgindo outros pretendentes que vão assim (...) tomando o lugar de namorado mesmo. Porque a gente já encara, mais velha um pouquinho, a gente já encara até como compromisso, né? ‘Não, eu estou namorando! Eu tenho que andar direitinho com aquele fulano, porque agora eu sou namorada dele.’

E assim foi. Eu creio que, para considerar o primeiro namorado, eu creio que foi aos treze anos. (...) Olha, eu acho que foi muito bom. Porque, como eu falei aqui agora a pouco, a gente, naturalmente, fica assim mais segura. Você já tem um pretendente, né? A gente começa até a sonhar que vai ficar noiva, que a gente vai casar com aquele primeiro namorado! E foi um período muito bom. Eu namorei com ele dos treze aos quinze anos.

E ele era uma pessoa muito boa! De boa família, era um rapaz muito trabalhador. E até no momento, na ocasião que a gente começou a namorar, eu tenho a impressão que ele já tinha até formado em determinado curso. Eu acho que foi ciências contábeis. Contábeis, né? E ele fez um concurso para o Banco do Brasil, e passou, e teve que ser transferido. (...) E ele foi para São Paulo.

Mas não foi por isso que a gente terminou não. Foi num determinado dia lá, bem antes dele ir para esta cidade (...). Ele estava assim num dia muito enjoado, muito aborrecido e pegou muito no meu pé. Pegou muito no meu pé e a gente se desentendeu e a gente brigou. Então, ficamos uma temporada

assim terminados mesmo. Eu senti muito, ele também sentiu muito, mas achamos melhor. (...) Porque ele era uma pessoa que ficava assim amolando, sabe? Falando, amolando, falando, amolando, e eu acho que eu tomei assim uma coragem e ali eu achei melhor terminar.

Mais para frente, eu arrependi. Porque ele era uma pessoa muito boa, (...) a família gostava muito dele. Era um namoro mesmo! Namoro em casa, namoro firme. E ele me gostava muito, ficou muito chateado d'eu ter firmado que estava tudo terminado.

E, depois, então, eu arranjei um outro. (...) também namorei firmemente com ele, durante vários anos. E o antigo sempre me procurava. Não a mim mesma, mas a minha família. Procurando para saber como é que eu estava, se eu estava bem, se eu ainda estava namorando o dito cujo. (...) E ele sempre na esperança que aquilo (...) um dia fosse terminar também e a gente pudesse voltar. Ele (...) ficava sempre perguntando a família por mim. Como é que estava, como é que não estava. Queria sempre saber como é que estava a situação.

Até que um dia, aquilo aconteceu! E a gente voltou a namorar. Voltamos a namorar, pensamos em casar, aquela coisa toda, né? Fazendo aquela programação toda, com aqueles planos todos. Mas (...) minha vida ficou um ping pong, porque o outro ficou igualzinho! [risos] Procurando saber se eu estava firme com ele (...).

E eu, como eu tinha ficado mais tempo com o segundo, eu imaginei que (...) de quem eu gostava e era do segundo. E, (...) nessa dúvida de ficar quem com quem, eu senti que de fato eu não poderia dar continuidade com o primeiro, né?

Mas, logo que eu pensei isso, não firmei o namoro com o segundo. Não foi firmado o namoro com o segundo. Foi uma coisa assim passageira. Parecia que ele queria vir só para atrapalhar! E aquilo foi uma tristeza muito grande, porque a gente imaginou o seguinte: que situação mais complicada que tinha sido durante esses períodos com um e com o outro e vice versa.

Mas, tudo bem! Eu sou uma pessoa assim muito religiosa, e, na ocasião, eu achei por bem dar um tempo, não namorar ninguém, ficar mais em orações e trabalhando. E, nas minhas preces, eu pedia que Maria me desse muita luz, para eu saber o que é que eu queria mesmo. Porque, se de fato não havia possibilidade, eu ia naturalmente querer que ela me colocasse uma outra pessoa, mas que fosse uma pessoa que eu pudesse sentir segurança com aquela pessoa. Eu tinha até receio muito de namorar! Por causa disso. Porque eu tive um pouco assim de desilusão. Tive até desilusão por namoro! Tive muitos pretendentes bons, muito bons mesmo, e eu não queria ninguém mais. Fiquei assim meio desiludida de namoro. Não fiquei assim segura. Eu achava que

todos iam me tapear (...). Desacreditei nas pessoas. E achei melhor dar um tempo.” (Gisela)

“Para mim, foram várias situações de primeiros.

O meu primeiro namorado... Eu tinha onze anos e foi assim um namorado mais um amigo do que um namorado. Ele era filho de um amigo do meu pai. As famílias se encontravam lá em Cabo Frio, todo janeiro. (...) A gente cresceu junto, então, era esperado pelas duas famílias que a gente namorasse. Então, acabou que, de tantas pressões, ele me pediu para namorar. E acabou que começou lá, nas férias, mas continuou aqui. Foi mais ou menos uns seis meses.

Aí, era engraçado, porque ele vinha e sempre trazia um amigo, o melhor amigo dele. (...) No final das contas, era um namoro assim meio bobo! Porque não saía, não fazia nada. Ficava ali conversando na frente de todo mundo, namorava na sala de jantar. Era mais um bate papo de amigos que um namoro. Eu muito vigiada, né? Eu acho que pela idade. Muito novinha.

Mas, aí, acabou que, quando a gente terminou, o amigo dele me pediu para namorar. Então, acho que não teve muitas novidades não, porque continuou a mesma coisa. A minha família já conhecia o outro! [risos] Já foi uma coisa só de surpresa só. ‘Ah! Você está namorando agora não é com ele não? É com o outro?’ [risos] Então, foi até engraçado.

Mas eu considero mais esse segundo o primeiro do que o outro, porque com o segundo é que eu tive assim um namoro mais (...) de sair mais junto, de ir a missa aos domingos. Ele freqüentava mais a minha casa, era mais solto. [inaudível]

Ele era um bom rapaz. De família boa. (...) Eu estudava no Marconi. Eu matava aula, para ficar lá com a mãe dele, que era costureira, e com ele. Era uma coisa assim bem inocente mesmo também! (...) Isso, eu tinha de onze para doze. Eu devo ter namorado ele mais ou menos um ano e meio. Então, mais ou menos, até uns treze ou quatorze anos. Mas não sei se seria muito por amor, se seria o primeiro amor.

O que eu considero o primeiro amor foi na faixa dos quatorze, quinze anos. Foi quando eu conheci outro, que significou muito para mim. Mas eu acho que talvez mais pela idade, pelos sonhos que a gente tem nessa faixa de idade.

A gente convivia muito com uma turma lá do Gutierrez. Porque a minha prima morava no Prado. Então, só atravessar a Amazonas, estava no Gutierrez. E, aí, a gente encontrava muito no final de

semana, saíamos juntos durante as férias lá, tinha os dias certos para encontrar.

Nesse mesmo dia que eu comecei a namorar com esse rapaz, três colegas tinham me pedido para namorar. Então, eu acho que era uma coisa mais da turma, assim das paqueras. E, aí, falava assim: 'Oh, fulano te pediu para namorar. Porque você não namora?' Não era aquela coisa do romance! Não tinha nada a ver do coração bater mais rápido. Era um negócio ali até meio prático, né? (...) Era uma paquerinha!

E acabou que isso se tornou um namoro. (...) Talvez tenha sido um namoro mais sério que o outro. Porque, aí, eu já tinha um compromisso com ele. (...) Eu namorei ele duas vezes. Eu retomei esse namoro com os meus dezessete anos. Então, aí, já se configurou mesmo um namoro mais sério (...). Eu ia na casa da mãe dele todo domingo, almoçava lá. (...) A gente já saía mais só com os amigos. Fazia outros programas mais da idade mesmo, dos grupos, dos amigos." (Ângela)

"Olha, eu acho que todos os meus casos amorosos são bastante (...) confusos, porque eu sou uma pessoa confusa em termos de relacionamento. (...)

Eu morria de medo de beijar! Não sabia porque. Todas as minhas amiguinhas beijavam, faziam aquelas brincadeiras de salada mista, caiu no poço, tudo. E eu morria de medo! Toda vez que me chamava eu corria! Porque eu tinha muito medo.

Foi tão grande assim [o medo] (...) que, realmente, tirou o mágico do primeiro beijo. Eu tive que (...) beijar uma pessoa [qualquer] (...), para ver que não tinha nada a ver, entendeu? Eu beijei um amigo de uma prima minha. (...) Eu beijei mais assim porque eu estava com medo de beijar (...)!

Eu não sabia como que eu tinha que fazer no beijo, se o meu beijo era ruim, se tinha jeito de beijar, sabe? Naquela época, eu era muito confusa. Eu tinha muita vergonha. Eu não conversava com as minhas amigas. Meus pais nunca conversaram nada comigo (...). Eu nunca conversei muito com o meu irmão. Nessa época, a gente brigava mais do que tudo. Várias vezes, a gente ficou sem conversar. (...) Então, na minha cabeça, eu morria de medo de tudo. (...)

Eu lembro que, quando eu fui beijar pela segunda vez, foi muito tempo depois. Eu beijei, eu devia ter treze anos. Foi em julho dos meus treze anos. Para eu beijar outro menino, foi no outro ano! De tanto medo que eu tinha! Porque nem assim eu perdi o medo. E, mesmo assim, esse segundo menino que eu beijei, as minhas amigas achavam que era o primeiro. Porque nem assim eu tinha contado! Eu era muito vergonhosa (...). Eu não conseguia contar. Eu tinha uma grande distância. (...)

Porque eu sempre fui perfeccionista demais, entendeu? Então, eu morria de medo de dar errado! (...) Às vezes, tem gente que me acha chata, (...) mas eu sempre tento fazer tudo de um modo que seja perfeito. Imagina, na época, eu tinha medo do meu beijo ser ruim. Eu não sabia como é que eu tinha que fazer, então, como é que podia ser?

[E eu] nunca tinha visto na vida [esse menino]! Por isso que eu acho que perdeu o mágico do primeiro beijo. Que foi uma coisa assim (...) tão sem nexos que, meia hora depois que eu estava com ele, eu virei... Eu era muito menina! Eu virei para ele e falei assim: 'Eu não quero ficar mais com você! Terminou.' Aí, eu fui embora! (...) Então, foi muito desastroso, (...) sabe? (...) Então, quer dizer, as minhas amiguinhas beijaram na quinta série, eu fui beijar já estava na sétima. E, mesmo assim, não tinha aquela relação.

Agora, o meu primeiro namorado... (...) Já na oitava série, (...) mais no final do ano, é que eu fui ficando mais enroladinha, mais soltinha. Mas, aí, eu comecei a ter um relacionamento mais forte com esse meu primeiro namorado, que se chama Marcelo. (...) ele era um dos mais queridinhos do colégio, então, isso também me agradava muito. (...) Mas, na época, eu não gostava dele. Então, no comecinho, (...) eu lembro que a gente estava só ficando, né? Aí, eu cheguei para ele e disse assim: 'Vem cá. O que é que a gente está fazendo?' Ele: 'Porque?' Eu: 'Porque eu to querendo saber, porque me perguntaram.' Ele: 'Você ta querendo namorar comigo?' Eu falei assim: 'Isso é um pedido?' Ele: 'É'. Então, a gente ficou (...) meio de namorico, mas meus pais não podiam saber, porque o meu pai não aceitava. Eu ainda estava com quinze anos.

Depois de uns vinte dias desse pedido, eu encanei, fiquei na minha cabeça que eu gostava de outro. Na época, tinha um ou dois atrás de mim. Porque, mesmo eu sendo meio tímida, ainda tinha. (...) Acabou que eu terminei com esse meu primeiro namoradinho. (...)

E, no segundo ano, eu voltei para esse primeiro namorado. Continuou a ser o Marcelo. Aí, a gente começou a namorar mesmo. Esse foi o primeiro que eu trouxe em casa. Oh, foi péssimo [começar a namorar em casa]! (...)

Meu pai sempre foi muito severo, nesse sentido: 'Não quero você namorando, entendeu?' Então, eu não podia ficar muito com um coleguinha. Algum menino que me ligava, eles pegavam mais pesado. Quando a gente resolveu voltar a namorar, eu estava no segundo ano e eu sabia que não podia. Então, eu deixei isso bem claro para o Marcelo! 'A gente vai namorar, então está bom. Mas eu não posso namorar em casa.'

Então, a gente começou a namorar em maio (...). E, na época, foi aquela coisa assim, eu comecei mais a namorar, porque ele ficou um ano atrás de mim. Desde quando a gente terminou, ele ficou mais atrás de mim, falando que gostava de mim, não sei o que. E, na época, eu não gostava de ninguém. 'Ah, então, (...) eu tenho um carinho especial por ele, não gosto de ninguém, vou namorar.' Era muito menina também [inaudível]. Aí, começamos a namorar.

Namoramos nove meses fora de casa, até que aconteceu uma viagem meio louca que a gente inventou de fazer. Fomos eu e mais duas amigas, meu irmão e mais dois amigos dele. (...) Essa viagem foi feita com os meus pais, para um sítio. E, não eram amigos e amigas, eram três casais. Meus pais conseguiram pegar dois casais: meu irmão e a namorada e o outro casal, mas não me pegaram. Quando eles perceberam alguma coisa, eu só virei e comentei assim: 'Porque ele está querendo namorar comigo, só isso, mas eu não estou querendo'. Então, era aquela coisa assim, até nesse ponto, a gente continuava com a distância, porque eu não podia contar nada, porque eles não me davam (...) essa liberdade.

É, pouco depois, que eu comecei a namorar em casa. Foi ótimo, assim, porque, aí, que os meus pais não me deixavam fazer nada mesmo! Eu ia na esquina e os meus pais achavam que eu iria sair com ele. Então, nesse ponto, foi péssimo! (...)

Acabou que no final eles interferiram muito. Acho que, nesse ponto, eles sempre interferiram nos meus relacionamentos. Uma vez que a gente terminou, porque eu estava gostando de um outro menino, eles interferiram, porque gostavam muito do Marcelo, e eu continuei com o Marcelo. Quando foi no final do relacionamento, eles não gostavam mais do Marcelo e começaram a tratar o Marcelo mal. E, como sempre fiz muita questão de concordar com os meus pais, sempre agradá-los ao máximo, eu terminei com o Marcelo e deixei por isso mesmo, apesar d' eu gostar muito. Sabia que ele não estava sendo a melhor pessoa do mundo, mas eu gostava muito.

Era muito mais divertido namorar na rua! (...) é, como se você brincasse de namorar, quando namora na rua! Você tem uma liberdade muito maior, não tem aquela pegação no pé. Você não tem aquela coisa assim, que pelo menos eu tive, depois quando o namoro foi para casa, aquela coisa de regular. 'Chega que horas? Sai que horas?' E o pai e mãe me regulando... 'Não pode sair.' Eu

era muito mais light! Eu saia com as minhas amigas, ele saia com os amigos dele, não tinha aquela coisa de sufocar, sabe? No máximo, no máximo, era avisar. 'Laura, to indo para não sei aonde.' 'Tudo bem.' A gente não tinha aquela pegação no pé. Depois que foi para a casa (...) virou uma coisa horrível! E meu pai sempre teve aquela coisa assim... Meu pai morre, e minha mãe também, mas não me deixa sozinha em nenhum lugar com o namorado. Morre! Deixa de ir aonde é que for! Se tiver marcado não sei aonde com o delegado, com o juiz, não sei o que, mas não... Ou, então, me leva junto! Aí, ainda tem essa! Mas não me deixa sozinha. Então, com certeza, se teve mudanças? Teve muitas. Não sei foram só para o negativo, mas eu acho que mais me prejudicaram." (Laura)

As noções de Gisela de "namoricos de escola" e de "namoros mesmo" servem de pano de fundo para a sua experiência do primeiro namoro. Participam dessa experiência, Gisela, seu primeiro "namorico de escola", seus dois primeiros "namorados mesmo", a sua família e a Virgem Maria.

Gisela acredita que as pessoas são introduzidas no mundo dos namoros, ainda na escola. Ela teve muitos "namoricos de escola", sendo que sob essa noção paira um sentimento de indiferença. Depois disso, Gisela afirma que vão surgindo, na vida das jovens, os "namorados mesmo". Ela conta, então, a história dos seus dois primeiros namoros dessa natureza, que são muito imbricados. Enquanto um sentimento de segurança impera sobre o primeiro deles, em contrapartida, um sentimento de insegurança impera sobre o segundo, gerando um certo receio de namorar em Gisela.

Ângela, diante da questão relativa ao primeiro namoro, relata, na verdade, as suas três primeiras experiências nesse sentido. Além da própria Ângela, são sujeitos envolvidos nessas experiências: o filho de um amigo do seu pai, que foi o seu primeiro namorado; a família desse seu primeiro namorado; o melhor amigo do seu primeiro namorado, que foi o seu segundo namorado; a mãe desse seu segundo namorado; a sua família;

uma de suas primas; sua turma de amigos do bairro Gutierrez; seu terceiro namorado, que fazia parte dessa turma de amigos e três colegas. O primeiro namoro está embasado em um sentimento de amizade, já o segundo é marcado por uma certa indiferença e o terceiro pelo amor.

O medo de beijar, a rua e a casa ou a família são os contextos do relato de Laura sobre o tempo do primeiro namoro, que envolve o seu primeiro beijo, o seu primeiro namoro às escondidas e o seu primeiro namoro em casa. Emergem, em meio a esse relato, os seguintes sujeitos: Laura; algumas de suas amigas; um amigo de sua prima, que é o primeiro menino que beijou; sua prima; seus pais; seu irmão; o segundo menino que beijou; Marcelo, que é seu primeiro namorado; alguns garotos; dois amigos do seu irmão. O medo, a vaidade, a indiferença e a sensação de aprisionamento, enfim, perpassam o relato.

Gisela, Ângela e Laura, ao serem indagadas sobre o primeiro namoro que tiveram, não rememoram uma experiência, mas uma sucessão delas. Ângela afirma que, para ela, "(...) foram várias situações de primeiros", e isso, sem dúvida, vale também para a sua mãe e a sua filha.

Gisela subdivide o seu relato em dois momentos: os "namoricos de colégio" e os "namoros mesmo". É interessante notar que os tais "namoricos de colégio" soam como algo sem importância, aparentemente porque possuem um fim em si mesmo, porque se constituem enquanto experiências desinteressadas, por assim dizer. O que Gisela denomina de "namoros mesmo", ao contrário, encontra-se carregado de importância, porque está intimamente associado a um futuro casamento. *"Acontece que dali vai surgindo outros pretendentes que vão (...) de fato tomando o lugar de namorado mesmo. Porque a gente já encara, mais velha uma pouquinho, a gente já encara até como compromisso. (...) a gente, naturalmente, fica assim mais segura. Você já tem um pretendente, né?"*

Dentro dessa perspectiva, Gisela remonta as histórias de dois dos seus "namoros mesmo". A respeito do primeiro, ela enfatiza as qualidades do namorado, que são as qualidades adequadas a um futuro marido. *"E ele era uma pessoa muito boa! De boa família, era um rapaz muito trabalhador."*

(...) ele já tinha até formado em (...) ciências contábeis. E ele fez um concurso para o Banco do Brasil, e passou (...) Já em relação ao seu segundo “namoro mesmo”, Gisela marca o receio que passou a ter de namorar, a partir de então. Esse seu namorado, ao romper o relacionamento, fez do namoro, que ela acreditava ser sinal de segurança, algo inseguro. *“Eu tinha até receio muito de namorar! Por causa disso. (...) Tive até desilusão de namoro! Tive muitos pretendentes bons, muito bons mesmo, e eu não queria ninguém mais. (...) Não fiquei assim segura. Eu achava que todos iam me tapear, que todos iam me... Que eu não ia... (...) Desacreditei nas pessoas.”*

Ângela, por sua vez, subdivide o seu relato sobre o primeiro namoro em três momentos: o primeiro namorado, que considera “*(...) um namorado mais amigo do que namorado*”; o segundo namorado, que é o primeiro por consideração; e o terceiro namorado, que é o primeiro por amor. No primeiro caso, a relação de Ângela era mais uma amizade que um namoro de fato, por isso ela fala que “*(...) era um namoro assim meio bobo*”. No segundo caso, trata-se de um namoro de verdade, em função do formato do relacionamento. “*(...) com o segundo é que eu tive assim um namoro mais assim de sair mais junto, de ir a missa aos domingos. Ele freqüentava mais a minha casa, era mais solto.*” Enfim, no último caso, o relacionamento de Ângela com o namorado não constitui simplesmente um namoro, mas uma história de amor. “*O que eu considero o primeiro por amor foi na faixa dos quatorze, quinze anos. Foi quando eu conheci outro, que significou muito para mim.*”

Laura, diante da questão referente ao primeiro namoro, também constrói um relato subdividido em três momentos: o primeiro menino que ela beijou, o primeiro namorado às escondidas e o primeiro namorado em casa. A começar, emerge, na história de Laura, o que os jovens denominam por “ficar com”. Isso quer dizer, estar com uma pessoa, por um dia, sem compromisso, o que inclui beijos, abraços e carinhos. Os outros dois momentos marcados por Laura, no seu relato, dizem respeito ao contexto do namoro e suas implicações. O namoro às escondidas, distante dos olhares da família, é leve e livre. O namoro em casa, ao contrário, é marcado pelo controle, tanto da parte dos pais de Laura quanto do seu

namorado. *"Era muito mais divertido namorar na rua! Você tem uma liberdade muito maior, não tem aquela pegação no pé. Você não tem aquela coisa assim, que pelo menos eu tive, depois quando o namoro foi para a casa: aquela coisa de regular, chega que horas, sai que horas, e o pai e a mãe regulando, não pode sair... Eu era muito mais light! Eu saía com as minhas amigas, ele saía com os amigos dele, não tinha aquela coisa de sufocar, sabe? No máximo, no máximo, era avisar. 'Laura, tô indo não sei aonde.' 'Tudo bem.' A gente não tinha aquela pegação no pé."*

Conforme pode ser observado, Gisela, Ângela e Laura não se restringem a relatar uma sucessão de experiências afetivas, quando indagadas sobre o tempo do primeiro namoro. Elas diferenciam essas experiências umas das outras e as hierarquizam, lançando mão da idéia de compromisso e da relação entre cada experiência e um futuro casamento, de maneira a ordenar as trajetórias afetivas femininas.

3. O Tempo da Perda da Virgindade

"Olha, na minha época, era tabu danado! Muito! A gente tinha que conversar de cochicho. Era assim: ficava todo mundo sério, não podia falar, porque aquilo era feio. Mas a gente procurava sempre ficar por dentro. Sempre ficar por dentro.

E eu tenho uma passagem muito interessante, porque eu não fiquei assim curiosa não. Eu deixei acontecer. Porque foi o seguinte... Eu me lembro que com o corre daqui, corre dali, para olhar casa com ele. E a gente providenciando costura, indo buscar, para poder fazer bagagem, né? Indo na igreja. (...) Que música que ia tocar? Não sei o que e tal. A gente ficou sobrecarregado sobre isso, e não deu tempo para a gente ficar nessas minúcias, de querer saber o que é que vai acontecer ou não.

Mas não deixamos de ser interpelados por isso, na ocasião. Como, por exemplo, você está dizendo aí como é que foi, teve gente que me perguntou: 'Como é que vai ser? Você já está sabendo e tal?' 'Não. Eu não estou sabendo de nada.' 'Ah, minha filha, quando aconteceu comigo...' Geralmente, é assim, você acaba ficando

ciente por terceiros, né? Não que eu fosse buscar. Porque, no meu tempo, era assim, se você fosse buscar, você era levada, você já estava por dentro. Então, eu preferia ficar neutra.

Mas acontece que, no dia do casamento, antes de acontecer as nove e trinta o civil, eu, como sou muito religiosa, (...) eu fui para a igreja assistir a minha missa, comungar. E tive que fazer, inclusive, a confissão, antes da comunhão. E, no fazer a confissão, porque não deu tempo nem na véspera [inaudível], o padre me perguntou se eu estava por dentro do quê que era o casamento. Eu falei que mais ou menos. Ele falou: 'Como mais ou menos? Eu estou me referindo ao sexo.' Eu falei: 'Não. Eu não li nada sobre isso.' Ele pegou e me advertiu muito assim bravo, que eu não poderia ter deixado de ler alguma coisa, que não estava certo. E que eu tinha que comprar, naquela semana, sem falta, ou, se possível, naquele dia mesmo, (...) o livro que ele ia indicar. Chama *A Serviço do Amor*. [silêncio] E eu comprei, li o livro, e achei maravilhoso esse livro. Então, foi assim que eu fiquei sabendo como é que ia ser o meu casamento. Nos primeiros dias, o que é que ia acontecer. Sobre essa relação que a gente ia ter e tal.

Mas... Como é que eu posso falar? Para a minha surpresa, eu, apesar de ficar assim um pouco por dentro, eu tive medo! Tive muito medo. Porque a gente não sabe como que é, né? Então, a gente já ouviu contar. (...) Sempre tinha uma pessoa para contar como é que foi e tal. Mas, é diferente! Acontecer com uma pessoa e acontecer com você é diferente. Você fica assustada.

E como foi mesmo. Eu fiquei muito assustada! E, se não fosse a compreensão, a paciência da parte do esposo, talvez tivesse sido pior. Porque foi para mim uma surpresa assim muito dolorida. Muito sofrida. Porque eu tinha que me entregar, e tinha que passar por aquilo mesmo, porque todo mundo passava, mas, para mim, era muito difícil, né? (...) Mas foi muito dolorido, de muito sacrifício. Foi de muito sacrifício. Mas, devido a paciência e a compreensão que o marido tinha, as coisas foram chegando no seu lugar, né? E acabou que a gente entrou mesmo... numa... Como é que eu posso falar assim? Numa... ah... numa rotina. Isso passou a ser uma rotina, era uma coisa que tinha que acontecer mesmo. Mas não foi fácil. Os primeiros dias não foram fáceis.

A compreensão, eu não sei se eu poderia falar aí [no gravador]. Eu acho que não. Essa coisa ficaria muito esquisita, se eu fosse falar! [risos] Porque deu a impressão que eu era crua de tudo! Eu era uma boboca! Deu a impressão. Porque ele tomou a frente de tudo. É homem, né? E paciente e compreensivo. Ele tomou a frente! Como se diz: 'Não precisa descabelar. Você não precisa ficar chorando, porque as coisas não são por aí. Ninguém vai machucar ninguém aqui.' [risos] Quer dizer, porque ele era uma pessoa boa. De boa formação, de bom coração. Se não fosse! E se eu pegasse uma pessoa má?! Aí, não quer nem saber, né? De ser

paciente nem nada. Até, pelo contrário, poderia até me humilhar. E não houve isso! Pelo contrário: só compreensão, só apoio. Tomou a frente mesmo! (...) Eu estou a fim de falar, mas fico até com vergonha! [risos] Você pode dar uma paradinha, por favor? [O gravador é desligado.]” (Gisela)

“Nossa, eu sabia! [silêncio] Mas eu nunca dividi isso com ninguém! Eu vou responder de uma outra forma. Porque, talvez, de repente, eu não entrasse muito em detalhes, porque, para mim, é difícil falar sobre isso. Eu acho que eu não conversei ou nunca conversei sobre questão de virgindade nem com a minha mãe nem com a minha filha. Então, para mim, talvez seja penoso, porque tem alguma coisa mal resolvida nisso aí. Eu me incomodo. Não sei porque.

Eu já coloquei aí a questão dos tabus. Se não tinha tabu para a menstruação, para a questão sexual existia um tabu muito forte, em relação a minha mãe. Ela não dava conta de lidar com isso. Então, a educação (...) sexual dos filhos geralmente ficava a cargo dos pais. Isso é uma coisa bem da minha época. Eu acho que, se antes teve uma época em que não tinha educação sexual [risos], na minha faixa, na minha geração, tinha esse compromisso de explicar alguma coisa. Mas, quando o pai ou a mãe não dá conta, não tem jeito. A gente aprende muita coisa na escola. Eu lembro que eu aprendi muita coisa na escola. Para mim, foi um choque muito grande aprender com uma colega minha... ela me contar como é que era uma relação sexual. Eu lembro d’eu falar: ‘Nossa, mas o meu pai faz isso com a minha mãe?’ Aquilo me assustou muito! E, quando eu tinha curiosidade e perguntava alguma coisa para a minha mãe, minha mãe não dava conta de responder. Então, para mim, um marco, nessa idade, foi que as minhas dúvidas foram resolvidas a partir de um livro. A minha mãe comprou um livro que chamava *A educação sexual dos 5 aos 25 anos*. Eu não podia dialogar com o livro, mas eu tinha as informações que eu queria. Mas, também, eu acho que, talvez, isso tenha camuflado alguma coisa ou me traumatizado de alguma... Não sei. Não sei se chega a ser um trauma não, mas eu acho que d’eu não conseguir às vezes comentar sobre o assunto.” (Ângela)

O tabu em torno da sexualidade serve de contexto para a experiência de Gisela da perda da virgindade. Os sujeitos envolvidos no relato de Gisela desse momento da vida são mocinhas, mulheres casadas, um padre, o marido de Gisela e a própria Gisela.

Como não podiam conversar abertamente sobre questões relativas ao sexo, Gisela e as jovens da sua idade procuravam uma maneira menos explícita de buscar informações a respeito. Gisela, por exemplo, não as buscava, esperava que elas chegassem até ela e as acolhia. É dessa maneira que, às vésperas do seu casamento, conhece as experiências de outras mulheres e acessa um livro sobre o assunto, indicado por um padre que lhe deu a confissão. *"A gente tinha que conversar de cochicho. Era assim: ficava todo mundo sério, não podia falar, porque aquilo era feio. Mas a gente procurava sempre ficar por dentro. Sempre ficar por dentro."* *"Geralmente, é assim, você acaba ficando ciente por terceiros. Não que eu fosse buscar. Porque, no meu tempo, era assim, se você fosse buscar, você era levada, você já estava por dentro. Então, eu preferia ficar neutra."*

Na noite de núpcias, momento da iniciação sexual de Gisela, os sentimentos que imperam são o medo, o susto, a dor, o sofrimento e a surpresa. As coisas só não foram mais complicadas, segundo ela, devido ao caráter e à postura do seu marido, que foi compreensivo e paciente, nesse momento. Aos poucos, entretanto, o casal foi se ajeitando, e construíram uma espécie de rotina sexual. *"Eu fiquei muito assustada! (...) foi para mim uma surpresa assim muito dolorida, muito sofrida. Porque eu tinha que me entregar, e tinha que passar por aquilo mesmo, porque todo mundo passava, mas, para mim, era muito difícil. (...) Foi de muito sacrifício. Mas, devido a paciência e a compreensão que o marido tinha, as coisas foram chegando no seu lugar."*

O momento da perda da virgindade foi marcado, sobretudo, pelo silêncio, ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Apenas Gisela, vale lembrar a mais velha das três mulheres envolvidas na pesquisa, concordou em relatar a sua iniciação sexual, quando interpelada a respeito, talvez

porque a sua experiência esteja de acordo com as regras sociais válidas para o seu tempo. Mesmo assim, em determinada altura, ela pediu para desligar o gravador. Ângela e Laura optaram por silenciar. Ângela ainda teceu alguns comentários acerca da sexualidade. "*Eu vou responder de uma outra forma. Porque, talvez, de repente, eu não entrasse muito em detalhes (...).*" Laura, por sua vez, em uma primeira sessão de entrevista, sentiu-se muito incomodada com a questão referente à perda da virgindade, mas, mesmo assim, respondeu. Entretanto, essa gravação se perdeu, em função de problemas técnicos com o gravador, e, posteriormente, Laura se negou a retomar o assunto. De fato, a questão referente à perda da virgindade determinou um corte marcante e que chama à atenção, nas narrativas de Ângela e Laura.

Não importa, nesse caso, descobrir o que o silêncio dessas mulheres esconde, importa o que ele diz. Sem dúvida, é a permanência de um tabu, através das gerações, que o silêncio revela. Em se tratando da sexualidade, da relação das mulheres com o próprio corpo e com o corpo do outro, Ângela e Laura silenciam. Vale lembrar que Gisela concebe a vida sexual como uma obrigação de esposa e até mesmo como um sacrifício, que caracteriza de assustador, dolorido, sofrido, difícil, pelo menos inicialmente, até que se crie uma espécie de rotina sexual. Sexo não é, portanto, para ela, uma fonte de prazer para a mulher. Uma revolução pode ter até ocorrido na prática, se é que ocorreu, e as experiências da perda da virgindade de Ângela e Laura podem ser muito diferentes da de Gisela. Mas, mesmo assim, Ângela e Laura não conseguem falar a respeito delas. A iniciação sexual constitui, então, um segredo. Mais que isso, ela revela as diferenças entre os domínios da vida pública e da vida privada, da esfera pública e privada da vida privada. As experiências do âmbito da esfera privada da vida privada não podem ou não devem se tornar públicas, na visão daqueles que a viveram, que a remetem ao domínio da privacidade do indivíduo.

4. O Tempo do Casamento

" (...) depois de muitos pretendentes e eu não querer dar crédito a nenhum, foi quando apareceu uma pessoa com quem eu me casei. Com quem eu me casei, porque essa pessoa (...) veio direitinho como eu pedia (...). Porque a minha maior preocupação era justamente cair novamente, nas mãos de alguém que não pudesse me dar uma certa segurança. Então, eu acho que, nesse sentido, o que eu estava buscando era uma pessoa que tivesse qualidades. E essa pessoa veio direitinho como eu pedi. Ele é muito bom, trabalhador, bom filho, um caráter maravilhoso, muito honesto. E, aí, eu concretizei o que eu estava atrás, o que eu estava procurando. (...)

Então, o negócio é o seguinte, como que eu o conheci foi até uma coisa muito interessante. (...) Eu fui convidada para fazer um passeio. Até um passeio assim, como era muito usado na ocasião, de dar assim umas voltas após a missa. A gente saía da missa, e dava umas voltinhas na avenida [Afonso Pena], até chegar no Parque [Municipal]. (...) E tinha essa pessoa lá.

Eu, de repente, comecei a contar para a minha amiga, que era quase parenta... Porque ela era (...) cunhada do meu irmão. Então, eu tinha ido passear, porque ela me convidou para dar uma volta. Eu tinha contado, para ela, uma anedota. E, como ela era uma pessoa muito cheia de alegria e dava umas risadas assim muito alteradas, chamou a atenção. E essa pessoa ficou curiosa, falando: 'Conta para mim também. Conta para mim também'. Eu fiquei séria, né? Porque...

[O marido de D. Gisela entra. O gravador é desligado.]

(...) Pois é, então, a pessoa muito curiosa falou: 'Ah, eu também quero saber, porque não sei o quê'. Eu fiquei séria, não dei a mínima confiança. Mas a minha colega (...) achou aquilo muito interessante! Porque ela estava mesmo afim de buscar um namorico, ficou dando uns quebras para ele e ele nos seguiu.

Quando chegou lá na frente, depois de nos seguir uns bons minutos, ela falou assim: 'Vamos dar uma paradinha aqui'. Tinha uma árvore lindona, maravilhosa, em frente ao Francisco Nunes. (...) Todo mundo até sentava em volta, porque dava acesso mesmo a sentar ali debaixo daquela árvore. Tinha uma pilastra em volta, alta. E a gente sentava ali, para apreciar a natureza.

E, quando nós paramos, ele parou também, e ficou observando nós duas, assim a uma certa distância. Depois, se aproximou. Depois de olhar, fixar bem o olhar, aproximou na minha direção. Quer dizer, ela que estava dando os quebras. E eu séria. Eu já estava desacreditada mesmo. [risos] Deles, né?

Mas acontece que ele veio e, por educação, eu dei atenção. Ele me perguntou se o meu nome era Terezinha. Eu falei: 'Não. Meu nome não é Terezinha'. Ele queria era arrumar uma desculpa! [risos] (...) 'Mas que coisa, até a voz! Até a voz! Até a voz parece com a da Terezinha. Terezinha é uma pessoa que eu conheci aqui, que, inclusive, todo fim de ano, ela vem. Ela não é daqui de Belo Horizonte, ela é de fora.' 'Mas eu sou daqui. Eu nasci e me criei aqui. Então, não é a Terezinha mesmo. O meu nome é Gisela.'

Aí, começamos a brincar! Quer dizer, eu me soltei, né? Eu estava toda fechada, aí, eu me soltei. E ele perguntou se a gente era daqui, quem sabe era de algum lugar que a gente tinha se conhecido e tal (...). Eu fui e falei assim: 'Às vezes pode ser até no serviço.' 'Ah, você trabalha?' 'Trabalho.' Houve um diálogo entre nós dois e descobrimos que (...) tanto ele quanto eu éramos funcionários públicos, só que tem que ele era municipal e eu era estadual. Então, foi até muito bom, porque isso nos aproximou mais ainda. Nós éramos colegas!

E, dali, com um papinho aqui e um papinho ali, a minha amiga falou que nós já tínhamos que ir embora, porque já estava ficando tarde para o almoço e o pai dela era muito bravo. E eu mais que depressa obedeci. Ele, então, se ofereceu para nos acompanhar.

Chegando lá no lugar de pegar a condução, ele convidou para ir a uma matinê. Quanto à matinê, houve uma pequena discussão de horários. Porque eu só poderia ir, na das seis horas, e ele só poderia ir, na das quatro horas. Então, ele disse (...) que tinha um compromisso. Eles iam comemorar, lá na república onde ele morava, o aniversário de um colega que estava se formando. (...) Acontece que eu falei que, infelizmente, eu não poderia trocar o meu horário. 'Mas porque?' Eu falei: 'Não. Porque o meu irmão não deixaria eu ir sozinha. Eu só posso ir acompanhada delas. Então, a minha matinê seria acompanhada delas.' Delas quem? Das irmãs da coleguinha que estava comigo (...).

E, então, ela vendo essa conversa, (...) vendo a minha dificuldade de acerto com ele. Porque ele não podia ir no meu horário, e eu não podia ir no horário dele, porque eu não podia ir desacompanhada. Ela, então, se ofereceu a desobedecer o pai, no que eu fiquei admirada demais. Isso é que é amizade, né?! Ela desobedeceu. Porque o pai também era muito enérgico: só poderia todo mundo sair junto. Então, ela falou: 'Não. Eu vou com você. Eu falo com o meu pai o que é que está acontecendo e tal'. E ela foi me acompanhado... foi me acompanhando na matinê. (...)

Esse namoro ele não durou muito tempo não. Eu sei que a gente... é... marcamos os dias. Naquele tempo, não encontrava todos os dias. Eu me lembro que era terça, quinta, sábado e domingo. E ele já queria encontrar no dia seguinte! E eu falei com ele que não. 'Mas porque?' 'Ah, não. Porque a gente lá também

tem um ritual, não pode ser todo dia e tal.' Aí, ele aceitou. Foi lá me ver na terça feira. Aí, marcamos na quinta, depois, marcamos no sábado. E, no domingo, ele ia para a casa dele, lá em Sete Lagoas. Aí, de repente, ficamos firmes. E ele apresentando parente, apresentando um outro parente. Ficamos conhecendo os familiares, tanto da minha parte, quanto da parte dele. E tinha uma data que a mãe dele ia comemorar, que era as bodas de casamento. E a gente brincou: 'Quem sabe se a gente ficava noivo, na data das bodas?' E a minha irmã ainda aprovou! Reforçou. Falou: 'Uai, tem data melhor do que essa para vocês ficarem noivos?' Ela estava fazendo a maior torcida para que saísse um noivado. [risos] Mas isso foi acontecendo, né? E, de fato, (...) na semana antes das bodas, a gente combinou de fato ficar noivos nessa data. Logo, um ano e meio depois, casamos. Quer dizer, foi um namoro até rápido. Porque, quando nós resolvemos ficar noivos, só tinha nove meses de namoro. Mas nós tínhamos já a cabeça feita; a gente já tinha pensado muito sobre. (...)

É claro que toda noiva fica muito feliz! E muito preocupada, né? Porque era uma vida nova. A gente está começando uma nova vida, cheia de responsabilidades, de renúncia, (...) de suspense mesmo. Cada dia que ia passando, depois de casada, a gente fica em suspense. Como seria o futuro da gente? Como que a gente ia fazer os planos?

Porque, o início do casamento foi um início de muito sacrifício. A nossa situação era (...) de pouca situação financeira, porque ele estava ainda estudando. Trabalhando, mas tinha um salário (...) não muito alto. A gente, então, teria que fazer certos planejamentos, para, depois, a gente naturalmente ir crescendo. A medida que fosse passando, a gente ia crescendo, porque ele também estava estudando. Eu tinha que fazer as minhas coisas para a economia de casa, até poder colocar uma ajudante.

Depois, a gente foi ficando com uma situação melhor, ele foi sendo promovido, e nos deu assim condições de melhora de vida. E, com o correr do tempo, a gente planejou também. Logo veio a filha, depois veio o filho, e ficamos com dois filhos. Mas sempre em ascensão. Graças a deus, a gente teve essa oportunidade de crescer, nessa parte de carreira. Ele se formou e teve uma carreira muito brilhante. Muito! Era muito estimado! Foi uma carreira de muita batalha, porque a pessoa vai ficando cada vez mais sobrecarregada. As responsabilidades vão chegando, né? Não só por causa dos filhos, mas como também no serviço. A parte profissional dele era uma parte que o preocupava muito, porque ele era muito querido no lugar que ele trabalhava. E sempre um cargo mais elevado trás mais responsabilidade. Então, graças a deus, no decorrer dos anos, ele pode fazer uma carreira muito brilhante, no trabalho dele.

E eu, como esposa, como companheira, continuei no meu trabalho em casa, cuidando dos meninos, encaminhando eles também no seu crescimento, (...) nos estudos. Por ter casado com uma pessoa da nacionalidade árabe, eles exigem muito das mulheres que (...) elas não trabalhem fora. Sempre trabalhem em casa, ajudando nos afazeres de casa e coisas domésticas. (...) eu vim com essa bagagem para o casamento, porque a minha família também era da mesma forma que a dele. (...) Eles achavam também que a mulher o mais certo era só coisas de casa. A mulher não tinha que se expandir com trabalhos, e sim no estudo, nos afazeres de casa. Eles davam um apoio nesse sentido. Não só na minha família, como da parte de Alberto. Com isso a gente tem uma longa caminhada e estamos levando já uma quantidade boa de anos. [risos]

Ah, você quer saber desse dia! (...) Foi um dia muito alegre, um dia de muita felicidade, porque a gente estava concretizando a união, a nossa união.

E viajamos, né? A gente fez uma viagem de núpcias. Fomos para o Rio de Janeiro. Ficamos lá, no posto quatro, em Copacabana. Foram dias maravilhosos! Eu não posso esquecer, porque aqueles dias foram os dias que iniciaram uma nova vida para nós. Nós estávamos iniciando o nosso matrimônio. E foi cheio de amor, cheio de carinho, cheio de passeios e de felicidade.

Casamos na Igreja Católica e também no civil, no cartório. E tudo no mesmo dia. Tudo no mesmo dia. Eu me casei no cartório, as nove e trinta, e, as onze e trinta, na Igreja Nossa Senhora de Fátima, no Santo Agostinho. Ela era uma capelinha. Ela não era a igreja que ela é hoje, moderna. Ela era uma capelinha muito pequenininha. Pois é, e foi um padre muito engraçadinho! Assim, em termos, eu quero dizer, de simpatia. Muito bom, muito bom mesmo. (...) Eu fui muito privilegiada por deus. (...)

Logo que nós viajamos de núpcias, (...) durante cinco dias, nós passamos só dentro do apartamento. É. Mas não foi por motivo maldoso não! [risos] Você não precisa pensar que não é por... Ele adoeceu! Chegou lá, pegou uma gripe, quase que teve pneumonia. Nossa! Mas foi uma febre tão alta, que, naquele tempo, tratava era com penicilina. Foi sério. (...) Acontece que, no trem – nós viajamos no Vera Cruz –, tinha ar condicionado. E ele ligou o ar condicionado da cabine. E ele tomou aquele vento. E chegou gripadíssimo lá! Muito! Até com febre. Chegou com febre.

Quando chegou lá, eu falei: 'Pronto. Eu comecei muito bem, né?' [risos] Eu comecei muito bem [risos], já tendo que cuidar do marido ali com febre. Mas foi bom, porque foi a minha primeira experiência. Estar sozinha com ele e cuidar dele. Mas, ele também já morava há tantos anos sozinho e sabia se virar. A primeira coisa que ele fez foi pedir, por telefone, a penicilina. Porque,

naquele tempo, usava era penicilina para baixar a febre. E ele tomou. (...) Tinha que tomar muito líquido e tudo.

Até tem retrato. O cabelo dele assim em pé! [risos] Ah, o cabelo dele estava até em pé, tomando café. O nosso apartamento era muito chique. Era apartamento presidencial. Então, tinha até sala de visita. Eu tenho até fotografias tiradas ali, tomando café. Muito engraçadinhos nossos retratos! (...)

Depois de uns dias, a gente já pode tomar um arzinho lá fora, ir para a churrascaria. Foi quando eu pude fazer o passeio de lua de mel, porque nós visitamos alguns lugares. Fomos para a Ilha de Paquetá e visitamos lá. Fomos também para o Pão de Açúcar, entende? Enfim, fizemos uns passeios, uns passeios lá. Mas foi muito bom! Ficamos dezesseis dias lá no Rio.

E, quando a gente voltou, a gente voltou de avião. Aquilo, para mim, foi o máximo, né?! Porque a gente não tinha nem pensado nisso, mas tivemos que voltar para chegar rápido, para começar o trabalho logo. Ele tinha que se apresentar. E eu na minha função de dona de casa, cuidando das minhas obrigações." (Gisela)

"[silêncio] Olha, o casamento... Estou lembrando do meu pai: 'Porque o casamento...'. [risos] Tem vinte anos que eu estou esperando uma resposta sobre o quê que é o casamento. [risos]

Porque, quando eu conheci o Márcio, eu estava namorando esse rapaz, que eu namorava lá, desde os meus quinze anos, e que foi... (...) Eu não posso nem falar que esse rapaz não foi importante para mim. Lógico que foi! Eu chorei muito por ele! E eu achei que eu ia morrer. Então, eu lembro (...) que eu fui na Igreja para pedir, para fazer uma promessa para que ele voltasse para mim. Olha só que coisa boba! [risos] (...) E, naquela época, para mim, era muito importante. Eu achava que eu ia morrer, se eu não tivesse ele! Ele era a pessoa mais importante para mim, no mundo.

E meus pais não gostavam dele. Ele não era uma pessoa bem quista, lá em casa, porque era um rapaz que não estudava, ou, se estudava, ele estava atrasado. Ele era completamente diferente de mim, em termos de questões de valores. Era um rapaz que mexia com drogas. Não era com droga pesada, mas mexia com droga, como qualquer jovem da época. Mas, então, eu não achava legal ele chegar na minha casa, chegar com os olhos vermelhos. Meus pais tinham um certo receio. Hoje, que eu sou mãe, eu sei

qual a preocupação que é. Na época, talvez, eu não entendesse, mas, mesmo assim, aquilo me incomodava.

Ele me prendia muito dentro de casa e depois saía. Ele podia ter toda a liberdade e eu não. Então, como, de repente, aquilo ali acabou, eu fiquei meio perdida, né? (...) A gente fazia planos! Então, assim, eu sofri muito! Não posso falar... Eu não sei se era amor ou se não era amor, porque, depois, eu vim a sentir uma coisa mais forte, talvez de verdade, quando eu conheci Márcio, que eu estava namorando esse rapaz pela segunda vez. (...) Se fosse juntar o tempo, já tinha uns três anos. Já era um namoro mais sério. A gente já falava, às vezes, até em casamento... (...)

Mas, eu via...! Eu não sei! Eu acho que eu fui perdendo a minha expectativa nele. Eu acho que, talvez, com a minha maturidade, eu fui enxergando os conselhos que minha mãe me dava, que meu pai me dava. De falar assim: 'Poxa, com essa pessoa você não tem futuro'. Então, eu acho que eu fui ficando madura o suficiente para ver. Acho que, quando eu entrei na faculdade... Isso, para mim, mudou a minha cabeça! Porque é uma outra fase importante da vida da gente. Acho que você fica mais adulta, quando você passa para a vida profissional. Mas, eu lembro que eu mesma fui enxergando. E, de repente, coincidência ou não, foi quando eu conheci o Márcio, por acaso, num consultório de dentista. Aliás, numa clínica de plantão de emergência, que era a Clidec.

Eu conheci Márcio e foi uma coisa instantânea assim! Eu bater o olho nele, ele em mim e a gente gostar um do outro. Eu acho que eu considero isso... [silêncio] é, amor mesmo. Eu acho que, talvez, o que a gente viveu e vive... Eu acho que não tinha imposição. Nós não fomos obrigados a sentir aquilo! Eu não me senti obrigada, em relação à própria pressão da vida. Você tem quinze anos, você tem que ter sonhos! Você tem treze anos, você tem que ter uma paquera, né? Você tem dezessete...

Então, eu tinha dezoito anos, quando eu conheci Márcio. Já estava mais madura. Tinha esse namorado, mas acabava que... Acho que, talvez, eu estivesse aberta para isso que aconteceu comigo. E foi uma pessoa, assim, talvez, que me completou. Mas, às vezes, eu me questiono se eu tinha maturidade também suficiente para receber Márcio da forma como ele me recebeu.

Eu acho que, talvez, muito também por conselhos dos pais, de querer agradar os pais. E ter uma pessoa que fosse me dar um futuro também melhor do que o outro. Então, a maturidade eu acho que camufla os sonhos. A gente fica tão mais pé no chão, mas, também, ao mesmo tempo, a gente tem que abrir mão de determinadas fantasias que a gente tinha. Talvez, o outro fosse a fantasia, e o Márcio fosse (...) um amor verdadeiro, mas um amor verdadeiro que tivesse futuro também. Porque não adianta sonhar só. Então, o Márcio era uma pessoa mais dentro do que a

sociedade exige, do que os pais aconselham, do que a família aconselha. Porque ele era uma pessoa que era dez anos mais velho que eu, já tinha..., já estava formando em odontologia, já era professor de educação física, já tinha imóvel próprio, já tinha carro. Então, era uma pessoa que tinha uma vida mais ou menos definida. Ele tinha vinte e nove anos. Eu tinha dezoito para dezenove, ele tinha vinte e oito. (...)

A gente namorou até pouco tempo, considerando... é... quando a gente se conheceu. (...) Foi um amor, assim... Como eu posso dizer? Uma paixão! Porque amor eu acho que talvez venha depois da paixão. Mas uma paixão fulminante! De querer ficar vinte e quatro horas com a pessoa, de ter assunto para dar e vender, do assunto não acabar. Mas isso é uma qualidade que a gente conserva até hoje, com mais de vinte anos de casado. Porque nós nos casamos, depois de seis meses que nos conhecemos. Eu acho que muitos casamentos naufragam independente de ter dez anos de namoro ou seis meses.

Eu admito que o pouco tempo de namoro fez com que a gente não se conhecesse. A gente foi se conhecendo no dia a dia. Porque, durante o tempo que a gente namorou, a família de Márcio era tão grande que a gente passava o sábado e o domingo conhecendo a família dele. Ele tinha onze irmãos (...).

E a minha família é pequena. Eu acredito que também que a questão das diferenças culturais eram marcantes, entre a minha família e a dele, apesar de que ele tinha qualidades de que meus pais gostavam muito. Mas a família dele era do interior, os valores eram outros. A minha família... Eu já era nascida em Belo Horizonte. Então, a gente tinha uma vivência diferente de cinema, de arte, de viagens. Em termos de vivência cultural, aí, o acumulado era diferente do dele. Mas eu acho que o que aconteceu com a gente talvez seja o que devesse acontecer com todos os casais, o que deveria ser um casamento. Porque eu acho que a gente trocou. Eu aprendi muito com ele e ele aprendeu muito comigo. A gente continua aprendendo.

É lógico que nós tivemos problemas. No início de casado, em outros momentos do casamento. Com certeza, muitos problemas! E, talvez, a gente tenha superado, ou, às vezes, a gente nem tenha superado, porque, às vezes, a gente deixa de... As diferenças, se a gente quer estar bem, às vezes, a gente tem que ignorar. Não quer dizer que ficou resolvido o problema, quer dizer que a gente deixou de implicar com aquilo. Uma toalha molhada em cima da cama, uma roupa jogada no chão.

Eu gostava muito de sair. Sempre adorei cinema, fazer programas, e ele não gostava. Também não só porque não gostava, mas porque estava cansado, trabalhando muito. Hoje, eu entendo, talvez, depois de vinte anos, em relação à maturidade que eu tenho, a minha vivência, porque que, quando a gente

trabalha muito, a gente fica tão cansado que, às vezes, não quer nem sair. Mas eu casei muito nova (...). Fui mãe muito nova. Com vinte e um anos, eu tinha dois filhos. Não foi programado, né? Nenhum dos dois. Eu estava estudando, quando fui mãe. Continuei estudando. Continuo estudando até hoje! [risos] Vou estudar a vida inteira! [risos] E trabalhar também.

Então, assim, eu passei a entender um pouco da vida. Eu acho que, para mim, foi como se o casamento tivesse passado por várias etapas. Da mesma forma que eu estudei, que a gente tem os diplomas e as séries, que a gente vai progredindo. Eu acho que isso aí aconteceu no meu casamento. Eu tive que ganhar diplomas! Então, já passei... Devo estar no vigésimo ano! [risos] Ou mais, porque a Laura já está com vinte. Então, acho que foi 81, em 80, que nós nos casamos, então, já... Vinte e dois anos porque foi no final do ano, em novembro. Vinte e dois anos para vinte e três anos. Então, daqui a pouco, a gente já está fazendo bodas de prata, né?

E, de vez em quando, quando eu estou abraçada com ele... A gente está sempre, quando pode, juntos. Eu me vejo ainda sentindo, quando ele não está comigo... Assim, tudo que acontece comigo, a primeira pessoa com quem eu quero dividir é com ele! Então, assim, aconteceu alguma coisa boa, alguma coisa ruim, eu ligo para ele, e é aquela disponibilidade dele de me ouvir! Porque, mesmo com quase vinte três anos, com vinte e dois anos de casado, a gente conseguiu manter essa coisa que eu acho importante, esse companheirismo. (...)

Não quer dizer que sempre foi assim não. Por isso que eu acho que a própria vida me exigiu um diploma. Só depois que eu passei, que a gente passou por várias coisas, que outras pessoas também passam, é que a gente chegou nesse estágio que a gente chegou. Nem sempre foi assim não. Talvez, ele tenha sido muito mais para mim, no início, do que eu para ele. Teve uma segunda fase da vida que eu fui muito mais do que ele foi. (...) Numa terceira fase, é que a gente está conseguindo viver uma expectativa de troca. Mas isso foi a partir de muito sofrimento!

Teve momentos que a gente tinha vontade de separar, crises no casamento, com os filhos. Mas, aquela noção de família, que eu tenho muito firme! Dos meus pais, que os meus pais me passaram. Da vivência dos meus avós, que viveram juntos sessenta e sete anos, só foi interrompido pela morte do meu avô. Minha avó está com oitenta e oito anos, hoje, mas a gente sente, assim, que ela viveu um amor verdadeiro. Os meus pais, com todos os problemas e todas as brigas que todo casal tem, eu acho que um é muito importante para o outro e o outro para o um. Então, é um exemplo que eu tive de vivência, de carinho, de... Tudo bem, eu não sou perfeita, o Márcio também não é. Eu acho que a gente aprende com os filhos e muito. Tem que estar aberta para essa aprendizagem.

Mas eu reconheço que, com certeza, que houve momentos que eu não tinha maturidade para estar casada! Eu queria sair. Eu não tinha seriedade no meu compromisso. Como se diz, eu sou casada, tenho filhos, então, tenho que viver aquela vidinha... Eu não aceitava isso! E tinha que viver! Tinha que aceitar! E eu me sentia infeliz. Eu falava assim: 'Para quê isso, meu deus do céu? Porque minhas amigas todas têm liberdade e eu não tenho?'. Mas fui eu que escolhi.

Mas eu acho que Márcio me ensinou muitas coisas. Porque a experiência da minha sogra não foi feliz no casamento. As minhas cunhadas também não foram e não são felizes. Isso as que ainda se mantêm casadas. Ele, dos irmãos, (...) se for computar, acho que noventa por cento é separado. Então, é muita gente na casa dele que não tem uma experiência feliz no casamento. Ele é um dos poucos. Então, eu acho que isso é mérito dele. Da pessoa que ele é, do pai maravilhoso que ele é, do marido que, com certeza, com todos os defeitos, me dá um certo retorno.

Eu, depois de vinte e tantos... poucos anos de casada, igual eu te falei, ainda sinto vontade de estar com ele, curto estar na companhia dele, falo isso com ele. Falo assim: 'Gente, que bobo que a gente é!. A gente , com quase... com vinte e dois anos de casado, e gostar de estar junto ali. Sempre sentir saudade, gostar de conversar, se aprontar para a pessoa.' Então, eu acho que isso tudo, eu acho que isso é casamento!

Eu não sei. Eu lembro que eu comentei aqui que eu ficava com muita raiva, porque, na primeira fase de casamento que eu vivi, que não foi legal, Márcio me deixava muito sozinha. Então, ele trabalhava muito. Mas não era só o trabalho, porque hoje ele trabalha muito! Mas eu não me sentia importante para ele. Então, ele saía, ele fazia questão de não estar comigo. Então, aí, se ele fazia questão, ele cooperava para não estar. Várias vezes, datas de casamento eram comemoradas sozinha. A mamãe é que vinha e trazia um buquê de flores para mim. Aí, ele chegava, eu falava com ele... Eu era toda romântica, eu planejava! Eu abria e falava assim: 'Vamos sair hoje, pelo menos hoje?'. Aí, ele já chegava falando que estava com dor na perna. Deitava lá na cama e dormia. Então, aquilo... Eu chorava tanto! Me incomodava tanto. Falava: 'Poxa, será que eu nunca vou ser feliz?'. Então, a visão de casamento que eu tinha, naquela época, é que o casamento não era bom. Não era uma coisa boa, era uma coisa que fazia as pessoas sofrerem.

Mas, eu lembro que a minha cunhada com o meu irmão sempre foram muito unidos. Assim... mais assim, de sair junto, de tomar banho junto. Eu até achava assim uma certa... até meio doentia a relação deles. Mas, uma vez, a minha cunhada... A gente estava falando não sei o que de casamento, numa mesa de almoço, e eu fui falar não sei o que. Para variar, em todas as datas eu estava sempre sozinha, viajava sempre sozinha com os meus filhos, e o

Márcio nunca estava comigo, porque... uma, porque ele falava que não podia porque estava trabalhando. E, realmente, parecia que ele buscava empregos que isolavam ele da família. Então, durante muito tempo, ele esteve mais distante do que próximo. E essa minha cunhada falou comigo: 'Ah! O quê que você está falando de casamento aí? Você nem vive um casamento'. Então, aquilo me incomodou profundamente, me fez sofrer muito. 'Poxa, mas eu não vivo um casamento. Porque será? [silêncio] Será que é comigo?'

Hoje, eu tenho certeza que quem vive um casamento sou eu, não é ela. Porque é um casamento cheio de regras, cheio de normas. Pode isso, não pode aquilo, né? Ou uma coisa forçada. A gente não sente que o casamento deles é uma coisa natural, que tem prazer. Ela tem os mesmos problemas, as mesmas queixas hoje. Talvez, tenha sido uma inversão, porque, hoje, ela reclama do meu irmão: 'Ah, porque ele só trabalha, porque ele não está em casa, porque isso e aquilo'. E eu já, hoje, tenho o Márcio muito mais próximo de mim. E eu sinto que a proximidade nossa hoje não é nem de presença, é uma proximidade espiritual assim de adivinhar pensamentos, de ter sintonia, d' eu não precisar... A gente ainda brinca: 'Ah! Mas eu já tinha pensado nisso!'. Eu falar uma coisa que ele ia falar, eu querer uma coisa e ele comprar. Então, de adivinhar os pensamentos. E eu acho que só quem pode ter isso é uma pessoa que ama de verdade. (...)

Então, o casamento, para mim, hoje, é sentir-se em liberdade na prisão. Entre aspas, as pessoas falam que casar é estar preso. Eu não me sinto presa a ele. Pelo contrário, eu me sinto livre para estar amando ele mais do que eu amo. De querer... Eu acho que o amor verdadeiro... Nada impede de você viver esse amor cinqüenta anos, setenta anos. Eu acho que é você querer estar junto, é você querer o bem do outro... é ficar feliz com as conquistas do outro.

É lógico que tem problemas! Eu não estou falando que eu não vivo problemas. Hoje a tarde mesmo, achei que... Ele falou que eu estava nervosa. Mas eu não estava nervosa, eu estava cansada. Eu acho que quem estava nervoso era ele. Então, acabou que a gente nem conversou direito. A gente prefere, às vezes, até evitar conversa, quando está nervoso, para não brigar, né? Então, tem época que ele está meio esquisito, aí, eu chego para ele e falo: 'Você está estranho. O que será que é?'. A gente discute muito. Eu não deixo as coisas acumularem. (...)

Mas o dia do casamento? Eu acho que o dia do casamento foi o dia que eu sai de casa. (...)

Igual eu te falei, eu namorei... nós namoramos pouco tempo. Então, o meu casamento foi uma surpresa para muitas pessoas! Talvez não tenha sido para a minha mãe, porque eu sempre conversei muito com a minha mãe. (...)

Eu lembro que, quando eu conheci Márcio, (...) ela que estava comigo quando eu o conheci, e ela falava: 'Ta vendo! É com um rapaz desse tipo que você tinha que namorar! Porque ele tem carro, é formado'. Na verdade, nem formado ele era ainda, mas já atendia na clínica. Então, era aquele protótipo de pessoa que é bem vista na sociedade, né? Respeitada. E eu falava assim: 'Ah, mãe, ele vai querer comigo o quê? Eu tenho dezenove anos e ele parece que é muito mais velho. Eu tenho que namorar é com um rapaz mais novo mesmo, porque esses mais velhos não querem saber de mim'. E, no final das contas, não foi bem isso.

Mas eu lembro que o fato da gente namorar foi uma coisa que a família gostou, que apoiou. Exatamente diferente do que com o outro namorado. Mas, como nós namoramos pouco tempo, eu acho que Márcio não teve tempo de relacionar com a minha família, de conhecer. Então, teve isso.

Mas o dia do casamento, para mim... Eu acho que o casamento em si significou essa... não vou nem falar liberdade não, mas a maioridade. Porque eu não era nem maior, porque eu tinha dezoito para dezenove anos. Mas, para mim, significou a maioridade sair da tutela do meu pai, porque eu tinha que pedir permissão para tudo ou para quase tudo, e da minha mãe, e passar para o marido. Mas eu acho que o que significou naquele momento não quer dizer que é o que significa hoje o casamento para mim. Eu acho que, talvez, a primeira fase da minha fala esclareça isso. Naquele momento, o casamento para mim significava isso: a minha independência. D'eu ter a minha casa, as minhas coisas.

Mas, ao mesmo tempo, me dava medo! Porque ter responsabilidade sozinha? Eu sempre fui muito paparicada, muito criada protegida... com muita proteção. Então, aquilo me dava um certo receio.

Então, eu acho que os problemas que a gente teve, no início do casamento, diziam respeito a isso também, porque eu não tinha liderança ou maturidade o suficiente para ser uma dona de casa. Então, a minha mãe teve muita influência, entrou para dentro da minha casa, e eu permiti. Eu precisava dela [silêncio], para me ajudar com os meus filhos.

Então, Márcio... E isso incomodava muito o Márcio. Porque ele, na cabeça dele, perdia a liberdade. Por exemplo, eu, quando a Laura nasceu, eu não pude ir para a casa da minha mãe. Geralmente, as filhas vão para as casas das mães, né? Não. Eu tive que vir para casa. Todos os dois partos meus foram muito cercados. 'Não. Tem que estar na casa sua. Meus filhos tem que estar na minha casa. Eu não sou pai de deixar filho meu na casa de vó. A vó que tem que vir para cá.' E foi isso que aconteceu. Então, Márcio também tinha o sistema dele.

Então, o casamento, nesse sentido, significou para mim um aprendizado da vida. Porque eu sei... eu cheguei a conclusão de que, quando eu casei, eu não sabia nada. Eu não tinha vivências! A minha vivência foi tão assim pouca que eu não tinha como fazer as coisas. Eu não sabia como! Mas fui aprendendo.

A minha primeira empregada, Márcio que orientava, porque eu não sabia cozinhar. Então, ele que ensinava ela a fazer as comidas. [risos] Ele sabia muito mais do que eu! A gente ia fazer compra, e eu não sabia como que fazia compra, o quê que eu escolhia, que verdura que era, como que escolhia. Ele é que sabia. Porque via a mãe dele fazendo. Ele era o caçula, então, ele sabia muita coisa. Ele é que fazia compra na casa dele.

Então, foi um pouco por aí, aprendizagem de forma geral. O casamento para mim significou entrar para uma escola. Igual eu falei dos diplomas. Para mim, era como se eu tivesse me tornando adulta. Eu me via assim: 'Agora, eu sou adulta, eu sou casada.' Igual se fala assim: 'Agora eu sou universitária'. 'Eu sou casada.' Mas eu não sabia, a minha ingenuidade era tanta, dos problemas que você acumula com o casamento! Aí, vem outras responsabilidades. Não que eu pensava que fosse um conto de fadas, mas, pelo menos, com menos problemas do que é na verdade. Então, eu acho que o casamento para mim passou por vários estágios, né? Mas, de início, talvez, de imediato, foi a minha liberdade, a minha independência, o estar vivendo com uma pessoa que eu me sentia bem de estar com ela." (Ângela)

O fio que organiza a narrativa de Gisela acerca da sua experiência do casamento é o desenrolar da sua história com o marido. Ela retoma o receio que sentia de namorar, em uma época da vida, em função do desfecho do seu segundo "namoro mesmo". Relata, além disso, a forma como conheceu o marido, o primeiro passeio dos dois, a época do namoro, o percurso depois de casada, o dia do casamento e a viagem de núpcias. São muitos os sujeitos envolvidos na sua história: Gisela; seus pretendentes; o marido; uma amiga, que era cunhada do seu irmão; o pai dessa amiga, que era sogro do seu irmão; as irmãs dessa amiga; Terezinha; um colega do seu marido; a sua família; a família do seu marido; a mãe do seu marido; a sua irmã; os seus filhos e o padre que celebrou o seu casamento.

Gisela, quando conheceu o marido, associava namoro com insegurança, em função de uma de suas experiências anteriores. O marido significou a retomada do namoro, enquanto sinal de segurança. Ele emerge, a começar, como um bom partido, no relato. De acordo com Gisela, "(...) é muito bom. Trabalhador, bom filho, um caráter maravilhoso, muito honesto." Aos poucos, a partir do primeiro encontro que tiveram no Parque Municipal, uma situação de "namoro mesmo", vai se configurando, vai sendo construída. Merecem destaque, nesse processo, a reação inicial de Gisela, diante do interesse do marido; o arranjo do primeiro encontro dos dois, uma matinê; os encontros que se sucederam ao primeiro; o desenvolvimento do namoro, no âmbito da família e o noivado. "Eu fiquei séria, não dei a mínima confiança." "Depois de olhar, fixar bem o olhar, aproximou na minha direção. Quer dizer, ela que estava dando os quebras. E eu séria." "(...) por educação, eu dei atenção." "(...) ele convidou para uma matinê." "(...) houve uma pequena discussão de horários. Porque eu só poderia ir na das seis (...). (...) eu falei que, infelizmente, eu não poderia trocar o meu horário. (...) Porque o meu irmão não deixaria eu ir sozinha. Eu só podia ir acompanhada delas." "Foi lá me ver na terça-feira. Aí, marcamos na quinta, depois marcamos no sábado." "Aí, de repente, ficamos firmes. (...) Ficamos conhecendo os familiares." "(...) na semana antes das bodas, a gente combinou de fato ficar noivos nessa data."

Em se tratando do casamento de fato, está posta, no relato de Gisela, a questão da divisão tradicional dos papéis sexuais. Uma espécie de senso de organização e trabalho impera sobre a história de Gisela e do marido. No início do casamento, cabia ao marido terminar os estudos, trabalhar, construir uma carreira. Cabia a ela, por sua vez, realizar as tarefas domésticas, fazer economia nesse sentido. Assim, eles foram progredindo economicamente. O marido se tornou um profissional de sucesso, ela contratou uma ajudante, passou a cuidar somente da administração da casa e da educação dos filhos. A viagem de núpcias, além disso, é marcada pelo adoecimento do marido, pelo fato do casamento começar exigindo que Gisela cuidasse dele. "(...) foi um início de muito sacrifício. (...) A gente teria que fazer certos planejamentos, para, depois, a gente, naturalmente, ir crescendo. A medida que o tempo fosse passando, a gente ia crescendo,

porque ele também estava estudando. Eu também tinha que fazer as minhas coisas para a economia da casa.” “(...) graças a deus, no decorrer dos anos, ele pode fazer uma carreira muito brilhante no trabalho dele. E eu, como esposa, como companheira, continuei no meu trabalho em casa, cuidando dos meninos, encaminhando eles no seu crescimento, nos seus estudos.” “Eu comecei muito bem [risos], já tendo que cuidar do marido ali com febre. Mas foi muito bom, porque foi a minha primeira experiência. Estar sozinha com ele e cuidar dele.”

Ângela também conta a sua experiência do casamento, cronologicamente. Ela relembra o seu terceiro namoro, contexto em que conheceu o marido; justifica porque resolveu então trocar de namorado. Ela relata o tempo em que namorava o marido, o dia do casamento e significa o estar casada. Estão envolvidos na sua experiência: Ângela; seu pai; sua mãe; seu terceiro namorado; Márcio, o seu marido; a família do marido; seus filhos; seus avós paternos; as suas amigas; seu irmão e a esposa.

É preciso frisar, inicialmente, as aproximações entre o namoro de Ângela com o marido e o que Gisela define como um “namoro mesmo”. É verdade que Ângela marca a paixão que ela e o marido sentiram instantaneamente, ao se conhecerem, o amor que construíram, ao longo dos anos de casada, e esses sentimentos não fazem parte dos relatos de Gisela, seja acerca do primeiro namoro ou do casamento. Entretanto, a razão também move Ângela, nesse momento. Ela vê no marido um pretendente adequado para um futuro casamento. *“E ter uma pessoa que fosse me dar um futuro também melhor do que o outro. (...) Talvez, o outro fosse a fantasia, e o Márcio fosse, ao mesmo tempo, fosse um amor verdadeiro, mas um amor verdadeiro que tivesse futuro também. Porque não adianta sonhar só. Então, o Mário era uma pessoa mais dentro do que a sociedade exige, do que os pais aconselham, do que a família aconselha. Porque ele era uma pessoa que era dez anos mais velho que eu, já estava formado em odontologia, já era professor de educação física, já tinha imóvel próprio, já tinha carro. Então, era uma pessoa que tinha uma vida mais ou menos definida.”*

O casamento, indo além, aparece como um processo, no relato de Ângela. Ângela conta como se transformou, a partir da experiência do casamento, que para ela significa sobretudo aprendizado, aprendizado da vida e aprendizado do casamento, do que é estar casada, do que é ser uma mulher casada. Ângela conta como ela e o marido foram se conhecendo, descobrindo as suas diferenças, trocando experiências de vida, superando os problemas que foram aparecendo, cultivando a paixão e o companheirismo, ao longo do tempo de convivência. Na verdade, pode-se afirmar que o que Ângela define por casamento é o que ela vive hoje, depois dela e do seu relacionamento com o marido se transformarem, a partir da própria experiência do casamento. *"Então, o casamento, nesse sentido, significou para mim um aprendizado de vida. Porque eu sei... eu cheguei a conclusão de que, quando eu casei, eu não sabia nada. Eu não tinha vivências! (...) O casamento para mim significou entrar para uma escola. Igual eu falei dos diplomas."* *"A gente foi se conhecendo no dia-a-dia."* *"Eu acredito que também a questão das diferenças culturais eram marcantes, entre a minha família e a dele. (...) eu acho que a gente trocou. Eu aprendi muito com ele e ele aprendeu muito comigo."* *"É lógico que nós tivemos problemas. (...) E, talvez, a gente tenha superado (...). (...) Não quer dizer que ficou resolvido o problema, quer dizer que a gente parou de implicar com aquilo."* *"Eu, depois de vinte e tantos... poucos anos de casada (...) ainda sinto vontade de estar com ele, curto estar na companhia dele (...). Sempre sentir saudade, gostar de conversar, se aprontar para a pessoa."*

5. A maternidade

"Foi maravilhoso! Maravilhoso mesmo!

Porque eu acho que, quando eu comecei a pensar que eu poderia... é... Como é que eu posso falar? É... Para eu poder realizar o desejo da maternidade, eu comecei a pensar que eu

tinha que casar. Porque, na minha família, não tinha outra forma. Eles eram muito... antigos, radicais. Então, eu sabia que eu tinha que casar. E, como eu já estava pensando em encontrar um par que eu pudesse ter assim confiança e segurança, eu já imaginei nesse sentido. Falei: 'Então, eu caso, vou ter os meus filhos, tudo direitinho como manda o figurino.' Porque eu imagino o seguinte: sem o casamento, eu tenho a impressão que eu jamais faria isso. Pode ser que com o futuro, com a evolução dos tempos, eu fosse chegar nisso. Como está agora atualmente. Você não precisa se unir a ninguém, né? Mas, no meu caso não. No meu tempo, tinha que ser assim mesmo. Então, eu, com as minhas orações, eu fui pedindo que chegasse um namoro, que me desse segurança, que fosse bom, como eu expliquei no início.

E, então, quando aconteceu d'eu me unir, eu imaginava... Logo no primeiro mês, eu queria estar grávida! E não aconteceu. Quando chegou no segundo, não aconteceu. E eu chorava! Chorava e chorava. Aí, pensava: 'Ah, no terceiro mês, vai acontecer.' E eu chorava tanto que, mais para frente, quando já estava fazendo seis meses, tinha cinco meses de casada, eu falei com Alberto: 'Alberto, eu devo ter algum defeito, eu devo ter algum problema.' 'O quê que é isso, Gisela? Você não tem nada não! Não sei o que e tal.' 'Não, uai! Não é possível! Já vai fazer seis meses de casado e eu não engravidado.' De tão idiota que eu era! Eu não estava sabendo de nada, assim seguir talvez alguma... alguma... Como é que eu posso falar? Algum caminho que me engravidasse. Achava que era só a união que ia me acontecer, né? E não é por aí. Tem os dias férteis, tem os dias não férteis. E eu não sabia nada sobre isso, não cogitava isso. Achava que o acontecimento era igual Jesus mesmo! [risos] E nada de engravidar! [risos] E nada de engravidar! Aí, falei com ele. Falei com Alberto: 'Não. Mês que vem, eu vou ao médico. Porque eu tenho algum problema. Uai, não é possível! Eu choro todo..., choro, choro, choro e nada de me vir esse filho.' Igualzinho Maria santíssima! [risos] Deus que me perdoe d'eu estar falando no nome dela.

Mas aconteceu que, eu então, quando eu falei assim, parece que tocou nele e ele virou assim: 'Mês que vem você vai engravidar.' Porque ele estava por dentro, mas eu não estava. Eu era bobinha mesmo! Não é? Porque eu não me liguei nesses dias férteis. Se eu fosse muito sabida, talvez tivesse engravidado no primeiro mês. Mas, aí, menina... Para você ver, com vinte e oito anos! Que absurdo! [risos] Com vinte e oito anos, ainda estava bobinha! Aí, menina, de repente, eu falei assim e achou tocou nele. [inaudível] O médico. Então, eu acho que ele ficou nesse receio d'eu me envolver com o médico e falou: 'Mês que vem você vai engravidar.'

E nós estávamos justamente providenciando uma mudança já de um apartamento para outro apartamento. Porque os pais ficavam muito conosco, e aquele apartamento anterior era muito pequeno, então, fomos para um apartamento maior. Já planejávamos

também já ter um quarto para um filho que viesse e tal. Aconteceu que, naquela mudança assim, muita gente brincava: 'Olha, em mudança acontece, heim? Você vai ficar grávida!' Eu falei assim: 'Uai, é? Que bom então que eu vou mudar dessa casa!' Toda feliz! E ele já tinha falado também um pouco brincando. Eu falava: 'Ah, mas agora eu engravidado mesmo. Acho que agora eu engravidado mesmo.' E justamente com a mudança... Eu me lembro como se fosse hoje! Alberto faz aniversário no dia sete de junho e, quando nós mudamos, mudamos no dia nove. E, quando foi mais ou menos no fim do mês, eu já sabia que eu estava grávida. Então, eu liguei os fatos, né?

E, quando eu falei com Alberto, Alberto falou: 'Oh, sua boba! Foi porque eu deixei você engravidar.' Ele sabia! Porque eu falava: 'Ah, eu estou com cólica. Eu estou isso, eu estou aquilo.' Eu não sabia de nada. E ele esperou os dias, viu que eu já ia mexer com médico, e tratou de me engravidar.

Por ele, eu não engravidava rápido não, porque ele estava estudando, né? E eu não estava nem tomando conhecimento disso! Porque, no princípio do casamento, eu estava só pensando nisso. Falava: 'Ah, a melhor coisa que deve ser, né? É ser mãe!'

Foi um deslumbramento! Foi assim uma coisa assim divina! Eu me senti mesmo assim, abaixo de deus, eu me senti uma santa! Sabe? Porque eu imagino que a maternidade, o nascimento de um filho, principalmente quando ele é muito... ele é muito buscado, quando a gente busca a gravidez... Eu acho que, quando a gente busca, e ela é planejada, eu acho que é a coisa melhor da vida da gente. Porque é um acontecimento tão grandioso! Mas tão grandioso! Porque eu acredito que nem o casamento não seja... tão grandioso quanto o nascimento de um filho. Porque é uma coisa assim, é um presente de deus! É um... Eu não sei explicar. Eu me senti em êxtase! Fora do chão, sabe? E agradei a deus todos os dias por ele ter me dado esse filho e depois o outro filho. E cada um mais assim desejado.

(...) a situação da gestação do segundo, e mesmo o acontecimento de quando o primeiro nasceu, que me apavorou um pouco (...)... Porque todos dois me trouxeram um pouco de perigo. Um de um jeito e o outro de outro. Porque o primeiro foi no nascimento. Era para ter sido cesariana e acabou que foi de outra forma. Tirado, né? Então, aquilo deu um pouco de trauma. Quando chegou o outro, aí, já foi com um pouco mais de cuidado, para que aquilo não ocorresse, né? Foi... Foi assim um acompanhamento de gravidez, mas também, da metade da gravidez para a frente, foi com remédios, para que houvesse um nascimento mais natural. Então, não deixou de me preocupar. Porque isso, às vezes, pode ocorrer problema também para o feto, né? E eu tinha aquela preocupação. Então, felizmente... Volto a falar, eu, como religiosa, me apeguei mais ainda em orações, para que tudo corresse bem, tanto com a primeira gravidez quanto

com a segunda. E foi tudo bem. Foi tudo maravilhoso! Tive filhos muito saudáveis, muito fortes.

E fiquei assim por muito tempo deslumbrada em ser mãe, e também assim encantada com o nascimento, com a maternidade. Porque é divino! É maravilhoso! A maternidade. Então, isso aí era uma coisa que eu buscava mesmo. E, quando aconteceu o casamento, eu não tive nem dúvida, né? Era o que eu mais queria! Era ser mãe. Porque eu sabia que era um sonho que eu queria realizar.” (Gisela)

“...[o casamento significou], de início, talvez, de imediato, foi a minha liberdade, a minha independência, o estar vivendo com uma pessoa que eu me sentia bem de estar com ela. Só que é uma liberdade [a liberdade do casamento] que você perde rápido com a vinda dos filhos. [silêncio] A liberdade não existe. [risos] Acaba! Você acaba com a sua liberdade para o resto da vida! Você vai ter preocupações até morrer! [risos] Eu vejo a maternidade nesse sentido. Eu não sou uma pessoa... Me vejo até muito tranqüila para passar determinados momentos que eu já passei com os meus filhos. Os meus filhos, graças a Deus, são muito bons filhos. São muito bem orientados, tiveram uma base boa, estudaram em bons colégios, tiveram bons amigos, bons namorados e namoradas. Isso aí, com certeza, deixa a gente muito mais tranqüila. São muito ajuizados. Mas preocupações que a gente vai ter a vida toda, né?

Mas, ao mesmo tempo que eu me sinto muito cansada, eu me sinto feliz, por fazer parte de um grupo que tem essas preocupações, e estar sabendo, estar aprendendo a lidar com isso. E cada problema que a gente tem, a gente se abate. Mas eu acho que dá mais força para a gente encontrar saídas, encontrar soluções.

Uma coisa que continua sendo importante para mim, que eu acho que eu continuo passando para os meus filhos, porque eu acho que isso é importante, e que o Márcio passa também, é o sentido de família, da família unida, de estar ali. Por mais que às vezes a gente entre em choque, que tenha embates, mas eu acho que a família é uma coisa... que o sentido de família eles têm. De almoçar sábado na casa da vó, de ir em Sete Lagoas nas datas, dia das mães, natal, e de preocupar com isso. Os aniversários. Então, eles são pessoas que têm essa consciência.

Então, eu acho que com todos os erros que eu cometi, com todos os problemas que a gente passou, com todas as fases do casamento que a gente acha que a gente vai desistir de tudo... Mas eu acho que foi muito importante está vivendo... viver o que eu vivi.

Hum... [silêncio] E eu acho que eu vivi duas maternidades diferentes. Da mesma forma que eu tive... que eu reconheço o casamento como fases e diplomas, a minha maternidade também.

Eu acho que existe o momento do sonho de ser mãe. O concretizar esse sonho, que é o nascimento. Mas eu acho que eu não tinha noção, da mesma forma como não tinha no casamento, na primeira fase do casamento, do que era ser mãe! A gente não nasce sabendo, né? A gente se torna mãe. A gente não é mãe, ou tem curso para mãe.

Então, eu acho que a Laura, nesse ponto, acho que até sofreu muito, porque eu também não tinha consciência do que era ser mãe.

Foi um momento mágico para mim. Está registrado em fotos, como todos os nascimentos. O batizado, aquela coisa do nascimento em si, a gravidez...

Mas eu acho que, como eu tive e tenho isso com o Márcio muito forte... essa relação que a gente tem, eu acho que a maternidade serviu para eu me separar dele, em parte. Porque aí eu não tinha... eu não podia dar atenção só para ele, eu não podia estar só com ele, eu tinha que dedicar aos meus filhos.

E o dedicar aos filhos tem o acordar de noite, os trabalhos, e as doenças, e os problemas da maternidade.

Quando eu falo de duas fases, é porque com a Laura eu não sabia o que fazer. Tinha a ajuda da minha mãe direto!

Então, eu acho que também nem quis saber, de início. Eu fazia por fazer. Estudava, tinha aula sete horas da manhã, fazia um curso difícil que era engenharia, tinha provas difíceis, tinha matérias muito difíceis, e a Laura lá me exigindo três a quatro vezes à noite. Ela foi dormir uma noite inteira com quatro anos. Então, isso, para mim, foi muito difícil! [silêncio] Foi muito difícil conviver com isso. Para mim, foi como se estivesse passando um vendaval na minha vida.

Porque, talvez, o casamento em si não onerou para mim, não me exigiu essa parcela de dedicação, porque o Márcio era uma pessoa muito compreensiva. Então, ele entendia que eu tinha tido uma vivência diferente da dele. Então, ele me tratava como uma princesa. Ele punha...

Teve época da gente ter três empregadas, no primeiro ano de casamento, porque eu, a dondoca aqui, não podia fazer nada. Quando eu falo a dondoca, é porque hoje eu não me vejo assim, né? Mas eu não podia! Eu era de louça! Então, não podia fazer. Eu vivi assim. Eu não achava o cúmulo do absurdo eu não poder fazer ou não saber fazer. Não era não poder, eu não sabia também. Não sabia fazer nem um café, quando eu casei! Então, é lógico, se não fazia um café, não sabia fazer nada. Mas...

E estudava. E aquilo... Eu acho que isso também teve um conflito muito grande porque eu não fui criada para o casamento! [silêncio] Eu sinto isso bem definido na criação que os meus pais me deram. Porque, se, na época da minha mãe, as mulheres eram formadas para o casamento, educadas para isso, eu fui educada para ser uma profissional. Para estudar, para ganhar dinheiro, para ser independente. Várias vezes a minha mãe virava para mim e falava assim: 'Minha filha, não seja como eu, apenas uma dona de casa. Seja uma profissional. O seu marido vai te respeitar mais, se você estiver ganhando o seu dinheiro'. Então, acho que isso fica muito na cabeça da gente.

O casamento em si não me fez cortar isso, essa relação de profissão, mas a maternidade fez. Então, eu vejo a maternidade, para mim, naquele momento, talvez, tenha sido mais oneroso, porque eu não tinha me formado, eu não tinha terminado o sonho dos meus pais. E é lógico que os sonhos dos filhos são os sonhos dos pais. Eu acho que se misturam. Os sonhos dos pais são os sonhos dos filhos.

Então, eu acho que, nesse sentido, eu me vi meio perdida, naquele momento. Sem saber o que fazer, o que era ser mãe. E, aí, o que é que eu ia fazer da minha vida? Eu tinha uma realidade concreta para viver que era acordar cedo, depois de ter passado a noite em claro.

Mas, fora isso, eu acho que a segunda maternidade me ajudou a ver mais isso, porque, aí, em vez de ter um para preocupar, eu tinha dois. [risos] Então, me fez assumir a minha vida e falar: 'Poxa, agora, eu vou ser mãe não é só de uma pessoinha não é de duas'. Então, você tem que conscientizar que você é mãe agora. Talvez, eu tenha acordado para a maternidade da segunda vez. E foi logo depois, um ano depois.

Na minha formatura de engenharia, o primeiro curso que eu fiz, a Laura tinha cinco anos e o Caio quatro. Para você ver que eu passei o curso todo, fazendo ele todo remendado porque eu tinha que fazer poucas matérias, mas eu consegui, né? Então, eu acho que, nesse ponto, eu me vejo assim como uma vencedora de ter passado isso para eles, de não desistir, porque tem muitas pessoas que desistem pelo caminho. Para mim, isso não foi problema. E depois fora outras coisas que eu continuo fazendo até hoje! Depois fiz minha segunda graduação, que foi a pedagogia,

depois fiz o mestrado, com muita dificuldade. E querendo fazer o doutorado também. E eles sabem o quê que é. (...) Então, isso eu acho que a gente acaba passando para eles. Eu acho que a gente mostrou principalmente, e tem mostrado, que tudo é possível, basta a gente querer de verdade, batalhar, que a gente consegue tudo que a gente quer. Eu acho que é um pouco isso.

A maternidade tem me feito me sentir mais forte na relação com o mundo. Eu acho que enfrentando problemas... Mesmo no casamento, eu acho que a maternidade me fez sentir mais inteira, mais eu mesma. O meu vínculo, a minha relação com o mundo são os meus filhos! E comigo mesma, de passar o tempo, de envelhecer. Eu acho que é um pouco isso aí que significa a maternidade para mim. Hoje, maternidade, para mim, depois dos vários diplomas... Não só diplomas ao longo da vida, diplomas no sentido concreto! [risos]

Mas eu acho que, depois de tantos diplomas de vida, eu acho que eu posso dizer que eu sou uma pessoa feliz, sou uma pessoa realizada." (Ângela)

Servem de contextos para a experiência da maternidade de Gisela o seu grande desejo de ser mãe, o seu desconhecimento acerca do sistema sexual feminino, as suas duas gestações e partos, além do sentimento de deslumbramento que ela associa à maternidade. Emergem, em meio ao seu relato, além da própria Gisela e dos seus dois filhos, a sua família, seu marido Alberto, os pais do seu marido, a figura do médico, Jesus, a Virgem Maria e Deus.

É no contexto da sua primeira e da sua segunda maternidade que Ângela significa a maternidade e constrói um sentimento do que é ser mãe. Participam da sua narrativa: Ângela; Márcio, o seu marido; seus filhos; os amigos dos seus filhos; os namorados dos filhos; Gisela; algumas das empregadas que já teve.

É interessante notar que a intenção de ser mãe, no caso de Gisela, é anterior e justifica o casamento. Como ela queria ser mãe, tratou de casar, pois era impossível para ela pensar em uma produção independente. *"Para eu poder realizar o desejo da maternidade, eu comecei a pensar que eu*

tinha que casar. (...) Porque eu imagino o seguinte: sem o casamento, eu tenho a impressão que eu jamais faria isso."

Ângela, em contrapartida, vê a maternidade como uma consequência do casamento, mais que isso, como algo que a afasta do marido. *"Mas eu acho que eu tive e tenho isso com o Márcio muito forte... essa relação que a gente tem. Eu acho que a maternidade serviu para eu me separar dele, em parte. Porque aí eu não tinha... eu não podia dar atenção só para ele, eu não podia estar só com ele, eu tinha que me dedicar aos meus filhos."*

Outro ponto interessante, no relato de Gisela, é o destaque da maternidade frente aos demais momentos. Enquanto os outros momentos são marcados por uma apatia ou por sentimentos fortes com conotações bastante negativas, a maternidade é sinônimo de deslumbramento. *"Foi maravilhoso! Maravilhoso mesmo!" "(...) no princípio do casamento, eu estava só pensando nisso. Falava: 'Ah, a melhor coisa que deve ser é ser mãe!'" "Foi um deslumbramento! Foi assim uma coisa divina! Eu me senti mesmo assim, abaixo de deus, eu me senti uma santa!" "(...) eu acho que é a melhor coisa da vida da gente. Porque é um acontecimento tão grandioso! Mas tão grandioso! Porque eu acredito que nem o casamento não seja... tão grandioso quanto o nascimento de um filho. Porque é uma coisa assim, é um presente de deus! Eu não sei explicar. Eu me senti em êxtase! Fora do chão, sabe?"*

Indo além, a maternidade, para Gisela, concretiza-se com o nascimento, que configura-se, então, como um ritual de passagem. A idéia de que a mulher já nasce sabendo ser mãe, de que isso faz parte do sexo feminino, emerge em seu relato. Para Ângela, ao contrário, a mulher se torna mãe, sendo mãe; ela não nasce mãe, aprende a ser. Na verdade, o seu relato fala exatamente do seu processo de tornar-se mãe. *"Mas eu acho que eu não tinha noção (...) do que era ser mãe! A gente não nasce sabendo, né? A gente se torna mãe. A gente não é mãe ou tem curso para mãe."* *"Então, eu acho que, nesse sentido, eu me vi meio perdida, naquele momento. Sem saber o que fazer, o que era ser mãe. E, aí, o que é que eu ia fazer da minha vida? Eu tinha uma realidade concreta para viver que era acordar cedo, depois de ter passado a noite em claro. Mas, fora isso, eu acho que a segunda maternidade me ajudou a ver mais isso, porque, aí, em*

vez de ter um para preocupar, eu tinha dois. [risos] Então, me fez assumir a minha vida (...). Talvez, eu tenha acordado ara a maternidade da segunda vez.”

A maternidade, então, que, no caso de Gisela, é a experiência central na construção do feminino, no caso de Ângela, dilui-se ou mesmo contrapõe-se a outras vivências, como o estudo, o trabalho, que constituem fontes de realização pessoal. “(...) com a Laura eu não sabia o que fazer. (...) Então, eu acho que também nem quis saber também, de início. Eu fazia por fazer. Estudava, tinha aula sete horas da manhã, fazia um curso difícilíssimo que era engenharia, tinha provas difícilísimas, tinha matérias muito difíceis, e a Laura lá me exigindo três a quatro vezes à noite. (...) Então, isso para mim foi muito difícil! [silêncio] Foi muito difícil conviver com isso.” “Eu acho que isso também teve um conflito muito grande porque eu não fui criada para o casamento! [silêncio] (...) eu fui educada para ser uma profissional. Para estudar, para ganhar dinheiro, para ser independente. (...) O casamento em si não me fez cortar isso, essa relação de profissão, mas a maternidade fez. Então, eu vejo a maternidade, para mim, naquele momento, talvez, tenha sido mais oneroso, porque eu não tinha me formado, eu não tinha realizado o sonho dos meus pais.”

Considerações Finais

Constatei, a partir do desenvolvimento da minha pesquisa de bacharelado em história, a existência de uma relação dialógica, entre os vários processos educativos vivenciados pelos sujeitos, no caso as mulheres, que perpassa a própria constituição e reconstituição desses processos, conforme mencionei no texto introdutório. Comecei, então, a questionar a escolha de um espaço educativo como objeto de pesquisa e a defender a construção de uma história da educação centrada nos sujeitos, quando se objetiva compreender o aprendizado das condições femininas, isto é, a propor um deslocamento do estudo da instituição para o estudo das experiências dos sujeitos.

Buscando enfrentar o desafio de historiar a educação feminina pelo viés dos sujeitos da educação, escolhi o objeto de pesquisa do mestrado. Analisei, nessa dissertação, alguns aspectos dos processos educativos dos femininos, pensados a partir de cinco momentos da vida, que são experimentados por um número significativo de mulheres brancas, das camadas médias, a partir da adolescência, e considerados marcos importantes nas trajetórias femininas, nesse estrato social. Os cinco momentos da vida focalizados são: a menarca, o primeiro namoro, a perda da virgindade, o casamento e a maternidade. Privilegiei esses momentos, pensando-os enquanto eventos históricos e recortes temporais, isto é, enquanto tempos educativos dos femininos e enquanto marcos, que delimitam um emaranhado de processos educativos, vivenciados pelas mulheres em uma multiplicidade de espaços e tempos.

Aproximei-me da problematização de Jorge LARROSA (2002c; 2002d) sobre a experiência, o sujeito da experiência e o saber de experiência. De acordo com o autor, o saber de experiência possui algumas características essenciais, que concedem centralidade aos sujeitos.

Em primeiro lugar, é um saber finito, ligado ao amadurecimento de um indivíduo particular. (...) Em segundo lugar, é um saber particular, subjetivo, relativo, pessoal. (...) Em terceiro lugar, é um saber que não pode se separar do indivíduo concreto no qual se encarna (LARROSA; 2002c; 141-142).

É a leitura que um determinado sujeito faz de um livro, da sua escola, de uma pessoa, da sua família, de um acontecimento etc que apresenta esse sujeito, os processos que o formaram e o transformaram, segundo a noção de experiência proposta por LARROSA (2002c; 2002d). Sendo assim, importa **como** o sujeito lê as coisas e não propriamente as **coisas** que ele lê.

Acredito que, nesse sentido, essa pesquisa busca uma outra abordagem, no âmbito da historiografia educacional. Trata-se de um estudo de história da educação, a partir dos sujeitos. Além disso, a pesquisa apresenta uma abordagem da problemática da educação, para além dos processos escolares, uma vez que considera momentos das vidas enquanto tempos educativos dos femininos, temática secundária, no campo, o que pode ser observado no primeiro capítulo.

O deslocamento do estudo da instituição escolar para o estudo das experiências dos sujeitos em seus múltiplos contextos, realizada, ao longo da minha trajetória enquanto pesquisadora, anuncia novas possibilidades de trabalho. No caso dos estudos de gênero, pensar, por exemplo, a realidade de outros estratos sociais que não a classe média, de maneira a apreender as diferentes experiências dos femininos, tendo em vista um recorte de classe e não de gênero, seria interessante. Toda a infinidade de objetos de pesquisa da área da educação, na verdade, pensados a partir da lógica proposta, produziram novas leituras, em decorrência da “variação da escala de observação” e da consideração da educação em seu sentido mais amplo.

Ao longo do desenvolvimento da minha pesquisa de bacharelado, surpreendeu-me também a existência de uma grande proximidade, entre determinadas falas das senhoras que entrevistei e das jovens de classe média da atualidade, no que toca a questão de gênero, sendo que a

diferença de idade entre elas chegava a sessenta anos, conforme também afirmei no texto introdutório. Tal constatação relativizava a força do processo de emancipação das mulheres, ocorrido ao longo do século XX.

Optei, diante disso, por focar três quadros históricos distintos, definidos por um recorte geracional, na minha pesquisa de mestrado em educação. Essa dissertação analisou as experiências da menarca, do primeiro namoro, da perda da virgindade, do casamento e da maternidade de mulheres brancas de três gerações de uma mesma família da classe média belorizontina – Gisela, sua filha Ângela e sua neta Laura –, buscando apontar, a partir das peculiaridades de cada geração, os movimentos de ruptura e especialmente de permanência dos femininos e dos seus aprendizados.

As experiências de Gisela, Ângela e Laura apontaram-me rupturas radicais, na vida pública e na esfera pública da vida privada das mulheres, e, em contrapartida, permanências profundas, na esfera privada da vida privada.

Cabia, à Gisela, ser esposa, mãe e dona de casa dedicada. O mundo do trabalho poderia ser no máximo algo provisório, em sua vida. Ela deveria, portanto, exercer o seu papel social, no âmbito doméstico. Essa é a história de Gisela, que abandonou o emprego de funcionária pública, para se casar, dedicar-se à família e à casa, fazendo do marido e dos filhos a razão da sua vida.

Já a trajetória de Ângela é conformada pelo ingresso das mulheres no mercado de trabalho, e perpassada pelos conflitos implicados nessa reconfiguração do lugar das mulheres na sociedade. Ângela casou-se muito jovem, com dezenove anos, e logo teve dois filhos. Ela se formou em engenharia civil, campo ocupado majoritariamente por homens, mas exerceu por pouco o tempo a profissão, principalmente porque a vida de engenheira comprometia bastante a sua vida de mãe. Depois, fez faculdade de pedagogia, um curso tido como feminino, o mestrado em educação, e, hoje, é professora universitária. O conflito entre a profissão e a família é uma marca da trajetória de vida e da trajetória profissional de Ângela. É

perceptível, na sua fala, o desejo e a impossibilidade de conciliar esses dois mundos da maneira que julga ideal; o seu pesar de não ser uma mãe como Gisela, e, ao mesmo tempo, de não ser uma profissional como o seu pai.

A narrativa de Laura, por sua vez, permite vislumbrar, mesmo que ela ainda seja solteira e não tenha filhos, que, para ela, ser profissional é algo inerente a vida das mulheres. O ideal feminino de Laura não é o mesmo de Ângela; ela não almeja ser uma mãe ou uma profissional, nos moldes femininos e masculinos do passado. O conflito observado na história de Ângela não é uma realidade para Laura; os seus conflitos são outros. Uma marca característica do grupo geracional é o adiamento da experiência do casamento e da maternidade, para depois da entrada no mundo do trabalho e/ ou da realização profissional. Assim, tais experiências são secundarizadas, e o trabalho assume um papel central na experiência do feminino dessa geração.

Apesar de tantas rupturas radicais que observei, na vida pública e na esfera pública da vida privada de Gisela, Ângela e Laura, as suas experiências da menarca, do primeiro namoro, da perda da virgindade, do casamento e da maternidade, que fazem parte da esfera privada da vida privada, revelaram-me, permanências profundas.

Os depoimentos dessas três mulheres referentes à iniciação sexual, por exemplo, são marcados pelo silêncio. Apenas Gisela concordou em relatar o momento da perda da virgindade, mas, mesmo assim, pediu que o gravador fosse desligado em determinado ponto. Não importa que elas tenham experimentado de forma radicalmente diferenciada tal momento da vida, se é que o fizeram; importa que, tanto Gisela, quanto Ângela e Laura, não conseguem falar sobre o assunto. O silêncio que esconde as experiências da perda da virgindade dessas duas mulheres é uma permanência.

O desenvolvimento da pesquisa, enfim, levou-me a construção de uma hipótese sobre a história das mulheres no século XX: as suas rupturas estariam concentradas na vida pública, bem como a esfera pública da vida privada; as suas permanências, em contrapartida, estariam concentradas

na esfera privada da vida privada. Essa hipótese desdobrou-se em outra: a vida pública, a esfera pública e a esfera privada da vida privada das mulheres caminham, no século XX, em ritmos temporais diferenciados; a vida pública é pautada pela curta duração, a esfera pública da vida privada, pela média duração, e a esfera privada da vida privada, pela longa duração.

Tais hipóteses pontuam a existência de diversos tempos que cruzam a história das mulheres no século XX, retomando as noções de longa, média e curta duração, propostas inicialmente por Fernand BRAUDEL (1949; 1958). Vale dizer que a noção braudeliana de longa duração foi apropriada pelos historiadores do mental, e reapropriada pelos micro-historiadores (VAINFAS, 2002).²⁵

A preocupação central de BRAUDEL (1949; 1958) era, segundo suas próprias palavras, "(...) *demonstrar que o tempo avança com diferentes velocidades*" (BRAUDEL apud VAINFAS, 2002, p.20). Ele problematizou o tempo histórico da seguinte maneira:

[o] tempo longo, a "história quase sem tempo" da relação entre o homem e o ambiente geográfico; (...) [o] tempo médio, a história cambiante das conjunturas econômicas, sociais e políticas; (...) [e o] tempo curto dos acontecimentos, a antiga história *événementielle* (VAINFAS, 2002, p.20).

A teorização braudeliana do tempo histórico é de importância fundamental para o desenvolvimento do conceito de mentalidades, "(...) *concebidas como estruturas de crenças e comportamentos que mudam muito lentamente, tendendo por vezes à inércia e à estagnação*" (VAINFAS, 2002, p.20). Na história das mentalidades, o tempo da história é o tempo das estruturas, o tempo da longa duração. Entretanto, enquanto, para BRAUDEL (1949; 1958), os fenômenos de longa duração associam-se às relações entre o homem e o meio geográfico, à vida material, para os historiadores do mental, eles dizem respeito aos comportamentos, as

²⁵ Sobre a Era Braudel da Escola dos Annales e a sua terceira geração, da qual fazem parte os historiadores do mental e os micro-historiadores, ver p. 15.

religiosidades, aos sentimentos coletivos, enfim, ao que denominaram de sôtão da história (VAINFAS, 2002).

A noção de longa duração, na história das mentalidades, no entanto, foi um dos dilemas do seu aparato conceitual. Afinal, como trabalhar, nessa perspectiva, sem fossilizar a história, tornando imperceptíveis as rupturas (VAINFAS, 2002)? Michel VOVELLE (1980), diante desse dilema, propôs compatibilizar o tempo longo das permanências com o tempo curto das rupturas.

"A micro-história (...) talvez tenha conseguido alcançar essa equação difícilima (...)" (VAINFAS, 2002, p.133). Conforme Alban BENSA (1998, p.54):

Os estudos micro-históricos nos dão uma consciência aguda do tempo curto, aquele que os homens acionam efetivamente em suas vidas. Em troca, é o peso do tempo longo que é desvendado, porque muitas das formas que os atores integram ao seu próprio presente se encontram em outras épocas e mesmo em outros lugares.

As hipóteses que constituem conclusões dessa dissertação anunciam uma nova possibilidade de pesquisa. É interessante pensar em alargar o recorte temporal utilizado, em trabalhar com o período que se estende da segunda metade do século XIX ao final do século XX. Assim, seria analisado um número maior de gerações de mulheres. Seria observada, nesse caso, a associação dos movimentos de ruptura e permanência, que perpassam a história das mulheres no século XX, com as diferentes esferas da vida? Em caso afirmativo, os movimentos de ruptura e de permanência tornar-se-iam mais ou menos marcantes, ressaltando uma diacronia ou uma sincronia, entre as esferas das vidas das mulheres?

Fontes Primárias

- Entrevista com Gisela, composta de três (03) sessões de aproximadamente uma (01) hora, realizada nos dias 18 e 26 de maio e no dia 1º de junho de 2000.
- Entrevista com Gisela, composta de uma (01) sessão de aproximadamente uma (01) hora, realizada no dia 31 de março de 2003.
- Entrevista com Ângela, composta de quatro (04) sessões de aproximadamente uma (01) hora, realizada nos dias 24 de fevereiro, 20 de março, 1º de abril e 17 de junho de 2003.
- Entrevista com Laura, composta de três (03) sessões de aproximadamente uma (01) hora, realizada nos dias 04 de fevereiro, 26 de abril e 22 de junho de 2003.
- Inventário do Acervo Fotográfico de Ângela.
- Questionários elaborados e aplicados à Gisela, Ângela e Laura.
- *Página Feminina* do Jornal Estado de Minas de 1948.
- *Caderno Feminino* do Jornal Estado de Minas de 1977 e 1997.

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989. 202p.
- ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimento do sudeste do Brasil, 1750-1822*. 2ª ed. (1ª ed.: 1993) Rio de Janeiro: José Olympio, 1999. 349p.
- ALMEIDA, Ana Maria F. & NOGUEIRA, Maria Alic (orgs.). *A escolarização das elites: um panorama internacional de pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 2002. 222p.
- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. Caxambu, set.1995. Trabalho apresentado na XVIII Reunião Anual da ANPED. 14p.
- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. 1ª imp. São Paulo: UNESP, 1998. 225p.
- ALVES-MAZZOTI, Alda Judith & GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.
- AMORIM, Marina Alves. Combates pela história: a "guerra dos sexos" na historiografia. In: GREGORI, Maria Filomena (org.) *Cadernos Pagu: erotismo, prazer, perigo*. n°20. Campinas: Pagu/UNICAMP, 2003. p.219-244.
- AMORIM, Marina Alves. Por uma história da educação para além da escola. In: *Anais do II Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais*. Uberlândia: EDUFU, 2004.
- AMORIM, Marina Alves. *Trajetórias de vida de ex-alunas do Colégio Santa Maria*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2001. 51p. Monografia de bacharelado.
- ARCE, Alessandra. *A imagem da mulher nas idéias educacionais de Pestalozzi: o aprisionamento ao âmbito privado (doméstico) e à maternidade angelical*. Caxambu, 2001. Trabalho apresentado na XXIV Reunião Anual da ANPED. 17p.
- ARIAS NETO, José Miguel. *Fotografia e História*. Manuscrito. 07p.
- ARROYO, Miguel G. *Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos movimentos sociais?* Manuscrito. 19p.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. *La notion de génération: usages sociaux et concept sociologique*. Manuscrito. 15p.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. *Sociologie des generations: l'empreinte du temps*. Paris: PUF, 1988. 249p.
- BARROS, Myriam Lins de. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. 152p.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. (Tradução de Sérgio Milliet. *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1949.) 11ª imp. (1ª ed.: s.d.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 309p.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. (Tradução de Sérgio Milliet. *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1949.) 9ª imp. (1ª ed.: 1980) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 500p.
- BECKER, Howard S. *Método de pesquisa em ciências sociais*. 2ª ed. (Tradução de Marco Estevão e Renato Aguiar.) São Paulo: HUCITEC, 1994.
- BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- BENSA, Alban. Da micro-história a uma antropologia crítica. In: REVEL, Jacques (org.) *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. (Tradução de Dora Rocha. *Jeux d'échelles: la micro-analyse à l'expérience*. Paris: Seuil/ Gallimard, 1996.) Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 39-76.
- BESSA, Karla Adriana Martins (org.). *Cadernos Pagu: trajetórias do gênero, masculinidades...* v.11. Campinas: PAGU/UNICAMP, 1998. 444p.
- BICALHO, Marly Gonçalves. *História da educação no feminino (1895-1903)*. São Paulo, set.1991. Trabalho apresentado na XIX Reunião Anual da ANPED. 12p.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. 2ª ed. (1ª ed: 2001) (Tradução André Telles. *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*. Paris: Armand Colin, 1993.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 159p.
- BONACCHI, Gabriella & GROPPI, Ângela (org.). *O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres*. (Tradução de Álvaro Lorencini. *Il dilemma della cittadinanza: diritti e doveri delle donne*. Itália: Gius. Laterza & Figli, 1993.) São Paulo: UNESP, 1995. 312p.
- BONATO, Nailda Marinho da Costa. *Uma escola de formação profissional para o sexo feminino no Distrito Federal: a escola profissional Paulo de Frontin (1919)*. Caxambu, 2001. Trabalho apresentado na XXIV Reunião Anual da ANPED. 08p.
- BOSI, Éclea. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. 6ª ed. (1ª ed.: 1973.) São Paulo: Cia das Letras, 1998. 484p.
- BRAUDEL, Fernand. "A longa duração". 1958
- BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*. 1ª ed. (Tradução de La Méditerranée et le monde méditerranéen a l'époque de Philippe II. Paris: A. Colin, 1966.) Lisboa: Martins Fontes, 1983-1984.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins (org.). *Revista Brasileira de História 18: A mulher e o espaço público*. V.9, nº18. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, ago./set.1989. 263p.
- BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2001. 554p.
- BRUSCHINI, Cristina; ARDAILLON, Danielle & UNBEHAUM, Sandra G. *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres*. São Paulo: FCC/ Ed.34, 1998. 304p.
- BURGUIÈRE, André. Anais (Escola dos). BURGUIÈRE, André (org.). *Dicionário das ciências históricas*. (Tradução de Henrique de Araújo Mesquita. *Dictionnaire des sciences historiques*. Paris: PUF, 1986.) Rio de Janeiro: Imago, 1993. p.49-54.
- BURGUIÈRE, André (org.). *Dicionário das ciências históricas*. (Tradução de Henrique de Araújo Mesquita. *Dictionnaire des sciences historiques*. Paris: PUF, 1986.) Rio de Janeiro: Imago, 1993. 776p.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. 7ª imp. (Tradução de Nilo Odália. *The french historical revolution: the Annales School, 1929-1989*. Inglaterra, 1993.) São Paulo: UNESP, 1997. 154p.
- BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. 5ª imp. (1ª ed.: 1992) (Tradução de Magda Lopes. *New perspectives on historical writing*. Inglaterra: Blackwell Limited, 1991) São Paulo: UNESP, 1992. 354p.
- BURKE, Peter. *História e teoria social*. (Tradução de Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer. *History & Social Theory*. Inglaterra, 1992.) São Paulo: UNESP, 2002. 275p.
- BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. (Tradução de Alda Porto. *Varieties of Cultural History*. Inglaterra: Polity Press/ Blackwell Publishers, 1997.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 318p.
- Cadernos de Pesquisa: a família em destaque*. n.1. (jul.1971) São Paulo: FCC, 1971. 112p.
- CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. 2ª imp. (1ª ed.:1999.) São Paulo: UNESP, 1999. (Tradução de Álvaro Lorencini. *Storia della pedagogia*. Itália: Gius. Laterza & Figli, 1995.) 701p.
- CAMPOS, Maria Christina S. de Souza. "A associação da fotografia aos relatos orais na reconstrução histórico-sociológica da memória familiar". In: *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo: CERU/USP, 1992.

- CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. 11ª tiragem. Rio de Janeiro: Campus, 1997. 508p.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). *A família contemporânea em debate*. 3ª ed. (1ª ed.: 1995) São Paulo: EDUC/ Cortez, 2000. 122p.
- CARVALHO, Marie Jane Soares. *A história de vida e as práticas sociais de classe, raça e gênero*. Caxambu, out.1994. 26p.
- CARVALHO, Marie Jane Soares. *Práticas discursivas na produção e reprodução de gênero*. Caxambu, set.1993. Trabalho apresentado na XVI Reunião Anual da ANPED. 12p.
- CATANI, Denice Bárbara & FARIA FILHO, Luciano Mendes de. "Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT de História da Educação da ANPED (1985-2000)". In:
- COELHO, Maria Inês de Matos. *Escola Normal – Instituto de Educação: reconstrução da história da educação elementar (Minas Gerais –1906/69)*. São Paulo, set.1991. Trabalho apresentado na XIX Reunião da ANPED. 29p.
- CORRÊA, Mariza (org.) *Cadernos Pagu: Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX*. V.12. Campinas: Pagu/UNICAMP, 1999. 404p.
- COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina. "Uma contribuição ímpar: os *Cadernos de Pesquisa* e a consolidação dos estudos de gênero". In: *Cadernos de Pesquisa*. nº 80. São Paulo: FCC, 1992.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 149p.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. *Literatura e educação: os romances de formação e a educação feminina*. Caxambu, 1999. Trabalho apresentado na XIX Reunião Anual da ANPED. 05p.
- D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. "Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora". In: *Revista Brasileira de História: Memória, história, historiografia*. V.13, nº 97-103. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, set.1992/ago.1993. p.97-103.
- DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2ª.ed. (1ª ed.: 1997) São Paulo: Contexto, 1997. 678p.
- DEL PRIORE, Mary (org.). *Revisão do paraíso: os brasileiros e o Estado em 500 anos de história*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- DOSSE, François. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. (Tradução Ivone Castilho Benedetti. *L'histoire a l'apreuve du temas*. França: s.d.) São Paulo: UNESP, 2001. 321p.
- DUBY, Georges & PERROT, Michelle (orgs.). *História das Mulheres. O século XX*. (Tradução de *Storia delle donne*. Roma: Gius. Laterza & Figli Spa, 1991.) Porto: Afrontamento, s.d. 699p.
- DUBY, Georges & ARIÈS, Philippe (orgs.). *História da vida privada 5: da Primeira Guerra a nossos dias*. 6ª imp. (1ª ed.: 1992) (Tradução de Denise Bottmann. *Histoire de la vie privée, vol. 5: de la Première Guerre Mondiale à nos jours*. Paris: Seuil, 1987.) São Paulo: Cia das Letras, 1999. 633p.
- DUMOULIN, Olivier. Événementielle [Acontecimental] História. In: BURGUIÈRE, André (org.). *Dicionário das ciências históricas*. (Tradução de Henrique de Araújo Mesquita. *Dictionnaire des sciences historiques*. Paris: PUF, 1986.) Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 315-316.
- Educação & Realidade: Gênero e educação*. v.20, n.2. Porto Alegre: UFRGS, jul./dez.1995. 255p.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. (Tradução de Vera Ribeiro. *Über die Zeit*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1984.) Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 165p.
- ESSUS, Ana Maria de Sousa Andrade. "O olho da história". In: *Acervo*. V.6, nº1-2. Rio de Janeiro: jan./dez.1993. p.25-40.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de & VALENTIM, Silvani dos Santos. "Organizando para instruir, coagindo para educar: raça e gênero na educação mineira da Primeira República." In: *Teoria e Educação. Discurso pedagógico e poder*. nº5. Porto Alegre: UFRGS, 1992. p.149-160.

- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 2ª ed. (1ª ed.: 1996.) Rio de Janeiro: FGV, 1998. 304p.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria & ALBERTI, Verena (orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz; CPDOC/FGV, 2000. 204p.
- FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. *Historiografia da educação na América Portuguesa: balanço e perspectivas*. Manuscrito. 17p.
- FRAGA, Alex Branco. *Corpo, identidade e bom mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 168p.
- FREITAS, Marcos Cezar de. *Da micro-história à história das idéias*. São Paulo: Cortez/ USF-IFAN, 1999. 109p.
- FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- GATTAZ, André Castanheira. *Lapidando a fala bruta: a textualização em história oral*. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). *(Re) Introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996. p.135-140.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. São Paulo: LTC, 1989. 323p.
- GREGORI, Maria Filomena (org.) *Cadernos Pagu: erotismo, prazer, perigo*. n°20. Campinas: Pagu/UNICAMP, 2003. 244p.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor, erotismo nas sociedades modernas*. 4ª imp. (1ª ed.: 1992) (Tradução de Magda Lopes. *The transformation of intimacy: sexuality, love & eroticism in modern societies*. s.l., 1992.) São Paulo: UNESP, 1993. 228p.
- GINZBURG, Carlo. Entrevista. In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história: nove entrevistas*. 1ª imp. São Paulo: UNESP, 2000. p.269-306.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. 4ª imp. (1ª ed.: 1989) (Tradução de Federico Carotti. *Mitti, emblemi, spie: morfologia e storia*. Turim: Einaudi, 1986.) São Paulo: Cia das Letras, 2001. 281p.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. 2ª ed. 1ª imp. (1ª ed.: 1987) (Tradução de Maria Betânia Amoroso. *Il formaggio e i vermi. Il cosmo di un mugnaio del '500*. Turim: Einaudi, 1976.) São Paulo: Cia das Letras, 2001. 309p.
- GONÇALVES, Betânia Diniz. *Transformações da identidade de gênero entre mulheres, no século XX, em Minas Gerais: um estudo em três gerações*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2000. Dissertação de mestrado. 160p.
- GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. *Mestre: profissão professor(a) – processo de profissionalização docente na província mineira no período imperial*. Caxambu, 2000. Trabalho apresentado na XXXIII Reunião Anual da ANPED. 11p.
- GROSSI, Miriam Pillar. "Jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina". In: *Cadernos de Pesquisa*. n°73. São Paulo: FCC, mai.1990.
- HADDAD, Maria de Lourdes Amaral & SANTOS, Maria Aparecida Paiva dos. *A educação das mulheres em Belo Horizonte: a contribuição das dominicanas do Colégio Santa Maria*. Belo Horizonte: FaE/UFMG, s.d. Relatório de pesquisa.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. (Tradução de Laurent Leon Schaffter. *Le mémoire collective*. Paris: PUF, 1968.) São Paulo: Vértice, 1990. 189p.
- História oral*. n° 1. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, jun.1998. 197p.
- História oral*. n° 2. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, jun.1999. 188p.
- História oral*. n° 3. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, jun.2000. 144p.
- História oral*. n° 4. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, jun.2001. 191p.

- HUNT, Lynn (org.). *A nova história cultural*. 2ª ed. (1ª ed.: 1992) (Tradução Jefferson Luiz Camargo. *The new cultural history*. EUA: University of Califórnia, 1992.) São Paulo: Martins Fontes, 2001. 317p.
- IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- JULIA, Dominique. Educação. BURGUIÈRE, André (org.). *Dicionário das ciências históricas*. (Tradução de Henrique de Araújo Mesquita. *Dictionnaire des sciences historiques*. Paris: PUF, 1986.) Rio de Janeiro: Imago, 1993. p.264-274.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). *(Re) Introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996. p.33-47.
- LARROSA, Jorge & SKLIAR, Carlos. *Habitantes de babel: políticas e poéticas da diferença*. (Tradução de Semíramis Gorini da Veiga.) Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 304p.
- LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2ª.ed. (Tradução de Alfredo Veiga-Neto.) Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.133-160.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: ANPED. *Revista Brasileira de Educação*. n.º 19. (Tradução de João Wanderley Geraldi.) Rio de Janeiro: Autores Associados, jan-abr 2002. p. 20-28.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4ª ed. 1ª imp. (1ª ed.: 1998.) (Tradução de Alfredo Veiga-Neto.) Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 208p.
- LE GOFF, Jacques (org.). *A história nova*. 4ª ed. 2ª tir. (1ª ed.: 1990) (Tradução Eduardo Brandão. *La Nouvelle Histoire*. Paris: Retz Cepl, 1978.) São Paulo: Martins Fontes, 2001. 318p.
- LEITE, Miriam L. Moreira & VON SIMSON, Olga R. de Moraes. "Imagem e linguagem: reflexões de pesquisa". In: *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo: CERU/USP, 1992. p.117-138.
- LEITE FILHO, Aristeo. *Heloísa Marinho: educadora de educadoras na educação infantil do Rio de Janeiro*. Caxambu, 2000. Trabalho apresentado na XXIII Reunião Anual da ANPED. 14p.
- LE VEN, Michel Marie; FARIA, Érika de & MOTTA, Miriam Remeto de Sá. "História oral de vida: o instante da entrevista." In: *História Oral*. Campinas: CMU/UNICAMP, 1997. p.213-225.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. 5ª imp. (1ª ed.: 1992) (Tradução de Magda Lopes. *New perspectives on historical writing*. Inglaterra: Blackwell Limited, 1991) São Paulo: UNESP, 1992. p.133-161.
- LIMA, Marta Maria Leone. *O magistério e a destinação feminina no Brasil*. Caxambu, 1995. Trabalho apresentado na XVIII Reunião Anual da ANPED. 05P.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. (Tradução de Maria Lúcia Machado. *La troisième femme: permanence et revolution du féminin*. Paris: Gallimard, 1997.) São Paulo: Cia das Letras, 2000. 339p.
- LOPES, Ana Amélia Borges de Magalhães; GONÇALVES, Irlen Antônio; FARIA FILHO, Luciano Mendes de & XAVIER, Maria do Carmo (orgs.). *História da educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FUMEC, 656p.
- LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. *Imagens do masculino e do feminino: co-educação e profissão docente no Piauí (1874-1910)*. Caxambu, 1998. Trabalho apresentado na XXI Reunião Anual da ANPED, 1998. 15p.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. "Histoire des Femmes: uma revisão bibliográfica". In: LOPES, Eliane Marta Teixeira & LOURO, Guacira Lopes (orgs.). *Educação & Realidade*. V.16, n.º2. Porto Alegre: UFRGS, jul./dez.1990. p.23-32.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. 4ª.ed. (1ª ed.: 1997) Petrópolis: Vozes, 2001. 179p.
- LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. In: PRIORI, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2ª.ed. (1ª ed.:1997) São Paulo: Contexto, 1997. p.443-481.

- LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 176p.
- LOURO, Guacira Lopes. *Os estudos de gênero e a história da educação: desafios de uma proposta teórica*. Caxambu, out.1994. 25p.
- LOURO, Guacira Lopes. "Prendas e antiprendas: educando a mulher gaúcha." In: *Educação e Realidade*. V.11, nº2. Porto Alegre: UFRGS, jul./dez.1986. p.25-56.
- LOURO, Guacira Lopes. *Produzindo sujeitos masculinos e cristãos*. Caxambu, 1995. Trabalho apresentado na XVIII Reunião Anual da ANPED. 20p.
- LUCAS, Cleomara Maria Schwartz. *O início da escolarização formal da mulher capixaba (1845-1850)*. Caxambu, 2001. Trabalho apresentado na XXIV Reunião Anual da ANPED. 08p.
- MAGALHÃES, Acelí de Assis. *Histórias de mulheres: considerações sobre a privação e a privacidade na história das mulheres*. São Paulo: Altana, 2001. 215p.
- MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (org.). *Mannheim: sociologia*. (Tradução de Cláudio Marcondes. The sociological problem of generations. In: *Essays on the sociology of knowledge*. Londres: Routledge & Kenan Paul, 1952.) São Paulo: Ática, 1982. p.67-95.
- MEYER, Dagmar & LOURO, Guacira Lopes. *A escolarização do doméstico. A construção de uma escola técnica feminina (1946-1970)*. Caxambu, set.1993. Trabalho apresentado na XVI Reunião Anual da ANPED. 26p.
- MITRE, Antônio. *El dilema del Centauro: ensayos de teoría de la historia y pensamiento latinoamericano*. La Paz: Universidad Mayor de San Andrés, s.d.
- MONTENEGRO, Antônio Torres & FERNANDES, Tânia Maria (orgs.). *História oral: um espaço plural*. Recife: Universitária/UFPE, 2001. 368p.
- MORAES, Marieta de (org.). *História oral*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. 117p.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. *Isabel Gondim: uma vida pela educação*. Caxambu, 2000. Trabalho apresentado na XXIII Reunião Anual da ANPED. 09p.
- MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. 2ª ed. São Paulo: SENAC, 1999.
- MOURA, Geovana Ferreira Melo & INÁCIO FILHO, Geraldo. *Educação feminina na escola profissional: a arte de ensinar*. Caxambu, 2002. Trabalho apresentado na XXV Reunião Anual da ANPED. 08p.
- MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Um toque de gênero. História e educação em Minas Gerais (1835-1892)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/ FINATEC, 2003. 357p.
- NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (orgs.). *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. 3ª ed. (1ª ed.: 1998) Petrópolis: Vozes, 2001. 251p.
- OLIVEIRA, Sueli Teresa de. *Racionalizando a maternidade e o saber-fazer doméstico: programa de economia doméstica e puericultura da EPF de São Paulo, 1929*. Caxambu, out.1994. Trabalho apresentado na XVII Reunião Anual da ANPED. 09p.
- PAIXÃO, Cândida Gomide. *A margem da imagem: fotografia e história da infância - 1950/1960*. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2003. Dissertação de mestrado. 158p.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história: nove entrevistas*. 1ª reimpressão. São Paulo: UNESP, 2000. 348p.
- PASSOS, Elizete Silva. *As ursulinas e a educação feminina na Bahia: o coração como meta de uma ação educativa*. Caxambu, set.1993. 25p.
- PASSOS, Elizete Silva. *Pressupostos teóricos e morais da educação ursulina*. Caxambu, out.1994. Trabalho apresentado na XVII Reunião Anual da ANPED. 10p.
- PAULA, Tanya Pitanguy de. *Abrindo os baús: tradições e valores das Minas e das Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 166p.
- PERELMUTTER, Daisy & ANTONACCI, Maria Antonieta (org.) *Projeto História 15. Ética e história oral*. São Paulo: EDUC, abr.1997. 293p.

- PERROT, Michelle. A dona de casa no espaço parisiense no século XIX. In: PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. 3ª.ed. (1ª ed.: 1988) (Tradução de Denise Bottmann. La ménagère dans l'espace parisien au XIXe siècle. In: *Les annales de la recherche urbaine. Recherches et débats n°9*, outono 1980.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p.213-231.
- PERROT, Michelle. A mulher popular rebelde. In: PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. 3ª.ed. (1ª ed.: 1988) (Tradução de Denise Bottmann. La femme populaire rebelle. In: *Les histoire sans qualités. Essais*. Galilée, 1979.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p. 185-212.
- PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. 3ª.ed. (1ª ed.: 1988) (Tradução de Denise Bottmann. Les femmes, le pouvoir, l'histoire. In: PERROT, Michelle (org.) *Une histoire des femmes est-elle possible?* Rivages, 1984.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p.167-184.
- PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. (Tradução de Roberto Leal Ferreira. *Femmes publiques*. França: Les éditions textuel, 1997.) São Paulo: UNESP, 1998. 159p.
- PERROT, Michelle. "Práticas da memória feminina". In: BRESCIANI, Maria Stella Martins (org.). *Revista Brasileira de História 18: A mulher e o espaço público*. V.9, n°18. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, ago./set.1989. p.09-18.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 130p.
- PIMENTA, Jussara Santos. "Pavilhão Mourisco": biblioteca e educação em Cecília Meireles. Caxambu, 2001. Trabalho apresentado na XXIV Reunião Anual da ANPED. 17p.
- POLLAK, Michel. "Memória, esquecimento, silêncio". In: *Estudos Históricos*. V.2, n°3. Rio de Janeiro: FGV, 1989. p03-15.
- Projeto História 17. Trabalhos da memória*. São Paulo: EDUC, nov.1998. 495p.
- Projeto História 22. História e oralidade*. São Paulo: EDUC, jun.2001. 453p.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, s.d.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- REIS, José Carlos. *Escola dos Annales. A inovação em história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 200p.
- REVEL, Jacques. Apresentação. In: REVEL, Jacques (org.) *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. (Tradução de Dora Rocha. *Jeux d'échelles: la micro-analyse à l'expérience*. Paris: Seuil/ Gallimard, 1996.) Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 07-14.
- REVEL, Jacques (org.) *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. (Tradução de Dora Rocha. *Jeux d'échelles: la micro-analyse à l'expérience*. Paris: Seuil/ Gallimard, 1996.) Rio de Janeiro: FGV, 1998. 264p.
- Revista brasileira de história. Família e grupos de convívio*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, vol.9, n° 17, set. 1988/ fev. 1989. 236p.
- RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. *A educação feminina durante o séc.XIX: o Colégio Florence de Campinas (1863-1889)*. Caxambu, out.1994. Trabalho apresentado na XVII Reunião Anual de ANPED. 09p.
- RIBEIRO, Renato Janine. "Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firma". In: *Tempo Social*. V.11, n°1. São Paulo: USP, mai.1999. p.189-196.
- SAMAIN, Etienne. 'Memórias antropológicas' em torno de um álbum fotográfico: fotografia, morte e história. Belo Horizonte: 1999. Transcrição da conferência proferida no V Encontro Nacional de História Oral. Manuscrito. 07p.
- SCHUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Boitempo/ Editora do SENAC, 1999. 164p.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil 4. Contrastes da intimidade contemporânea*. 1ª imp. (1ª ed.: 1998) São Paulo: Cia das Letras, 2000. 821p.

- SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. 5ª imp. (1ª ed.: 1992) (Tradução de Magda Lopes. *New perspectives on historical writing*. Inglaterra: Blackwell Limited, 1991) São Paulo: UNESP, 1992. p.63-95.
- SILVA, Regina Coeli da Silveira e. Um estudo de gênero na educação brasileira. In: ANPED. *Anais da 25ª Reunião Anual da ANPED – Educação: manifestos, lutas e utopias*. Caxambu/MG: ANPED, out.2002.
- SOARES, Carmen. *Imagens da educação no corpo*. 2ª ed. (1ª ed.: 1998.) Campinas: Autores Associados, 2002. 145p.
- SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. 11ª tiragem. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 275-296.
- SOUSA, Cynthia Pereira de. *Os caminhos da educação masculina e feminina no debate entre católicos e liberais: a questão da co-educação dos sexos, anos 30 e 40*. Caxambu, out.1994. Trabalho apresentado na XVII Reunião Anual da ANPED. 20p.
- TAMBARA, Elomar. *Profissionalização, Escola Normal, e feminilização: magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX*. Caxambu, 1997. Trabalho apresentado na XX Reunião Anual da ANPED. 23p.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. "O tempo no registro da experiência". In: *Caderno de Ciências Sociais*. V.6,nº9. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, ago.1999. p.43-53.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2ª ed. (1ª ed.: 1992) (Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. *The voice of the past – oral history*. Inglaterra, 1978.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. 385p.
- VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. 11ª tiragem. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 127-162.
- VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história: os protagonistas anônimos da história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002. 163p.
- VEIGA, Cynthia Greive & PINTASSILGO, Joaquim. Pesquisas em História da Educação no Brasil e em Portugal: caminhos da polifonia. Manuscrito. 18p.
- VEYNE, Paul. *O inventário das diferenças: história e sociologia*. (Tradução de Sônia Salztein. *L'inventaire des différences*. Paris: Seuil, 1976.) São Paulo: Brasiliense, s.d. 55p.
- VIDAL, Diana Gonçalves & FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da Educação no Brasil: um território de disputa. Manuscrito. 45p.
- VILHENA, Cynthia Pereira de Sousa. *Livros, leitoras e práticas de leitura: a imprensa católica e a modelagem da juventude feminina (1920/1950)*. Caxambu, set.1993. 22p.
- VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Imagem e memória. Manuscrito. 08p.
- VON SIMSON, Olga. Som e imagem na pesquisa qualitativa em Ciências Sociais: reflexões de pesquisa. Manuscrito. 13p.
- VOVELLE, Michel. "Sobre a longa duração". 1980.
- WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. (Tradução de Lya Luft.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- WERLE, Flávia; DORNELLES, Rute; AUZANI, Luciana; BACKES, Luciana; KOCH, Vivian & TOIGO, Greyce. *Processos de feminização do magistério*. Caxambu, 2001. Trabalho apresentado na XXIX Reunião Anual da ANPED. 18p.
- ZHOURI, Andréa. *Trees and people: an anthropology of british campaigners for the Amazon Rainforest*. Essex/Inglaterra, 1998. p.56-89.